DOCUMENTOS,

JUIZO CRITICO E ORÇAMENTO

RELATIVOS

AO

MONUMENTO PATRIOTICO DO BRASIL

DESTINADO

AO

CAMPO D'ACCLAMAÇÃO

NO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS POR ORDEM

DA

ILLUSTRISSIMA CAMARA MUNICIPAL DA CORTE

POR

F. de A. M. Caminhoá.

Engenheiro architecto, um dos autores e encarregado dos trabalhos do dito monumento

RIO DE JANEIRO.

Typographia — Perseverança — rua do Hospicio n. 91.

—

1874.

INSTITUTO DOS SURDOS-MUDOS
3727
OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO

OR
731.76
C183d

450721

Escola Nacional
Belas
Bi. B.
Reg. 35 1965

329/11
26.05.2011

Escola Nac. de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

AO LEITOR.

Este folheto tem por fim relatar escrupulosamente a historia resumida do monumento patriotico destinado ao campo d'Acclamação.

Aqui se acha tudo quanto á respeito se tem dado até hoje afim de que todos aquelles que não poderam seguir esta campanha artistica de oito annos possam julgar por si mesmos da importancia delle.

Desejo e espero em Deus e no patriotismo de Suas Magestades, dos Augustos Representantes da Nação, dos altos funccionarios publicos, do Commercio, e de todos os meus compatriotas emfim, poder inaugurar para a Architectura no Brasil uma nova epocha, que começa pela obra grandiosa destinada á commemoração dos feitos heroicos dos bravos que deffenderam nossa Patria na guerra mais terrivel e collossal da America no Sul!

Em todas as éras da vida dos grandes povos, e até mesmo algumas vezes durante sua decadencia, o altar de Deus e da Patria foram os assumptos mais imponentes das maiores producções artisticas. Ante o altar da Patria nós os brasileiros, que descendemos dos povos heroicos, escrevamos sobre o bronze

os nomes dos bravos que souberam bem merecer della: fôra um crime esquecel-os!

Quando Suas Magestades estiveram na Europa abriram a subscripção nacional; como Ellas assignaram Suas Altezas as Senhoras D. Francisca e D. Januaria, o Sr. Duque de Saxe, Conde de Aquila, Ministros Representantes do Brasil nos diversos paizes da Europa e Consules, muitos compatriotas e alguns nobres e gratos estrangeiros que viveram no Brasil, entre os quaes predominaram os Portuguezes, *que foram os unicos que deffenderam nossa causa* quando a imprensa estrangeira toda nos accusava, por estar mal informada em relação a guerra do Paraguay.

A protecção de Suas Altezas a Sra. Condessa e o Sr. Conde d'Eu, que immediatamente assignaram tambem na lista dos subscriptores, a adhesão e decidida iniciativa dos dignos ex-membros da Camara Municipal da Côrte, a sympathia e promessas sinceras da Praça do Commercio desta cidade, a dedicada coadjuvação e animação das classes militares de mar e terra e a espontaneidade do Ministerio me fizeram crer então na immediata realisação do projecto

Circumstancias porém alheias á vontade de todos fizeram com que se demorasse para mais tarde a execução, que certamente agora será levada avante.

A concessão, por exemplo, dos canhões de bronze, apezar dos bons desejos e promessas do Exm. Sr. Ministro da Guerra, então dependia, como elle fez ver, da approvação das Camaras, que naquella occasião, ou pouco depois foram dissolvidas.

Mais tarde vieram as eleições, e depois terminou-se o mandato da Illma. Camara Municipal, que entendia melhor, em vez de appellar-se para a subscripção pelas provincias, o que sería seguro, porém muito tardio, pedir aos Representantes da Nação para votarem uma somma sufficiente para serem adiantados os trabalhos do Monumento; devendo contribuir com a verba precisa para realisação desse grandioso trabalho, as classes do Commercio, Guerra, Marinha, etc., etc., opinião que é a mesma da actual Illma. Camara Municipal.

A principio quasi esmoreci; mas a causa santa que advogo deu-me coragem, que decuplicou logo que o paiz inteiro apatrocinou minha idéa.

Enchi-me de nobre orgulho como brasileiro e como architecto, quando tive o apoio de conservadores, liberaes e republicanos, como se vê dos differentes artigos que adiante vão publicados.

Eis-me portanto de novo no Brasil juncto á Illma. Camara Municipal, á quem rendo os mais cinceros agradecimentos por sua cortezia e protecção, junto ao Ministerio que tanto patriotismo tem sempre demonstrado, junto aos Augustos Representantes da Nação que têm tanto concorrido com sua sabedoria para o engrandecimento do Paiz, junto emfim do Protector das sciencias, letras e artes, e junto da imprensa que representa a opinião do Paiz; e assim consiguirei ver agora realisada a construcção do — *Monumento patriotico dedicado aos bravos da guerra do Paraguay.*

No primeiro estudo procurei sómente commemorar *as Victorias de nossas armas*; agora, depois das criticas, que tambem publíco, procuro representar a *paz alcançada depois das victorias*; o que é sem duvida mais grandioso e em nada diminue o valor e o sacrificio de nossos heróes, além de tornar mais sympathico o motivo que levou o Brasil á erigir a grandiosa columna no Rio de Janeiro.

PRIMEIRA PARTE.

DOCUMENTOS POR ORDEM CHRONOLOGICA.

Ao Exm. Sr. Ministro de Agricultura, Commercio e Obras Publicas, Conselheiro Dr. Antonio Francisco de Paula e Souza.

Illm. Exm. Sr.— Tomo a liberdade de com todo respeito enviar á V. Ex. a photographia de um esboço para um monumento que poderá ser erigido no Rio de Janeiro, em memoria das victorias obtidas por nossas armas no Paraguay.

Esse projecto, que eu estudei juntamente com meu collega o Sr. Paulo Bénard, architecto francez, deponho nas mãos de V. Ex. com o pedido de que V. Ex. digne-se acceital-o com a costumada benevolencia.

Tenho a honra de, nesse caso, solicitar á V. Ex. um credito de dez mil francos para a execução de um modelo de cinco á seis metros de altura, reproduzindo assim a quarta parte da verdadeira altura. Sería muito feliz se V. Ex. quizesse attender o meu pedido; ficando eu desse modo com o direito de poder apresentar na secção da exposição brasileira, em Paris, o resultado de meus constantes estudos, e de expor á critica de meus patricios um projecto de monumento, que poderá ser levado a effeito no Rio de Janeiro, por meio de uma subscripção nacional, no momento de assignar-se a paz.

Tomo por fim ainda a liberdade de communicar á V. Ex. que ha 10 annos, que aqui me acho, tendo terminado meus estudos com proveito e consciencia — tendo sido muito ajudado pelo Governo de minha provincia. Confiado na bondade de V. Ex., fico na esperança de que V. Ex. prestará ouvidos á minha proposta.

Assigno-me com profundo respeito e consideração.

De V. Ex.— Muito attencioso criado.— *F. Caminhoá.*— Paris, 23 de Junho de 1866.

Directoria de Obras Publicas e Navegação. — Rio de Janeiro.— Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, em 21 de de Agosto de 1866.

Illm. Sr. — Tendo sido recebida nesta Secretaria de Estado com o seu officio datado de 23 de Junho proximo findo, a photographia de um esboço de projecto

para um Monumento, que poderá ser erigido nesta capital em memoria das victorias alcançadas pelas armas brasileiras no Paraguay, cabe-me o prazer de communical-o á V. S. de ordem de S. Ex. o Sr. Ministro desta repartição.

Deus Guarde á V. S.— *Manoel da Cunha Galvão.* — Sr. F. de Azevedo Monteiro Caminhoá.

Monsieur le Ministre. (*)—J'ai l'honneur de rappeler à V, Ex. que je lui ai fait parvenir, au mois de Juin 1866, un projet fait en collaboration avec un de mes amis, et dont V. Ex. a daigné m'accuser réception par sa lettre du 21 Août 1866.

Dès cette époque, certain de l'issue heureuse de la guerre entreprise par notre brave armée de mer et de terre, *je songeai le premier* à l'idée d'élever un monument patriotique en memoire des victoires remportées. Ce projet alors prématuré trouve son application immédiate aujourd'hui par suite de la prise d'Assomption et l'anéantissement complet du tyran de la République du Paraguay, et par conséquent de la conclusion prochaine de la paix.

Je crois répondre aux voeux de mes compatriotes en proposant une *souscription publique* pour élever à notre Brèsil et à sa glorieuse armée un monument solennel de notre reconnaissance et de notre admiration.

(*) Estes e outros officios foram dirigidos em francez por ser meu socio francez, e desejar perfeitamente conhecer o conteúdo delles.

J'éspère, Monsieur le Ministre, recevoir incessamment de V. Ex. une réponse favorable qui nous permettra d'étudier tout de suite notre projet qui n'est qu'à l'état d'esquisse. en attendant le résultat de la souscription pour commencer l'exécution définitive.

J'ai l'honneur d'être, Monsieur le Ministre, votre très humble et très obéissant serviteur. — *F. de A. Caminhoá.* — Paris, 7 Avril 1868.

Directoria Central. — Rio de Janeiro, em 23 de Maio de 1868.

Tendo S. Ex. o Sr. Ministro resolvido transmittir á Illma. Camara Municipal da Côrte, para que tome na consideração conveniente a prova photographica do Monumento projectado por V. S. e pelo architecto Paulo Bénard, para celebrar as victorias alcançadas na guerra contra a Republica do Paraguay ; assim o communico á V. S. de ordem do mesmo Exm. Sr.; para seu conhecimento em resposta ao seu officio de 7 do mez passado.

Deus guarde á V. S.— O Director geral, *José Agostinho Moreira Guimarães.* —Sr. Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá.

Monsieur le Ministre. — J'ai l'honneur d'informer V. Ex. qu'ayant modifié l'esquisse du project fait en collaboration avec un de mes amis et collègue, ayant

pour bût l'éxecution d'un monument commemoratif des victoires remportées par le Brésil sur le Paraguay, j'ai pensé qu'il valait mieux en adresser une plus arretée à V. Ex. afin de pouvoir soumettre d'une manière plus nette â l'appréciation de V. Ex. quelle a été notre pensée.

Se nous avions le bonheur d'avoir l'approbation de V. Ex. et la commande du Gouvernement, nous serions non soulement trés heureux, comme trés flattés et trés reconnaissants.

Je prie V. Ex. d'agréer l'assurance du profond respect avec lequel j'ai l'honneur d'être, Monsieur le Ministre, de V. Ex., le trés humble et obeissant serviteur. —*F. de A. M. Caminhoá.*—Paris, 24 Juin 1868.

O governo remetteu para a Illma. Camara Municipal nosso projecto, para que ella fizesse delle o uso que julgasse conveniente. Mais de um anno depois conseguimos que fosse pedido ao Sr. Architecto Bittencourt aquelle projecto, que lhe tinha sido enviado para sobre elle dar parecer; o que entretanto não poude fazer, por doente, segundo declarou.

Secretaria da Illma. Camara Municipal do Rio de Janeiro, em 4 de Junho de 1870.

Illms. Srs.— A Illma. Camara Municipal desta cidade em sessão de 21 de Março proximo passado approvou a seguinte proposta:

« Tendo a Illma. Camara Municipal approvado o projecto de um Monumento, commemorativo de nossas victorias, apresentado pelos Srs. Caminhoá e Bénard, proponho que se indique o centro do campo da Acclamação para alli se collocar o mesmo : e se dirija á todas as Corporações do Paiz, por intermedio da Praça de Commercio desta capital, para que se obtenha por subscripção a quantia sufficiente á realisação dessa idéa, pedindo igualmente ao Governo Imperial, que ceda os canhões e tropheus ganhos nos combates, proprios á auxiliarem a realisação dessa idéa. — S. R. — Rio, 18 de Março de 1870. — *E. Xavier da Veiga.* »

O que tenho a satisfação de participar á VV. SS. para que hajam de providenciar o que fôr conveniente.

Deus guarde á VV. SS. — Illms. Srs. Caminhoá e Bénard. — Dr. *Antonio Ferreira Vianna*, Presidente.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna, Presidente da Illma. Camara Municipal da Côrte.

Illm. e Exm. Sr. — Temos a honra de accusar o officio de V. Ex. datado de 4 de Junho do corrente anno em que V. Ex. nos participa, que a Illma. Camara Municipal em sessão de 21 de Março proximo passado, approvou o projecto do Monumento commemorativo de nossas victorias alcançadas na Republica do Paraguay ; bem como o lugar que foi indicado para ser construido o dito Monumento.

Não estando porém completamente autorisados

para poder aqui chamar emprezarios, afim de com precisão estabelecer o custo exacto do dito Monumento, por ser este o meio mais facil de conseguir-se preços mais razoaveis e poder-se á tempo escolher operarios habeis para esse fim, rogamos á V Ex. que haja de providenciar, para que o Ministro do Brasil aqui nos coadjuve nessa empreza.

Temos a honra de reiterar á V. Ex. nossa subida consideração e apreço.

Deus Guarde a V. Ex. — *F. de A. Caminhoá*, e *Paul Bénard*.— Paris, 31 de Julho de 1870.

Em quanto esperavamos a resposta da Illma. Camara, chegaram Suas Magestades á Europa, e dignaram-se abrir a subscripção nacional destinada á construcção do Monumento, sobre que versam estes documentos; depois do que fizemos a seguinte

CIRCULAR.

Illm. Sr. Porto-Alegre, Consul geral do Brasil em Lisboa.

Illm. Sr. —Havendo Suas Magestades e os Membros da Augusta Familia Imperial aberto a subscripção em Londres para o Monumento projectado para o campo d'Acclamação, no Rio de Janeiro, em memoria de nossas victorias no Paraguay, venho rogar á V. S. não só para contribuir, assignando igualmente a lista patriotica, mas tambem, de, se podér, promover

uma subscripção ahi em Lisboa, onde existe uma importante colonia brasileira e muitos amigos de nosso Paiz; recolhendo a importancia á agencia do Thesouro Publico Nacional em Londres, para ser depois recebida por autorisação da Illma. Camara Municipal da Côrte.

Peço licença para offerecer a V. S. o desenho junto do referido Monumento, e agradecendo a V. S. desde já o favor solicitado, aproveito a occasião para renovar os protestos de minha particular estima e mui distincta consideração.

Sou de V. S. attencioso venerador e criado. — *F. de A. Caminhoá.* — Paris, 16 de Julho de 1871.

Identica foi remettida á todo o corpo diplomatico e consular brasileiro na Europa.

Ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Presidente da Illma. Camara Municipal da Côrte.

Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de participar á Illma. Camara Municipal, por intermedio de V. Ex. como seu Presidente, que Suas Magestades Imperiaes se dignaram abrir em Londres a subscripção para o Monumento que deve ser erigido no Rio de Janeiro, commemorativo de nossas victorias no Paraguay.

Os brasileiros existentes aqui e em Londres têm igualmente concorrido para a realisação desse Monumento patriotico; sendo-me por alguns delles offerecida a importancia subscripta: recusei receber sem que para isso tenha autorisação da Illma. Camara Municipal, a

qual espero poder obter por intermedio de V. Ex.; visto ser aqui onde elles se acham, mais facil a recepção do que no Brasil.

Desejando dar começo á concessão que me foi outorgada, peço licença a V. Ex. para mandar fazer em gesso o modelo da columna, afim de ser para ahi remettida; podendo-se desta maneira fazer os trabalhos á proporção que forem se realisando as quantias subscriptas.

Aguardando uma resposta, aproveito a opportunidade para apresentar á V. Ex meu subido respeito.

Deus Guarde a V. Ex. — *F. de A. Caminhoá.*— Paris, Julho de 1871.

Ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros, em 7 de Novembro de 1871.

Illm. e Exm. Sr.— Correndo por impulso patriotico de muitos brasileiros que residem na Europa ou por ella andam em viagem, uma subscripção protegida por Suas Magestades Imperiaes, afim de realisar-se, por donativos, o Monumento projectado pelos Srs. engenheiros architectos Caminhoá e Paulo Bénard, approvado pela Illma. Camara, em memoria da gloria nacional alcançada na campanha do Paraguay, e sendo conveniente arrecadar os donativos que se promovem, principalmente em Lisboa, Paris e Londres; pede a Illma. Camara a V. Ex. de habilitar nessas côrtes algum dos nossos representantes para receberem as quantias que lhe forem entregues pelos subscriptores ou quem por elles fôr au-

torisado, e pol-as á disposição do Sr. Dr. Caminhoá, em Paris, autor e executor da idéa do Monumento, que passará as necessarias clarezas do dinheiro recebido, não podendo ser-lhe adiantado por qualquer motivo, quantia alguma não effectivamente arrecadada.

V. Ex. dignando-se de attender ao que fica exposto, concorrerá para a execução de um Monumento levantado em honra do nosso bravo exercito e intrepida armada e em gloria da patria.

Deus Guarde a V. Ex.—Paço da Illma. Camara Municipal do Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1871.—Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Manoel Francisco Corrêa, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros.— Dr. *Antonio Ferreira Vianna*, Presidente. — *Manoel Dias da Cruz.*— *André Cordeiro de Araujo Lima.*— Dr. *Eduardo Augusto Pereira de Abreu.*— *Francisco Teixeira de Souza Alves.*— *Manoel de Frias e Vasconcellos.*— Dr. *Joaquim Antonio de Araujo Silva.*— Dr. *Manoel Joaquim Fernandes Eiras.* — Dr. *Antonio José Gonçalves Fontes.*

Paço da Illma. Camara Municipal do Rio de Janeiro, em 7 de Novembro de 1871.

Illm. Sr. — A Illma. Camara Municipal da Côrte tendo approvado o projecto do Monumento que em memoria da campanha do Paraguay deve ser levantado no campo d'Acclamação, o habilita com todos os poderes necessarios para mandar fazer as obras preparatorias á realisação de sua idéa, contando para essas

despezas com as quantias arrecadadas por donativos obtidos na Europa, de sorte que não faça obras á credito e nem exceda do que estiver arrecadado e em deposito.

Deus Guarde a V. Ex.— Illm. Sr. architecto Dr. Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá.— Dr. *Antonio Ferreira Vianna*, Presidente. — *Manoel Dias da Cruz.* — *André Cordeiro de Araujo Lima.*— Dr. *Eduardo Augusto Pereira de Abreu.*— *Francisco Teixeira de Souza Alves.*— *Manoel de Frias e Vasconcellos.*— Dr. *Joaquim Antonio de Araujo Silva.*— Dr. *Manoel Joaquim Fernandes Eiras.* — Dr. *Antonio José Gançalves Fontes.*

Rio de Janeiro.— Ministerio dos Negocios Estrangeiros, em 17 de Janeiro de 1872.

Em aditamento do despacho que dirigi a essa Illma. Camara, em 9 de Novembro proximo passado, tenho ora a honra de communicar que acabo de receber dous officios das Legações Imperiaes em Paris e Lisboa dizendo que iam comprir as ordens que lhes dei em despacho daquella data relativamente á subscripção promovida na Europa para a execução do Monumento destinado a immortalizar a gloria nacional alcançada na campanha do Paraguay, accrescentando o Conselheiro Miguel Maria Lisboa que ha já algum tempo que cedendo ao pedido officioso do Sr. Caminhoá e da Sra. Condessa de Barral, tinha-se occupado de promover a respectiva subscripção, que fará ainda as possiveis diligencias nesse sentido, e que logo que estiver

terminado remetterá ao delegado do thesouro em Londres as sommas que recolher para serem por elle postas á disposição do Sr. Caminhoá.

Reitero ao Illm. Sr. Presidente e mais Vereadores da Illma. Camara Municipal as seguranças de minha perfeita e distincta consideração.

Ao Illm. Sr. Presidente e mais Vereadores da Illma. Camara Municipal da Côrte.— *Manoel Francisco Corrêa.*

Ao Illm. e Exm. Sr. Presidente da Illma. Camara Municipal da Côrte.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de accusar o officio de V. Ex. de 7 de Novembro ultimo, no qual V. Ex. se digna participar-me que a Illma. Camara Municipal tendo approvado o projecto do Monumento, que em memoria da campanha do Paraguay deve ser levantado no campo d'Acclamação; me habilita, com todos os poderes necessarios, para mandar fazer as obras preparatorias á realisação dessa idéa, contando para essas despezas com as quantias arrecadadas por donativos obtidos na Europa.

Tenho a honra de participar a V Ex. que já dei começo aos trabalhos para o modelo que será enviado, segundo o contracto, no mez de Abril.

Incluso tenho a honra de enviar o contracto feito com os esculptores: por elle V. Ex. verá que não está incluido o encaixotamento e transporte, bem como a passagem de quem delle fôr encarregado d'ahi entregar.

Deus Guarde a V. Ex. — *F. de A. Caminhoá.* — Paris, 2 de Fevereiro de 1872.

CONTRACTO.

Devis des modèles d'une colonne triomphale à executer au 10me c'est a dire 5 mètres de hauteur environ.

D'après les dessins très arretés et sous les ordres de M.M. F. de A. Caminhoá et Paul Bénard architectes, et executés par A. Choiselat et Felix Jacqmarcq, sculpteurs.

Savoir :

Une statue de la Victoire terrassant un monstre et Groupe, reposant sur une boule étoilée, 1 modèle	fr.	1.600
Un modèle de Chapiteau	»	700
Fut de la Colonne	»	500
Renommées du socle, 1 modèle	»	700
Base bouclier, architecture et ornements, 1 modèle	»	700
Bas relief sur le bouclier (*un modèle*) . .	»	250
Proue de navire et ornements, 1 modèle .	»	450
Socle des figures, un quart de modèle. .	»	550
Groupe des deux figures (fleuve et rivière)	»	1.300
Un modèle de la petite vasque et son pied.	»	500
Les cinq bassins, un modèle de chaque. .	»	600
Moule á bon creu et deux épreuves completes de tout le monument.	»	4.000
Total.	fr.	11.850
Consenti net à.	»	11.000

Et à livrer a 15 avril 1872, la primière epreuve. — Paris, 5 Janvier 1872.—*A. Choiselat et F. Jacqmarcq*, sculpteurs.

Il a été convenu entre M. M. F. de A. Caminhoá et Paul Bènard architectes et M. M. a Choiselat et Jacqmarcq sculpteurs ce que suit.

Messieurs Choiselat et Jacqmarcq après avoir pris connaissance d'un projet de monument commemoratif pour Rio de Janeiro, s'engagent à faire un modèle et deux epreuves du dit monument avec le plus grand soin et d'une execution irreprochable, pour le prix net de *onze mille francs.*

Ce modele aura environ *cinq mètres cinquante* de hauteur, et se composera d'un groupe monté sur chapiteau, d'un fut de colonne avec base ornée de figures et boucliers, etc. et enfin d'un chateau d'eau avec quatre proues de vaisseaux et huit figures de fleuves groupées deux à deux, de Vasques, ornements, etc.

Les deux epreuves completes de tout le monument seront faites en plâtre fin et devront être em morçeaux s'adaptant exactement et pouvant être emballées et transportées. L'une de ces epreuves sera susceptible de recevoir de la coloration.

Il est entendu que les architectes se reservent la faculté pour les esquisses des figures de les confier a tel sculpteur statuaire qui leur paraîtra capable dans le cas où le sculpteur ornemaniste ne pourrait executer convenablement ces figures: le prix indiqué sur la soumission sera déduit sur le total du montant du devis pour le payement du sculpteur.

L'execution du dit modèle ne prejuge en rien la commande de l'execution definitive du monument.

Une epreuve en plâtre fin moulée a bon creux et

Bibliotheca Capital Federal

fait avec le plus grand soin devra être terminée et livrée pour le *quinze avril* de l'année courrante.

Les architectes s'engagent à donner tous les dessins necessaires a la demande des sculpteurs au fur et a mesure qu'ils les demanderont.

Les sculpteurs s'engagent en outre à garder dans leurs ateliers le modèle et l'autre épreuve ainsi que les moules servant à l'execution du dit modèle, dans l'espace d'un an à partir du dernier payement sans que pour cela ils puissent réclamer aucun frais d'atelier, ils sont en outre responsables en cas d'accident à reparer les degats.

Les payements seront faits de la manière suivante.

Un tiers pendant l'execution du modèle.

Un tiers à la fin complete des épreuves.

Le dernier tiers á la fin complete de la livraison, cest a dire, trois mois après la dite livraison.

Fait double à Paris le neuf Janvier mille huit cents soixante douze.—*F. de A. Caminhoá et P. Bénard*, architectes.—*Choiselat et Jacqmarcq*, sculpteurs.

Ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna, Presidente da Illma. Camara Municipal da Côrte.

Illm. e Exm. Sr. — Em cumprimento á ordem de V. Ex. aqui me acho com o modelo do Monumento, que deve ser erigido no campo d'Acclamação, em commemoração das victorias alcançadas sobre o Paraguay, esperando as ordens de V. Ex. para a exposição e começo da subscripção nacional.

Sendo precisas providencias de V. Ex., afim de que o Governo mande ordem para que os dez volumes constantes da factura junta sejam isemptos de direitos, por conterem objectos do Governo, ou melhor nacionaes, peço a V. Ex. que se digne com a possivel urgencia officiar para esse fim.

Deus guarde a V. Ex. — *F. de A. Caminhoá.*— Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1872.

Recebi ordem verbal de S. Ex. o Sr. Presidente Dr. Ferreira Vianna, para fazer uma festa no Passeio Publico, afim de expôr o modelo de um modo brilhante. Para as despezas da dita festa me disse que eu devia apenas cingir-me ao que arrecadasse. O que fielmente cumpri.

Ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, Director da escola de Bellas Artes.

Illm. e Exm. Sr. — Desejando ter a honra de concorrer na presente exposição com o modelo do Monumento que deve ser erigido no campo d'Acclamação em memoria de nossas victorias alcançadas no Paraguay e não me sendo possivel fazel-o sem licença de V. Ex., peço que se digne de responder-me, se é isso possivel.

Outrosim sendo o modelo de grandes dimensões, e desejando a Illma. Camara Municipal expôl-o no passeio publico no dia 20 do corrente, não tenho tempo de apresental-o na Academia das Bellas Artes, pelo que, peço

por especial graça, que a commissão do jury dê o seu juizo depois de examinar o trabalho no lugar em que se achar.

Junto remetto a V. Ex. a gravura do modelo a que me refiro.

De V. Ex. — *F. de A. Caminhoá.* — Rio, 10 de Junho de 1872.

Ao Illm. e Exm. Sr. Dr. A. F. Vianna, Presidente da Illma. Camara Municipal.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. para os convenientes fins, o relatorio com a receita e despeza para a execução do modelo do Monumento que deve ser erigido no campo d'Acclamação em honra de nossos bravos compatriotas, conforme fui autorisado pela Illma. Camara Municipal da Côrte em officio de 7 de Novembro de 1871.

Outrosim, sendo-me impossivel permanecer por alguns mezes, sem fazer cousa alguma, no Brasil, e desejando ver começada a subscripção nacional, sem a qual nada poderei continuar na Europa, em favor da realisação da minha idéa patriotica apoiada por V. Ex., e seus Exms. Collegas, e nem mesmo receber varias quantias assignadas; peço a V. Ex. que dê as providencias precisas e conforme determinou a Illma. Camara em uma de suas sessões, quando se occupou deste assumpto, afim de que a Praça do Commercio da Côrte, e as differentes outras nas Provincias, e todas as Camaras Municipaes do Imperio invidem seus esforços de modo

que possamos conseguir uma somma consideravel; quando não para terminarmos, ao menos para dar-mos andamento á execução da grande obra digna do patriotismo da Illma. Camara, como de todos os brasileiros em geral.

Deus guarde a V. Ex. — *F. de A. Caminhoá.* — Rio, 24 de Junho de 1872.

Relatorio das quantias recebidas e despendidas na Europa, por ordem da Illma. Camara Municipal da Côrte, para o Monumento patriotico a erigir no campo d'Acclamação, em memoria de nossas victorias no Paraguay.

Quantias assignadas até o dia 22 de Abril de 1873:

Em libras esterlinas (£ 993,8,6) nove centos e noventa e tres libras, oito schillings e 6 pens.

Em francos (Frs. 1,355,00) mil trezentos e cincoenta e cinco francos.

Em réis (Rs. 1:250$000) um conto duzentos e cincoenta mil réis.

Das quantias subscriptas recebi apenas as seguintes, na Europa, até o dia 22 de Abril do corrente anno:

	Francos.
Em francos: vinte e um mil quatrocentos e trinta e oito	21,438,00

Quantias despendidas:

	Francos.
Para os esculptores. . . .	11.000,00
Despezas diversas com carretos, gravuras, photographias e outras.	1.000,00

Encaixotamento do modelo em dez grandes volumes. .	500,00	
Transporte até o Rio de Janeiro, comprehendido caminho de ferro	1.540,00	
Para viagem de ida e volta do architecto e sua estada no Rio de Janeiro por ordem da Illma. Camara Municipal	3.000,00	
Somma. . . .	17.040,00	
Descontando-se o 3.° pagamento dos esculptores, que será em Agosto do corrente anno.	3.666,65	
Deduzindo-se, ficam . . .		13.373,35
Destes, deduzidos do total recebido, restam		8.064,65
Ajuntando-se os juros de oito mil francos por 6 mezes a 5 e meio por cento ao anno, que importam em.		220,00
Somma		8.284,65

Esta quantia ficou entregue ao Exm. Sr. Barão de Itajubá, Ministro do Brasil em Paris, no dia 22 de Abril de 1872, em um *bond* do thesouro francez, no valor de oito mil, duzentos e vinte francos, 8.220 fr., com data de 10 de Abril de 1872, tendo o numero 13535, ao portador, para ser pago em 10 de Outubro do mesmo anno, e vencendo os juros annuaes de 5 e meio por cento, como fica dito, e mais a quantia de sessenta e

quatro francos e sessenta e cinco centesimos, em dinheiro 64,65. — Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1872. — *F. de A. Caminhoá*, architecto e ncarregado da execução do Monumento do campo d'Acclamação.

Ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna, Presidente da Illma. Camara Municipal da Côrte.

Illm. e Exm. Sr. — Em cumprimento á ordem de V. Ex. fiz a exposição do modelo para o Monumento do campo d'Acclamação no Passeic Publico, dando exactamente a receita pela despeza, conforme tive o cuidado de prevenir.

Do relatorio junto verá V. Ex. a quantia.

Estiveram presentes Suas Magestades e Altezas e o Exm. Sr. Ministro da Guerra, Conselheiro Junqueira, que foi o mais sollicito possivel em satisfazer os pedidos por mim feitos com autorisação de V. Ex., mandando que o Arsenal de Guerra fornecesse armas para tropheuos, que varias musicas de batalhões de linha alli tocassem e que os Invalidos da Patria tivessem licença para visitarem o modelo. Outro tanto direi dos Exms. Srs. Ministro da Agricultura e do Exm. Sr. Commandante Superior da Guarda Nacional.

Deus guarde a V. Ex. — *F. de A. Caminhoá.* — Rio de Janeiro, 28 de Julho de 1872.

Receita e despeza com a exposição do modelo do Monumento para o campo d'Acclamação, no Passeio Publico, por ordem da Illma. Camara Municipal.

RECEITA.

Dinheiro proveniente dos bilhetes vendidos no dia 20 de Junho	2:039$000
Quantia dos bilhetes de 21 de Junho . .	403$000
Quantia proveniente de dadivas espontaneas:	
22 de Junho	27$260
23 de Junho	41$700
24 de Junho	56$420
25 de Junho	19$560
26 de Junho	10$620
Total	2:597$560

DESPEZAS.

Para illuminação do Passeio, e fogos de artificio, durante duas noutes, á saber:	
20 e 21 de Junho	2:000$000
Impressão dos bilhetes	120$000
Cartazes e trabalho de affixal-os . . .	26$000
Para pintar o modelo contra a humidade.	60$000
Carpinteiros	60$000
Transporte do modelo da Alfandega . .	40$600
Armador	20$000
Esculptores para concertar o modelo. .	100$000
Photographias do modelo.	103$000
Despezas diversas com carroças e transportes	52$000
Gratificação ao recebedor na entrada do Passeio	15$000
Total	2:597$600

Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1872.— *F. de A. Caminhoá.*

Acta da Illma. Camara Municipal da Côrte, em 29 de Agosto de 1872.

A informação do Engenheiro Director das obras municipaes ácerca do officio do architecto Sr. Dr. Francisco Caminhoá, enviando o relatorio das despezas feitas com a promptificação e transporte do modelo do Monumento que tem de ser levantado no campo d'Acclamação. Declarando ser razoavel a despeza.—Inteirada e approvada a despeza.

Paço da Illma. Camara Municipal do Rio de Janeiro, 13 de julho de 1872.

Illm. e Exm. Sr. — A Illma. Camara Municipal desta cidade, no intento de perpetuar a memoria das victorias alcançadas pelas nossas armas, na desastrosa guerra a que foi o Brasil provocado pelo despota do Paraguay, approvou o modelo do Monumento apresentado pelos engenheiros Caminhoá e Bénard, que tem de ser erigido no campo d'Acclamação.

Como porém a exiguidade de suas rendas não comportem a despeza que com o referido Monumento se tem de fazer, resolveu rogar á nobre Direcção da Praça do Commercio desta Côrte, que jámais se negou a cooperar para fins tão patrioticos, o obsequio de tomar a

seu cargo e promover no Commercio uma subscripção voluntaria, afim de coadjuval-a em tão glorioso empenho, e espera que ainda esta vez, será attendida por essa illustre corporação.

Deus guarde a V. Ex.— Illms. e Exms. Srs. Presidente e Membros da Praça do Commercio do Rio de Janeiro.—Dr. *Antonio Ferreira Vianna*, Presidente. — *Manoel Dias da Cruz.— André Cordeiro de Araujo Lima.* — *Manoel de Frias e Vasconcellos.* — Dr. *Eduardo Augusto Pereira de Abreu.— Francisco Teixeira de Souza Alves.* — Dr. *Manoel Joaquim Fernandes Eiras.* — *Visconde da Silva.*

Illms. e Exms. Srs. Presidente e Membros da Illma. Camara Municipal do Rio de Janeiro.

Illms. e Exms. Srs.— A Direcção da Associação Commercial do Rio de Janeiro recebeu o officio que VV. EEx. lhe dirigiram convidando-a para promover entre o corpo do Commercio uma subscripção voluntaria a fim de coadjuvar essa Illma. Camara no glorioso empenho de perpertuar a memoria das victorias alcançadas pelas nossas armas na guerra contra o governo do Paraguay, mandando levantar no campo da Acclamação o Monumento projectado pelos engenheiros Caminhoá e Bénard, e applaudindo os sentimentos patrioticos que dictaram o nobre procedimento dessa Illustre Corporação deliberou organisar listas para a subscripção, e convidar por meio de annuncios feitos nos jornaes e nos lugares de costume o Commercio

para concorrer com seus donativos para auxiliar a realisação de tão grandioso pensamento.

Deus Guarde a VV. EEx.— Secretaria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, 22 de Julho de 1872.— O Presidente da Associação. — *José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho.*

Directoria das Obras Municipaes da Côrte.— Rio de Janeiro, em 6 de Agosto de 1872.

Illm. Sr. — O Exm. Sr. Dr. Presidente da Illma. Camara Municipal manda que declare a V. S. que resolveu entregar á Commissão encarregada da Exposição Nacional, o modelo do Monumento que se acha em poder de V. S., sendo encarregado de o receber o Sr. Commendador Joaquim Antonio de Azevedo.

Deus Guarde a V. S. — Illm. Sr. Architecto Francisco Caminhoá. — Dr. *José Antonio da Fonseca Lessa,* Director das Obras Municipaes.

Ao Illm. e Exm. Sr. Presidente da Illma. Camara Municipal da Côrte.

Illm. e Exm. Sr. — Sendo da maior conveniencia expôr em Vienna d'Austria, o modelo aperfeiçoado, para o Monumento do campo d'Acclamação, com o duplo fim de obter-se alli muitas assignaturas e de submettel-o á critica dos Professores, peço á V. Ex. que officie á Commissão Superior, da Exposição de Vienna, com

urgencia, afim de que ella concorra com as despezas de Paris, onde se acha o modelo, para Vienna, o que custa metade da despeza do que custaria se fosse mandado do Rio de Janeiro; despeza que a dita Commissão tem declarado que faz com qualquer objecto que se quizer expôr. Demais é um bello adorno para a secção brasileira naquella Exposição.

Peço ordem para acompanhar o dito modelo á Vienna e continuar lá com a subscripção.

Deus Guarde a V. Ex. — *F. de A. Caminhoá.* — Paris, 7 de Fevereiro de 1873.

Illm. e Exm. Sr. Barão de Nioac. — No recibo, que passei a V. Ex., em data de 6 de Dezembro, dando á Commissão superior da Exposição Brasileira em Vienna, poderes para dar ou destruir o modelo do Monumento destinado ao campo d'Acclamação, no Rio de Janeiro, está subentendido que o estabelecimento ou pessoa a quem fôr dado, não terá o direito de reproduzir, por isso que é propriedade nossa e da Illma. Camara Municipal da Côrte. A Commissão Superior composta de brasileiros e patriotas, não permittirá de modo algum que seja reproduzido antes de ser executado no Rio de Janeiro, o dito Monumento: peço portanto a V. Ex., que faça disso sabedor a quem fôr offerecido, tanto mais quanto ainda que nós quizessemos não temos poderes da Illma. Camara Municipal, em nome da qual fizemos esta declaração á Commissão Superior.

Espero na bondade de V. Ex., e da Commissão Superior, ter uma resposta que indique estar ella inteirada da reclamação que temos a honra de fazer.

De V. Ex , attencioso e muito obrigado venerador.— *F. de A. Caminhoá.*— Paris, 9 de Dezembro de 1873.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex. que dispuz do modelo que tinha na Europa, destinado a meus estudos e ás modificações necessarias, e que se achava exposto na secção brasileira da Exposição Internacional de Vienna.

Não precisando mais, por ora, fazer novos estudos, e além disso não tendo um lugar onde o guardasse, pois que com o incendio da Grande Opera os trabalhos da Nova Opera proseguiram rapidamente, e eu fui avisado de que não era mais possivel lá deixar o modelo; que, portanto, se perderia completamente, ou seria preciso pagar aluguel de um lugar conveniente, para conserval-o, acceitei a proposta que me fez a Commissão Superior Brasileira na Exposição de Vienna, para que lhe cedesse aquelle modelo, que ia ser destinado a um estabelecimento importante; porque seu valor seria inferior ao que era preciso despender com o enfardamento, caminho de ferro, etc., para Paris.

Os 1,800 francos, que recebi daquella Commissão, destinei, conforme as ordens de V. Ex., em favor da subscripção nacional, mandando gravar 600 exemplares grandes do Monumento, nitidamente feitos sobre optimo

papel, seu encaixotamento e despezas de caminho de ferro, viagem, seguro, etc., etc., afim de serem convenientemente distribuidos com differentes pessoas encarregadas de agenciar subscriptores, ou para qualquer outro fim que V. Ex. julgue mais conveniente.

Por occasião de responder á Commissão Superior da Exposição, salvaguardei meus direitos e os da Illma. Camara, como verá V. Ex. do documento que se segue.

Deus Guarde a V. Ex.— Rio, 15 de Junho de 1874.

Ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna, Delegado da Illma. Camara Municipal, para a subscripção e a realisação do Monumento patriotico do campo d'Acclamação. — *F. de A. Caminhoá*, engenheiro architecto.

Illm. e Exm. Sr.— Conforme as ordens de V. Ex. anteriormente a esta data para a impressão dos documentos criticos, orçamento e tudo mais quanto se refere ao Monumento patriotico do Brasil destinado ao campo d'Acclamação nesta Côrte, acabo de mandar imprimir um opusculo com todos aquelles esclarecimentos.

Não o fiz immediatamente que recebi aquella ordem de V. Ex. por me parecer mais conveniente esperar todas as criticas que tivessem de ser feitas por occasião da Exposição de Vienna d'Austria: resolução que espero merecerá a approvação de V. Ex.

Reitero meus protestos da mais subida consideração.

Deus guarde a V. Ex. — Rio de Janeiro, 18 de

Julho de 1874. — Ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna, Delegado da Illma. Camara Municipal, para a subscripção e a realisação do Monumento patriotico do campo d'Acclamação. — *F. de A. Caminhoá.*

SEGUNDA PARTE.

CRITICAS DE DIFFERENTES ARCHITECTOS E DA IMPRENSA NA EUROPA E NO BRASIL.

— *L'Illustration*, Journal Universel, de 11 Juin 1870:

MONUMENT DE LA GUERRE DU PARAGUAY.—L'Empire du Brésil et la République Argentine viennent de terminer leur longue guerre contre le Paraguay de la manière la plus glorieuse pour les troupes qui ont eu l'honneur de faire partie de l'expédition.

Ces braves soldats, indépendamment des dangers et des fatigues ordinaires de la guerre, ont eu à lutter contre un climat meurtrier, dans un pays où les distances immenses à parcourir rendaient presqu'impossibles les soulagements qu'on apporte d'ordinaire à leurs fatigues.

Aussi les ovations se succèdent-elles, en ce moment, pour célébrer le retour et le triomphe des troupes ; mais si les réjouissances publiques leur témoignent d'une manière passagère l'enthousiasme qu'excite leur noble conduite, ne doit-on pas tenir à leur consacrer un immortel souvenir qui puisse braver la durée des siècles? Une souscription publique vient d'être ouverte, tant à Rio de Janeiro et dans les grandes villes de l'Empire qu'en Europe, à Paris et à Londres, entre les mains des ministres plénipotentiaires du Brésil, pour élever sur la place de l'Acclamação à Rio, un Monument destiné à perpétuer la mémoire de cette victoire remportée par la civilisation sur le despotisme d'un homme. Le général Lopez ne représentait, en effet, que la résistance à la marche du progrès que poursuivent tous les peuples modernes,

C'est cette idée qui a inspiré MM. F. de A. Caminhoá, architecte brésilien, et Paul Bénard, architecte français, auteurs d'un project de Monument. Un groupe colossal, qui représente la civilisation sous les traits et les attributs de l'Empire du Brésil terrassant le démon de l'anarchie, surmonte une colonne sur laquelle sont inscrits les noms des principales batailles de la guerre. Des victoires ailées et des trophées d'armes ornent la base de cette colonne, dont le vaste piédestal présente une fontaine ; huit fleuves, séparés aux angles par des proues de vaisseaux, rappellent que si l'armée de terre a fait des prodiges de valeur, l'armé de mer a su rivaliser avec elle. Des effets d'eau tombant en cascades sur des gradins en granit complètent l'ensemble de ce Monument.

Dressée au milieu de la place, cette colonne en serait le principal ornement. On y rattachera des entourages, des statues, des quinconces et des embellissements, de façon à faire de cette place la merveille de l'Amérique méridionale.

Après la lutte sanglante qu'il vient de soutenir, le Brésil veut inaugurer une ère toute pacifique sur le terrain des arts et des sciences, lutte peut-être encore plus glorieuse, mais qui sera plus longue et plus difficile à soutenir. A l'exposition universelle de Paris, le Brésil a vu tout le prestige qui s'attache aux vieilles cités de l'Europe, et s'est trouvé humilié d'y figurer d'une manière aussi timide et aussi incomplète.

Il a une revanche à prendre, et songe dès maintenant à entrer plus sérieusement dans la lice, grâce aux encouragements que S. M. don Pedro II ne cesse de prodiguer aux artistes du pays et aux artistes étrangers, qu'il attire auprès de lui avec tant de bienveillance.

S. M. cherche, par les efforts les plus louables, à développer la prospérité commerciale du Brésil et son influence dans l'Amérique du sud. La paix vient de lui laisser le loisir de s'occuper de la gloire du pays dans le vaste champ des diverses connaissances humaines, et de préparer à la nation brésilienne un avenir brillant et prospère dont le renom ne sera pas limité par l'Océan, et pourra rivaliser un jour avec les gloires européennes.
— *René du Merzer.*

— *The Graphic* de 2 de Julho de 1870 :

BRAZILIAN MONUMENT. — Victorious nations, from the earliest ages, have perpetuated the memory of a great victory or of a successful campaign by the erection of a triumphal monument commemorative of their success. The Greeks testified their joy at the defeat of Xerxes by placing a brazen serpentine column supporting a golden tripod in the temple at Delphi; and the columns of Trajan and Antonine at Rome still remain to tell the history of the giorious deeds of these true Roman Emperors. The Vendôme Column, formerly called the Colónne d'Austerlitz, and the Arc de Triomphe of Napoleon I. at Pariz, Trafalgar Square and the Crimean Monument in our own country, show that the moderns are far from grudging a just tribute to the valour and success of their armies.

The Brazilians, who have just gloriously terminated a long and arduous struggle with the Paraguayans, headed by their President, Francisco S. Lopez, a man who may justly be designated the greatest tyrant of his age, have resolved to immortalise the prowess of the Imperial armies by erecting an appropriate Monument at Rio de Janeiro.

The Brazilian forces, on their return from Aquidabana ; where the short but desperate conflict which decided the destinies of the two nations, and in which Lopez was killed, took place, received an immense ovation from the grateful citizens of the capital, and fête after fête celebrated their triumphal return. These rejoicings, however, were too transitory to satisfy the enthusiasm of the country, and a more lasting testimony

of gratitude was determined on. Thus, subscriptions for this purpose have been opened in Rio and the principal towns of the empire. The proposed monument, which is to stand in the Campo da Acclamação, is to be constructed principally from Paraguayan cannon and balls. The design, which is most elaborate, is from the talented pencil of M. Caminhoá, a Brazilian architect from Bahia, who holds at present the appointment of Inspecteur, aux Travaux de la Ville de Paris, and he has been aided in the work by a French colleague, M. Paul Bénard. Brazil, under the guise of a warlike female, crushes the demon of tyranny beneath her feet, and standing on a globe on which each of the twenty provinces of the empire is symbolised by a star, is supported by the gilded capital of a lofty column, on which are inscribed the principal battles of the late campaign. The whole group is colossal. Four figures of Victory, bearing wreaths and trophies of arms, ornament the base of the column, on the four sides of which are relievos representing the chief events of the war. At the four corners, figureheads remind the spectator that the fleet played no mean part in the struggle. Below, from the pedestal, springs a fountain with eight figures, symbolising the eight largest rivers of the country, arranged two and two, and leaning on vases from which cascades of water flow into a granite tank.

The effect of this Monument will be most grand and striking, and MM. Caminhoá and Bénard may be fairly complimented on the art and taste shown in their excellent design.

— O *Centro Academico* de 6 de Julho de 1872.

Monumento do campo d'Acclamação. — Salvo alguns pequenos senões, — como em geral os tem obras deste genero, — o projecto apresentado pelo Dr. Caminhoá é bonito e promette um monumento de muito gosto. Como o illustre architecto, contra a praxe seguida, sujeitou o seu plano á apreciação publica, é de esperar que acceite algumas das modificações e correcções que lhe têm sido apontadas pelos entendidos, e com isso dará mais uma prova de seu bom senso e alta intelligencia.

— *Diario de Noticias* de 20 de Julho de 1872.

Monumento patriotico do campo d'Acclamação. — Estamos autorisados a assegurar ao publico a realisação do projecto dos Srs. Caminhoá e P. Bénard para o Monumento do campo d'Acclamação. A Camara Municipal officiou á Praça de Commercio, pedindo-lhe a sua protecção para a subscripção nacional que começará nestes dous a tres dias nos lugares annunciados.

Á imprensa compete principalmente concorrer para que todos se lembrem da divida de gratidão do Brasil aos bravos do Paraguay.

Em dous annos e meio estará na mais bella cidade da America do Sul o maior Monumento patriotico do mundo.

— *Diario do Rio de Janeiro* de 20 de Julho de 1872.

Monumento patriotico do campo d'Acclamação.— A Illma. Camara Municipal, que tem promovido a realisação do projecto dos Srs. Caminhoá e Bénard, desde que recebeu a faustosa noticia da terminação da guerra com o Paraguay, officiou, conforme se tinha decidido em sessão magna, á Praça do Commercio da Côrte, como centro, pedindo-lhe sua valiosa protecção para a subscripção nacional que vai-se abrir por estes dous ou tres dias nos lugares que forem annunciados, na Côrte, e bem assim nas Provincias; e continuar-se-ha no estrangeiro.

A espontanea acceitação que se tem manifestado na população pelo bello modelo exposto no Passeio Publico pelo autor da idéa, augura bem da realisação; agora, porém, com a protecção simultanea da Praça do Commercio, do Governo, dos militares e paisanos, infallivel se torna o exito favoravel.

Em dous annos e meio, se cada um concorrer com seu obulo, o maior Monumento patriotico do mundo, e que pertence exclusivamente á nação brasileira, será erigido no campo d'Acclamação.

— *Jornal do Commercio* de 22 de Junho de 1872.

Monumento da guerra do Paraguay.—Á noticia que hontem demos da exposição que no Passeio Publico se está fazendo do modelo para este Monumento, accrescentamos com prazer algumas informações que a respeito do mesmo projecto nos foram ministradas.

Ainda a guerra do Paraguay apenas se avisinhava do seu termo e já o Sr. Dr. Francisco Caminhoá se entregava todo á realisação da idéa que concebera, de erguer um grandioso Monumento commemorativo das glorias nella ganhas pelo Brasil. Começou por fazer o desenho dessa obra, em que devia entrar em parte o bronze dos canhões tomados ao inimigo.

Após longos mezes de espera, pôde conseguir que a actual Camara Municipal o visse, e depois em sessão solemne pela faustosa noticia da terminação da guerra, acceitasse o projecto por unanimidade e designasse o centro do campo d'Acclamação para ser o Monumento collocado.

O enthusiasmo dos filhos do Brasil e dos Portuguezes que nos acompanharam com toda a effusão em nosso regosijo, e bem assim de alguns dos estrangeiros que são amigos nossos, fez com que o Sr. Francisco Caminhoá conseguisse abrir uma subscripção na Europa, que teve como primeira assignatura do Sr. D. Pedro II e sua augusta Familia.

A indifferença, que parece tudo contaminar no Brasil, começou a fazer-se sentir. A descrença para tudo que é grandioso fez parecer inexequivel a realisação da idéa do joven architecto.

Elle, porém, participou á Camara Municipal o que tinha feito, e pedio, para com o que recebesse, começar os estudos.

Assim realisou o primeiro passo para a execução do Monumento, trazendo de Paris o modelo que se acha exposto.

Concebeu uma idéa grandiosa, representando o

Bibliotheca Capital Federal

Brasil sob fórmas que, para alguns talvez não são verdadeiramente americanas.

Elle entendeu que o Brasileiro intrepido, resignado, patriota e desinteressado era um verdadeiro Espartano.

Eis a razão porque, em vez de um indio das selvas, que, por certo, não é typo de brasileiro civilisado, e descendentes da grande raça grego-romana, tomou por allegoria uma guerreira espartana — o architecto teve em mente representar o Brasil esmagando o monstro da anarchia.

Este grupo repousa sobre uma esphera azul com estrellas douradas, representando as provincias do Imperio.

O capitel e fuste, que, como o grupo superior são de bronze de varias côres, inferiormente se termina em quatro faces, cada uma das quaes offerece um medadalhão representando uma das principaes batalhas: 1.° Riachuelo, a epopéa da esquadra e de Barroso e seus valentes commandados; serve tambem de inscripção para Pedro Affonso, Greenhalgh, Marcilio Dias e outros; o 2.° representa Tuyuty, a grande batalha commandada pelo intrepido Osorio, o adorado dos soldados, dos bravos e do Brasil inteiro; o 3.° representa Lomas Valentinas, onde o velho, respeitavel, bravo e disciplinador Caxias, derrota o inimigo e põe-no em fuga.

O 4.° é Peribebuy, onde o joven general põe de rastos o inimigo e de onde persegue-o até Aquidaban.

É o padrão de gloria do Conde d'Eu e dos heroicos Rio-Grandenses, que por tantas vezes, e sempre souberam grangear o pasmo de seus companheiros de armas.

Separando estes medalhões, quatro famas representando *marinha, artilharia, infantaria* e *cavallaria*, acham-se em bellissima attitude artistica.

É de bronze tambem toda esta parte.

Abaixo estão oito rios, collocados dous a dous, e descansando sobre urnas que derramam agua, que continúa cahindo por cascata.

Nos quatro angulos, e separando estes quatro grupos, ha quatro *prôas de navio* que servem para indicar que grandes foram os feitos navaes.

Essas prôas terminam por cabeças de monstro, que arremessam pelas narinas agua a grande altura, e que contrasta bellamente com a que cae mansamente da boca e com a que se divide e subdivide nos degráos que lhe ficam abaixo.

Esta parte será de marmore de diversas côres e de cabeças de delphins de bronze.

As bacias maiores serão de granito.

O systema architectonico geral é o grego polychromico ; porém, o artista procurou acommodar o seu trabalho ao gosto da arte moderna, afastando-se como lhe é permittido pela arte, nos detalhes.

O Monumento será o mais gigantesco dos conhecidos no mundo neste genero.

As dimensões do monumento serão :

269 a 270 palmos de altura.

A ultima bacia terá de diametro 194 palmos.

O modelo, para economia de tempo e de dinheiro, representa a decima parte da execução.

— *Reforma* de 20 de Julho de 1872.

Monumento patriotico. — Começou a subscripção nacional para a realisação do Monumento destinado a commemorar as nossas victorias no Paraguay.

A Camara Municipal officiou á Praça do Commercio como centro, e ás Camaras Municipaes das Provincias, afim de protegerem a subscripção.

O patriotismo dos brasileiros, a importancia da obra e o talento do Sr. Caminhoá, architecto brasileiro, auguram proximo e muito feliz exito na realisação de tão patriotico empenho.

— O *Monitor do Povo*, Junho de 1872, 1.° anno n. 41.

Revista Hebdomadaria. — Duas exposições simultaneas uma na Academia das Bellas-Artes e outra no Passeio Publico tem attrahido esta semana numerosa concurrencia de visitantes.

Na primeira destas, na da Academia de Bellas-Artes, figuram quadros de verdadeiro merecimento artistico, e que mostram o talento dos nossos patricios e o progresso que a pintura tem feito entre nós, Entre varios outros notaveis merece sem duvida especial menção o do Sr. professor Victor Meirelles de Lima, representando o — Combate naval de Riachuelo.

— Na exposição do passeio foi offerecido a appreciação do illustrado publico desta capital o modelo do Monumento, que se pretende erguer no campo da Acclamação em commemoração dos brilhantes feitos de

armas, com que Brasil, abatendo por uma vez o indomito orgulho do despota do Paraguay, conseguio o mais completo triumpho.

Aos patrioticos esforços do Sr. Dr. Francisco Caminhoá se deve a iniciativa desta grande idéa.

A julgar-se pelo modelo virá a ser o Monumento inteiramente digno do grande assumpto que é destinado a commemorar.

O Brasil inteiro, agradecendo ao Sr. Cominhoá o empenho que tem mostrado no seu expontaneo tentamem, concorrerá enthusiasmado para levar a effeito o grandioso pensamento do benemerito filho, que tão zeloso se mostra em erguer á posteridade um padrão, que a par da historia, immortaliza a sua gloria.

— *A Republica* de 20 de Junho de 1872.

Monumento do campo d'Acclamação. — Hoje á noute estará exposto no terraço do Passeio Publico o modelo do Monumento commemorativo da campanha do Paraguay, trabalho dos distinctos architectos F. de A. Caminhoá e P. Bénard.

O estylo do monumento é francez, si assim se póde dizer. A França, que já tem uma escola sua de pintura e de esculptura, trata de crear uma escola de architectura, nacional. A essa tentativa filia-se o projecto, que a população desta capital é agora chamada a ver, e que mostra claramente que os autores, affastando-se das composições da architectura grega, guiavam-se pelas inspirações da arte moderna. O systema

geral, adoptado no projecto, é o polychromo, quasi caracteristico da escola franceza, principalmente em trabalhos decorativos.

Sobre um globo, com vinte estrellas que symbolisam as Provincias do Imperio, corôa a columna um grupo colossal representando o Brasil sob a fórma de uma guerreira que subjuga o monstro da tyrannia.

A base desta columna tem nas quatro faces quatro medalhões que mostram em relevo o combate naval de Riachuelo e as batalhas de Tuyuty, Lomas e Peribebuy. Nos angulos ha quatro Famas symbolisando a marinha, a artilharia, a infantaria e a cavallaria. Trophéos de armas, festões e grinaldas completam a decoração desta parte do monumento, porventura um tanto sobrecarregada.

O pedestal tem na parte superior oito estatuas differentes, grupadas duas a duas, representando os principaes rios do Brasil, e separadas por prôas de navios. Estas prôas terminam por monstros marinhos, de cujas narinas jorra a agua dentro de bacias semicirculares, collocadas na parte inferior, cahindo destas para a bacia geral.

Os grupos apoiam-se sobre urnas, de onde cahe tambem agua, produzindo com a dos angulos varias cascatas.

O modelo representa uma decima parte do tamanho do Monumento projectado, cujas dimensões serão as seguintes: altura 59 metros ou 269 palmos, o diametro da grande bacia 44 metros ou 194 palmos, mais ou menos.

O grupo superior, o fuste, os medalhões, as Famas,

as prôas de navio, ornatos e pequenas bacias semi-circulares devem ser de bronze de differentes côres, e feito com as peças tomadas ao Paraguay; os rios, de marmore branco, e o resto, de marmore de outras côres e de granito.

Por economia de tempo e de dinheiro, o modelo representa as Famas iguaes, bem como os grupos do rios, e os medalhões apenas têm esboçados um combate naval e outro de terra, em vez de quatro composições differentes.

Algumas modificações deve ainda soffrer o projecto, quando executado. Essa é a intenção dos autores.

Nos estreitos limites de uma noticia, e antes de ser franqueado ao publico o modelo do Monumento, nada mais accrescentaremos, deixando para mais tarde algumas observações que o proprio merito do projecto de nós reclama.

Por hoje apenas ajuntaremos que é muito digna de ser vista a obra do nosso compatriota, que longe da patria soube commemorar-lhe as glorias.

— A *Republica* de 22 de Junho de 1872.

Monumento do campo d'Acclamação. — Ante-hontem e hontem esteve exposto no centro do terraço do Passeio Publico o modelo do Monumento commemorativo da campanha do Paraguay, de que já demos noticia.

Crescida concurrencia de espectadores affluio nessas

duas noutes a vêr o projecto, ácerca do qual fazemos hoje algumas observações.

O aspecto geral do monumento é agradavel e depõe a favor do merecimento dos autores os distinctos architectos F. de A. Caminhoá e P. Bénard.

No entanto, quer o systema polychromo que vai ser empregado na execução do projecto, quer a propria composição da obra, parecem-nos pouco adequados á idéa que se tem em vista commemorar.

O systema polychromo afigura-nos pouco applicavel a todo o genero architectonico que não seja o decorativo; nem deve justificar o seu emprego, no Monumento de que se trata, o abuso delle feito pela nova escola franceza.

A architectura é essencialmente uma arte sobria e severa: deve confiar tudo da fórma, sem pedir auxilio á côr, elemento de outra arte distincta.

E se em algum genero póde o estylo polychromo ser empregado, não é por certo no genero destinado a representar um assumpto épico.

Por igual razão achamos hetorogeneos o pedestal do Monumento e a sua columna. O pedestal, embora habilmente ligado pelos monstros marinhos e pelos rios á parte superior, afinal não passa de uma fonte e difficilmente póde combinar com a columna rostral, sobrecondecorada pela representação de um assumpto de tal magnitude. Uma fonte de uma grande praça póde e deve ser uma obra architectonica; mas não póde ser a base de um poema que symbolisa a heroicidade nacional,

O povo que com o seu profundo bom senso enxerga

o lado inconveniente de todas as cousas, é muito capaz de fazer aqui o que já fez no Chile.

Tinha-se de levantar um monumento: deram-lhe por base um chafariz: o povo chamou á respeitavel figura que o sobrecondecorava — *o juiz das aguas.*

Cremos que as unicas aguas que podem entrar na composição do Monumento são as de Riachuelo e essas mesmo no baixo relevo em que se figura o maior e o mais glorioso combate naval da America do Sul.

Do grupo capital do Monumento achamos de mais a corôa imperial que cinge a figura que symbolisa o Brasil. A figura é uma guerreira espartana: assenta-lhe mal o diadema bragantino. Não queremos com isso tirar ao Imperador o seu quinhão na guerra do Paraguay: bem sabemos quão largo foi elle. Mas como o Brasil inteiro tomou a si a guerra entre o Sr. D. Pedro II e Solano Lopez, e o paiz inteiro obrou maravilhas, melhor fôra que o deixassem ter agora maior quinhão no Monumento tirando-lhe aquella corôa que annulla o seu papel.

Sob os pés do Brasil ha, como symbolo de tyrannia esmagada, uma figura de Satan, ousada, bem concebida e bem modelada, mas altamente inconveniente.

Se aquella figura representa a nação vencida, a representação é impropria e impolitica, pois o Paraguay é hoje simplesmente uma nação alliada e amiga; se o que é peior, representa o tyranno Lopez, a idéa é não só pouco generosa mas indigna de um povo culto, ante cujos olhos se não póde perpetuar a imagem do inimigo, embora tyranno, caçado pelos batalhões do imperial genro de S. M. o Imperador do Brasil atravez das cor-

dilheiras até morrer combatendo. Sabemos de muito generalzinho que pudera dar-se desde já por satisfeito, se a Providencia lhe assegurasse uma hora derradeira tão heroica como a de Solano Lopez, destinada a tornar-se uma gloriosa lenda nacional, no dia em que resuscitar a nação paraguaya.

Quizeramos, pois, um Monumento mais sobrio e severo na fórma, e ao mesmo tempo mais do povo que fez a campanha com heroicidade do que do Imperador que a prolongou até o periodo do exterminio; um Monumento, emfim, digno de uma nação heroica, mas tambem generosa e grande.

Feitas estas observações, somos os primeiros a reconhecer o talento dos autores do projecto actual, que em todo o caso revela aptidão summamente aproveitavel. Modifiquem ou não o modelo na execução, é incontestavel o merecimento do seu trabalho, embora a concepção, tal como se acha, não nos pareça a mais acertada.

— Resposta ao precedente artigo da *Republica*, Rio, 24 de Julho de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação. — Sr. redactor da *Republica*. — Sendo de interesse publico a discussão relativa ao modelo do Monumento nacional, de que me acho encarregado pela Illma. Camara Municipal da Côrte, e sabendo que a illustrada redacção da *Republica* acceita e publica os artigos relativos aos pontos de que ella trata, tomo a liberdade de offerecer á sua apreciação algumas considerações.

É sempre agradavel para mim ouvir as opiniões sensatas, emittidas em uma linguagem tão attenciosa como houve por bem expender seu jornal de hoje; cumpre-me, porém, demonstrar quaes os motivos que me fizeram seguir o plano executado no modelo, que não tenho, por certo, a velleidade de considerar destituido de defeitos: e é para que os peritos e mestres critiquem e aconselhem, e para que o proprio autor da idéa modifique-a no que lhe parecer justo, que se costuma, antes da execução final de qualquer obra grandiosa, mandar fazer modelos bem acabados.

Espero que todas as pessoas profissionaes emittam com franqueza sua opinião pela imprensa, ou em cartas, ou verbalmente, pois que lucrarei sempre, chegando a um accôrdo rasoavel, desde que meus juizes estiverem collocados no terreno da probidade artistica e da conveniencia, como aquelle a quem agora respondo com prazer.

Começando pela apreciação da *corôa imperial, que cinge a fronte da estatua protogonista, ou principal, que symboliza o Brasil*, direi, que em um monumento historico, sejam quaes forem as opiniões politicas do povo, ou do artista, este deve rigorosamente indicar a epoca do feito que se commemora; e, si durante a guerra com o Paraguay o Brasil era Imperio, como hoje, me parece que não procede a censura relativa ao ponto em questão.

O *monstro da anarchia* é uma allegoria que não se applica ao povo paraguayo, e sim ao seu governo de então; e creio que o digno apreciador foi excessivamente indulgente com um tyranno, sob o ponto de vista historico.

Escola de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

Se nós como bons christãos admittimos o *parce sepultis*, como historiadores não o podemos fazer, sob pena da severa pecha de menos fieis ou de parciaes em narrar os factos.

Ninguem duvidará que o governo paraguayo, sob Lopez pai e filho, foi não sómente anarchico, mas tambem perniciosissimo ao Brasil, aos argentinos seus irmãos, ao proprio Paraguay, sobre cujo sólo immolou hecatombes, sómente por amor de sua pessoa, a suas proprias irmãs, a quem açoutou, e até a sua mãe, que milagrosamente foi salva daquelle supplicio vergonhoso (!) e emfim a humanidade inteira sob o ponto de vista social!! Devêra, pela mesma razão, Nero ser poupado pela historia.

E, pois, a compaixão de S. S. foi levada tão longe que o fez severo de mais para com os attributos do Brasil, e com as intenções do artista.

S. S. « *queria um Monumento mais sobrio e severo na fórma, e ao mesmo tempo mais do povo, que fez a campanha com herocidade, que do Imperador.* »

Me parece que esta apreciação não se baseia, por certo, no que representa o modelo. Sua Magestade alli não figura como idéa capital, e sim o Brasil, de quem é elle o chefe, e era durante a guerra. Já se vê que o Monumento é elevado a todos os filhos da terra de Santa Cruz que pelejaram, e morreram pela dignidade de nossa bandeira.

Isso foi o que tive em vista, historiando nos quatro medalhões os factos mais importantes, e ao mesmo tempo as quatro phases principaes da guerra; os heróes de cada uma dellas alli se acham commemorados, desde

o general que commandava até o mais bisonho soldado, as quatro Famas representam os quatro corpos combatentes; os adornos que completam a ornamentação referem-se todos aos militares.

Ha muita severidade tambem, pelo que fica exposto, na apreciação deste ponto.

Entremos agora nas observações technicas propriamente.

Quanto á *sobriedade* da ornamentação foram de muito acerto as apreciações do cavalheiro que me honrou com suas palavras: ha realmente em certos lugares necessidade de pequenas modificações, que eu já pretendia fazer por occasião de completar os estudos finaes para a execução definitiva, segundo communiquei a muitos de meus dignos collegas que me honraram com suas opiniões aqui e na Europa.

Outro tanto não posso dizer ácerca da opinião relativa ao systema polychromo, ou polychromico adoptado, porque ha varios monumentos na Grecia, templos principalmente, nos quaes os grandes mestres o empregaram, e, se quizesse ir além, poderia lembrar que na architectura egypcia aquelle genero é tambem observado até em tumulos, que exigem, como sabem todos, a maior severidade.

Peço licença ainda para lembrar que a pura esthetica nos aconselha que os monumentos, além de outros predicados, devem achar-se em harmonia com a natureza do paiz e o gosto dos povos que os erigiram.

Parece-me que em nosso paiz, onde a natureza é tão risonha, onde as flôres, aves e insectos apresentam côres tão vivas e bellas, onde o sol dardeja tão quentes

e brilhantes os seus raios, onde o caracter geral dos homens é tão prazenteiro, o Monumento em honra de nossos bravos, e para gloria do Brasil, deve ser antes representado com bellos e apropriados matizes, do que com a severidade que exige o nosso critico.

Não concordo, por ser muito injusta, com a censura feita á nova escola de architectura franceza: ella não abusa, usa perfeitamente das côres variadas, baseada, como sabe S. S., em modelos purissimos da escola grega e romana.

O segundo renascimento das artes é justamente o que ella representa; isto é: a restauração das artes accommodada ao gosto moderno. Mal de nós se as artes e as sciencias não progredissem, e limitassem-se a copiar sómente o que já fosse conhecido e feito pelos primeiros mestres! Aquelles estabeleceram as bases, nós devemos sobre ellas crear novos typos.

« A architectura (*) é essencialmente uma arte sobria e severa; *deve confiar tudo da fórma*, sem pedir auxilio da côr, elemento de outra arte distincta, » disse S. S.

Si ella póde raras vezes viver isolada da esculptura, e muitas vezes da pintura, em varios outros casos se harmonisa com estas, para dar maior belleza á execução de uma concepção artistica.

A proposição emittida ácerca da impropriedade das applicações da polychromia aos assumptos épicos não podemos acceitar, apezar do bello torneio da lin-

(*) Por erro typographico sahio no trecho aqui citado *architectura* em lugar de *esculptura*.

Da Redacção.

guagem, e da segurança que indica o talento de seu autor, porque elle não póde encontrar para isso razões. Póde alguma opinião isolada ter-se manifestado neste sentido, mas isso não constitue lei.

As bellas artes, como as bellas letras, são subordinadas a regras, por assim dizer, basicas; porém concedem plena liberdade na representação e na execução da idéa: as roupagens de que se revestem suas creações podem ser muito diversas.

A variedade nas côres, desde que estas forem apropriadas, em nada influem para diminuir a grandeza épica.

Comparemos, para exemplificar, dous bellos quadros, representando o mesmo assumpto grandioso, um colorido com perfeição e outro, de igual modo feito, porém de fumo; pergunto: seria este mais severo do que aquelle? Certo que não.

E porque fazer-mos uma excepção para a architectura, que se inspira, *mutatis mutantis* nos mesmos principios de esthetica?

Agora vou ferir uma questão que, por sua novidade, pela primeira vez serve de thema (que me conste), em bellas artes; e vem a ser a *conveniencia* ou inconveniencia das aguas na base do monumento commemorativo de uma guerra, ou de outro equivalente.

Não ha regras estabelecidas para o ponto; entretanto, nenhuma das grandes summidades em architectura na Europa, onde se achou, e se acha na exposição de bellas artes de Paris do corrente anno, um modelo identico ao que S. S. teve a bondade de criticar, fez reflexão alguma sobre isso no sentido desfavoravel. O

venerando e muito conhecido escriptor de architectura, Mr. Ramnée; o Sr. Garnier distincto architecto da nova opera em Paris; o Sr. Louvet e varios outros distinctos mestres na arte, acharam feliz a idéa, attento principalmente o clima do Brasil, e a utilidade unida ao bello; assim me permittirá S. S. que por ora abrace de preferencia aquellas opiniões.

Não é uma razão bastante poderosa para refutar-se uma ideia o não ter-se visto em outro lugar cousa igual: eu penso que é dever do artista crear: quando é possivel, tambem, e não copiar somente, comtanto que as regras basicas da arte sejam respeitadas, como ja dissemos.

Si porventura as aguas alli fossem destinadas ao uso dos habitantes, sendo assim o Monumento reduzido ao papel de chafariz, então bem; mas ellas passam ahi para seguirem além.

Não duvido que o Monumento do Chile se tornasse ridiculo no entender de alguns, por causa do nome— *Juez de l'agua* — que lhe deu o vulgo; porém alli segundo sou informado, se dá o seguinte: ha uma pequena estatua, em torno da qual ha chafarizes, onde os *aguaderos* vão encher seus barris. No caso nosso não se dá isso.

Demais, será porventura, motivo artistico, para regeitar-se uma idéa, o vulgo dar nomes engraçados?

No Arco do Triumpho, em Paris, alguns dos suberbos relevos foram criticados a principio, e até ridicularisados por quem não era artista; mas hoje elles fazem honra a seus auctores.

Eduquemos o povo nas idéas puras e sãs do

bello e do verdadeiro, em vez de acceitarmos os nomes que elle der ao que lhe parece exquisito.

São estas as considerações, que me suggerio a critica da *Republica*, a cuja redacção muito agradeço por mim e meu collega P. Bénard, pelo interesse que tomou, e continúa a tomar pelo exito da execução do monumento, que será a historia em bronze e marmore dos bravos da campanha do Paraguay.

Rio, 22 de Junho de 1872. — *Francisco Caminhoá*, engenheiro architecto.

— A *Republica* de 27 de Junho de 1872.

O Monumento do campo d' Acclamação.— A resposta offerecida pelo distincto architecto o Sr. Francisco Caminhoá ás observações feitas pela redacção desta folha, ácerca do Monumento commemorativo da campanha do Paraguay, força-me a adduzir mais desenvolvidamente as razões da nossa opinião, pois não fomos demovidos do nosso modo de pensar pelo illustre autor do projecto, que, em seu nome e em nome de seu collega o Sr. Paulo Bénard, accudio mui legalmente em defeza de seu trabalho.

Como prova de deferencia e lealdade, devidas a tão digno cavalheiro, seguindo o seu nobre exemplo, firmo com o meu nome estes e os subsequentes artigos.

Entro receioso nesta discussão. De uma parte estão com o meu contendor o saber e a competencia; de outra parte tenho apenas comigo, o que aliás tambem elle tem, a sinceridade de minhas opiniões. Sobram ao meu adver-

sario conhecimentos technicos; a mim falecem-me quasi todos. De seu lado está o homem profissional; do meu, um simples amador em assumpto de arte.

Si ao menos se tratara de questões minimas em que ás simples leis do gosto me pudera eu soccorrer, melhor me houvera; nas questões de esthetica em que sem espontaneidade tenho de intrometter-me, só a cortezia do meu contendor me anima e alenta.

Da sciencia do archictecto já dizia Vitruvio que precisava ser uma como que encyclopedia: delle não exigia só o estudo aprofundado do desenho da geometria, da optica, da arithmetica e da physica, com que a architectura está em relação estreita; queria que soubesse astronomia, para construir relogios solares; medicina, para guiar-se na escolha dos lugares em que havia de edificarem hospitaes em condições hygienicas, historia, para colher indicações indispensaveis á parte decorativa; musica, para levantar um theatro segundo as leis da acustica; jurisprudencia, para erguer paredes-meias, encanamentos e esgotos, conforme a legislação de cada povo; litteratura, para com clareza redigir relatorios e expor planos; philosophia, emfim, para premunir-se contra especulações sordidas, indignas de profissão tão honrosa, educando o espirito em esphera elevada, onde a equidade e o desinteresse, além da pratica de outras virtudes, conquistassem-lhe a confiança e a estima dos seus concidadãos.

Sei, pois, com quem vou discutir.

As observações já feitas e a resposta com que foram honradas versam ácerca de varias materias, de que, para maior clareza, ir-me-hei successivamente occupando.

Ha neste estudo a questão historica e as questões

technicas: a historia, abrangendo o anachronismo da corôa bragantina sobre a figura espartana, a inconveniencia da allegoria do dictador Lopez e o papel somenos do povo brasileiro no Monumento commemorativo; as questões technicas. abrangendo a analyse da composição do monumento, quanto á *ornamentação*, quanto á *symetria*, quanto á *harmonia* e quanto á *conveniencia*.

Após estas materias tratarei da impropriedade da polychromia empregada pela architectura nos assumptos épicos, fechando a discussão com uma questão de esthetica — a arte e o util.

Supponho attender desta forma a todos os pontos da resposta do meu illustre adversario, cujo merito veio impôr-me tal discussão.

Nestas materias além da cortezia que mutuamente se devem cavalheiros, não ha condescendencias possiveis.

Eu não as posso ter: sou por todas as razões o mais fraco: preciso fazer valer a verdade.

Nem vá parecer impertinencia minha o sahir a terreiro contra uma obra de arte nacional.

A critica quando conscienciosa só produz beneficio.

A arte nacional desfere apenas os seus primeiros vôos; e para que sejam vôos de aguia carece de severo regimen e alimentação sadia.

Comprimento hoje o meu contendor, e entrarei amanhã em materia.

Rio, 27 de Junho de 1872.— *Salvador de Mendonça*.

— A *Republica* de 28 de Junho de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação. — A composição do Monumento commemorativo da campanha do Paraguay pecca pelo lado historico.

A corôa imperial na figura espartana é anachronica, a allegoria do dictador vencido é pouco generosa e a consagração do heroismo brasileiro é quasi nulla.

Destes pontos começarei hoje a tratar.

Traçando, nos limites de uma simples noticia, as primeiras observações sobre o modelo exposto, expressei-me nestes termos:

« No grupo capital do Monumento achamos de mais a corôa imperial que cinge a figura que symbolisa o Brasil. A figura é uma guerreira espartana: assenta-lhe mal o diadema bragantino. Não queremos com isso tirar ao Imperador o seu quinhão na guerra paraguaya: bem sabemos quão largo foi elle. Mas como o Brasil inteiro tomou a si a guerra entre o Sr. D. Pedro II e Solano Lopez, e o paiz inteiro obrou maravilhas, melhor fôra que o deixassem ter agora maior quinhão no monumento tirando-lhe aquella corôa que annulla o seu papel. »

Respondendo a este topico, diz o Sr. Caminhoá:

« Começando pela apreciação da corôa imperial, que cinge a fronte da estatua protogonista ou principal, que symbolisa o Brasil, direi que em um Monumento historico, sejam quaes forem as opiniões politicas do povo ou do artista, este deve rigorosamente indicar a epocha do feito que se commemora; e, se durante a guerra do Paraguay o Brasil era imperio, como hoje, me parece que não procede a censura relativa ao ponto em questão. »

Já que neste terreno é licito pôr a corôa em discussão sem offensa de nenhum artigo constitucional, vejamos se ella deve ou não sobrecondecorar o Monumento.

Continuo a entender que não, e ahi vão as razões.

Para indicar a epocha do feito que se commemora, mais rigorosamente do que o quer um dos autores do Monumento, ahi estão os quatro medalhões a *historiarem as quatro phases principaes da guerra*, segundo as proprias palavras do Sr. Caminhoá; não era necessario a corôa que não indica rigorosamente a epocha do feito, mas todos os feitos identicos, já occorridos desde o começo até o fim deste reinado; que digo eu! desde que ha corôa imperial de Bragança até que venha a extinguir-se a dynastia, cousa que não é dado á previsão humana determinar quando ha de ser.

Quem sabe se com a dynastia bragantina conseguir fundar nas Americas um novo santo imperio, nascido do aniquilamento de todas as republicas sul e norte-americanas e do consorcio com o partido lazarista, no decurso dos seculos futuros, o Monumento que se vai erguer, só com aquella corôa por data, não porá em difficuldades os archeologos do porvir?

Será a commemoração de uma remota guerra do Imperador Pedro II com um cacique guarany? ou a memoria dos triumphos obtidos pelo mesmo soberano contra umas republicas que chamavam-se Uruguay, Confederação Argentina, Bolivia e Perú? perguntarão entre si os excavadores de antiguidades.

Não, observará terceiro; a figura de mulher que cinge a corôa parece antes estar dizendo que o Mo-

numento celebra a victoria da Imperatriz Izabel I sobre o Chile vencido.

Outro decidirá que trata-se da conquista do Equador por Izabel III, e reunirá talvez maior numero de votos a opinião mais avisada de que o feito commemorado, é a annexação dos Estados-Unidos ao grande Imperio, no reinado de Pedro XXIV, cognominado *das duzias*, por suas opiniões communistas.

Fallemos sério: a corôa bragantina prova de mais. *Rigorosamente* não indica data alguma. Tanto marca este reinado como o anterior, como o subsequente, como cem reinados mais, que para consolo dos monarchistas sinceros tenham de dilatar-se por ahi além até a consummação dos seculos.

A querer conservar a corôa imperial no Monumento, o meio unico de precisar, não a data do feito, mas o reinado, é substituir a guerreira espartana pelo proprio Imperador. Ha o tal inconveniente do *juiz das aguas* que já conhecemos; mas não lhe vejo outro remedio, embora a estatua tome então verdadeiro porte neptuniano, principalmente se lhe addicionarem o sceptro que em taes alturas figurará de tridente.

Com um chafariz de mais, e o classico chapéo de menos, teriamos no segundo reinado, a nossa columna de Vendôme.

A querer fugir sinceramente de taes inconvenientes e approximações, só resta escolher corôa ou chapéo, que historica e chronologicamente não desdiga da figura da guerreira espartana, de que afinal é attributo.

Não póde ser senão o barrete phrygio.

Indaguemos.

As corôas unicas que poderiam assentar na figura de mulher que symbolisa um feito guerreiro, segundo as prescripções da arte, que exigem a unidade dos accessorios com a figura principal, seriam ou uma corôa *castrense*, ou uma corôa *civica*, ou uma corôa *mural*, ou uma corôa *obsidional* ou uma corôa *rostral*, ou uma corôa *oleaginea*, ou uma corôa de *ovação*, ou emfim uma corôa *triumphal*.

Mas todas estas tem ainda a inconveniencia do anachronismo, por serem romanas e a figura espartana.

Na Grecia das republicas não fica onde escolher: a corôa de oliveira era a dos vencedores nos jogos Olympicos, a corôa de louros a dos jogos Pythios, a corôa de aipo verde a dos jogos Nemeus e a corôa de aipo secco a dos jogos Isthmicos.

As outras, ou eram sacerdotaes ou de phantasia, como por exemplo as corôas de flores naturaes que usavam os noivos e os convivas nos festins, ou as de cypreste e pinheiro das victimas destinadas aos sacrificios.

Desde que nenhuma destas póde convir á figura guerreira da espartana, só lhe convém o barrete phrygio ou da liberdade.

E si o barrete da liberdade, embora esteja bem na cabeça grega, faz com que a figura já não possa symbolisar o Brasil, ponham-lhe o barrete de pelle de cão, de que em Esparta usavam os ilotas.

Dest'arte evita-se o anachronismo e salva-se a verdade do symbolo.

Esta é toda a minha questão deste ponto.

A realisação historica da figura principal não póde sahir destes dous termos: ou a corôa de Bragança pede

a estatua do Imperador, ou a estatua da guerreira espartana reclama o barrete.

Conservar o que está é tão absurdo, como fôra ter alli o Imperador com o barrete do ilota.

Proseguirei. Por hoje cumprimento o meu distincto contendor e peço-lhe sincera desculpa da pouca sisudez deste artigo: a culpa não foi delle, nem do autor: foi do assumpto. Desde começo pareceu-me difficil tomar ao serio a questão da corôa; e isto pela só razão de que tenho convicção profunda de que não passa de attributo anachronico, geralmente fallando, quanto mais sobre uma cabeça republicana.

Em todo caso ficou provado que, além de ser no Monumento um anachronismo, é anachronismo totalmente dispensavel, porque *rigorosameute*, como exige o Sr. Caminhoá que o artista indique a epocha do feito, a corôa não serve de data.

Portanto, abaixo a corôa... do Monumento! — *Salvador de Mendonça.* — Rio, 28 de Junho de 1872.

— A *Republica* de 30 de Junho de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação. — Com referencia á allegoria do inimigo vencido, escrevi o seguinte ao fazer as primeiras observações ácerca do Monumento:

« Sob os pés do Brasil ha, como symbolo da tyrannia esmagada, uma figura de Satan, ousada, bem concebida e bem modelada, mas altamente inconveniente.

« Se aquella figura representa a nação vencida, a

representação é impropria e impolitica, pois o Paraguay é hoje simplesmente uma nação alliada e amiga; se, o que é peior, representa o tyranno Lopes, a idéa é não só pouco generosa, mas indigna de um povo culto, ante cujos olhos se não póde perpetuar a imagem do inimigo, embora tyranno, caçado pelos batalhões do imperial genro de Sua Magestade o Imperador do Brasil atravéz das Cordilheiras até morrer combatendo. Sabemos de muito generalzinho que pudera dar-se desde já por satisfeito, se a Providencia lhe assegurasse uma hora derradeira tão heroica como a de Solano Lopez, destinada a tornar-se uma gloriosa lenda nacional, no dia em que resuscitar a nação Paraguaya.

Em resposta a este ponto, escreve o Sr. Caminhoá:

« O monstro da anarchia é uma allegoria que não se applica ao povo paraguayo, e sim a seu governo de então; e creio que o digno apreciador foi excessivamente indulgente com um tyranno sob o ponto de vista historico.

« Se nós como bons christãos admittimos o *parce sepultis*, como historiadores não o podemos fazer, sob ena de severa pecha de menos fieis ou de parciaes em narrar os factos.

« Ninguem duvidará que o governo paraguayo, sob Lopez pae e filho, foi, não sómente anarchico, mas tambem perniciosissimo ao Brasil, aos argentinos seus irmãos e ao proprio Paraguay, sobre cujo solo immolou hecatombes, sómente por amor de sua pessoa, a suas proprias irmãs, a quem açoutou, e até á sua mãe que milagrosamente foi salva daquelle supplicio vergonhoso e emfim á humanidade inteira sob o ponto de

vista social ! ! Devêra, pela mesma razão Nero ser poupado pela historia.

« E pois a compaixão de S. S. foi levada tão longe que o fez severo de mais para com os attributos do Brasil, e com as intenções do artista. »

O meu illustrado contendor, tirando toda a duvida á significação do symbolo satanico, fal-o representar o dictador Solano Lopez, e para justificar tal representação acha-me excessivamente indulgente com um tyranno, sob o ponto de vista historico.

Os republicanos têm destas fraquezas : preferem atacar os despotas vivos e ter indulgencia para com os tyrannos mortos quando com a morte resgataram em grande parte seus crimes.

Não procuro innocentar o tyranno : o exterminio de sua propria patria, em que collaboraram seu governo matricida e a imperial *tenacidade* de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, constitue o seu crime mais abominavel.

Mas o historiador imparcial que estudar a campanha do Paraguay e os actos de seu dictador, sem receio de severa pécha de menos fiel narrador dos factos, dirá muito mais do que eu já disse.

Dirá que um homem ambicioso e no vigor da idade achou-se á testa de um povo, cuja existencia contava apenas as duas mais perniciosas phases com que a Providencia póde flagellar uma nação : a theocracia e o militarismo.

Dirá que a primeira, trabalho lento e paciente da Companhia de Jezus, ao par do fanatismo religioso, inoculou no espirito da população indigena o cégo respeito da autoridade ; e que o segundo, obra de Francia e de

Lopez pae, fechando ao commercio extranho aquella pequena China americana, foi hora por hora, dia por dia, transformando a fazenda dos jesuitas em um campo militar, de tal arte que, ao tomar Solano Lopez as redeas do governo podia-se dizer do Paraguay o que disse de Esparta um escriptor eminente : — Era um convento de soldados.

Dirá que esse povo, creado para o despotismo de um chefe militar, depois de affeiçoado pelas mãos dos jesuitas, desherdado das victorias da civilisação, oscillando entre o fanatismo religioso e o fanatismo guerreiro, foi o primeiro a incarnar na pessoa de seu chefe a idéa da patria e do culto, fazendo della a suprema autoridade e a suprema garantia.

Dirá que esse homem á frente desse povo, um para o outro educados, não tem tamanha responsabilidade nos seus proprios erros e crimes como á primeira vista parece, porque (se é licito comparar ás grandes as pequenas cousas) o que ha de tambem attenuar a severidade da historia em relação ás usurpações de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II no terreno constitucional ha de ser a fraqueza senão a connivencia de seu povo, ou pelo menos daquelles que diziam representar o seu povo,

Lopez foi portanto mais que um chefe; foi a incarnação da sua patria: morreu elle e ella está morta tambem; se a patria resuscitar um dia, fará da memoria desse homem a sua mais gloriosa tradição. São laços esses indissoluveis, pactos cujo rompimento a historia não attesta, sellados com o sangue derramado em defeza do solo natal.

Bibliotheca Capital Federal

Nem ha paridade com o imperador romano, cujo nome é citado pelo meu distincto contendor.

Esse, depois de um reinado de crimes sobre a nação que já havia sido a republica romana, á approximação das hostes de Vindex, refugia-se á noute em casa de um velho escravo. Acompanhado por tres libertos, tremulo de medo, disfarçado, com o rosto coberto como uma mulher, arrasta-se como um reptil e penetra no alvergue por um buraco praticado na parede. Os famulos exhortam-no a matar-se; não tem a coragem das suas victimas; relucta e lamenta-se; experimenta o gume de dous punhaes e chora; pede a Sporo que mate-se á sua vista para ensinal-o a morrer. Depois de velar a noute inteira nessa agonia covarde, só o ruido proximo dos matadores obriga-o ao suicidio.

Nero foi isso.

O como resgatou Solano Lopez na hora derradeira todos os seus crimes, disse-o de sobejo a parte official da jornada de Aquidaban. Nesse documento eloquente; o general Camara escreveu uma pagina indelevel para a historia da America; pagina em que o Brasil muito ha de meditar ainda. Ahi levanta-se heroico até o martyrio o dictador vencido. Ahi cahe com a patria um homem que era uma nação. Ahi o corpo do tyranno é disputado ao vencedor pela espada de seu filho, como se a Providencia quizera resumir naquella hora a historia de duas gerações do povo martyr. O que ahi se occultou, sabe o soldado brasileiro, e não o digo eu por amor da civilisação e do nome de meu paiz.

Basta que ao chegar a nova de taes successos á

capital do Imperio, sahisse o Imperador a passear cheio de jubilo pelas ruas da cidade.

Basta que os Cesares dos nossos tempos cultos, já não vertam lagrimas ao saber da morte de Pompeu; que os Alexandres de hoje já não punam os matadores de Dario.

Mas querer que um Monumento que commemora o heroismo do povo brasileiro guarde tambem o symbolo da ensanguentada tragedia, cousa é que o animo generoso desta nação não póde acceitar, sem protesto ao menos.

Ponham sob as plantas da imagem victoriosa que cinge a corôa do Imperio o inimigo exterminado; guardem os corações dos deuses, envolto nas suas coleras olympicas, o prazer da vingança pouco magnanima; tenho em minha consciencia que aos olhos do povo brasileiro aquelle symbolo é um espectaculo doloroso.

A arte christã não deve perpetuar taes cruezas. — *Salvador de Mendonça.* — Rio, 30 de Junho de 1872.

— A *Republica* de 4 de Julho de 1872:

O Monumento do campo d'Acclamação. — Encetando a discussão das questões historicas, presas á realisação do projecto do Monumento commemorativo da campanha do Paraguay, deixei demonstrado que a corôa imperial na cabeça da estatua da guerreira espartana é, sobre anachronica, desnecessaria ao fim para o qual disse o meu illustrado contendor havel-a posto em tal lugar, e ficou tambem evidente a pouca generosidade da representação do inimigo vencido.

Sobre esses dous pontos fundava eu desde começo a exigencia, o desejo, o voto de que « o Monumento fosse mais do povo que fez a campanha com heroicidade que a do Imperador que a prolongou até o periodo do exterminio; um Monumento, emfim, digno de uma nação heroica, mas tambem generosa e grande. »

Respondendo a este ponto, diz o Sr. Caminhoá:

« Me parece que esta apreciação não se baseia, por certo, no que representa o modelo. Sua Magestade alli não figura como idéa capital, e sim o Brasil, de quem é elle o chefe, e era durante a guerra. Já se vê que o Monumento é elevado a todos os filhos da terra de Santa Cruz que pelejaram e morreram pela dignidade da nossa bandeira.

« Isso foi o que tive em vista, historiando nos quatro medalhões os factos mais importantes, e ao mesmo tempo as quatro phases principaes da guerra; os heroes de cada uma dellas ahi se acham commemorados, desde o general que commandava até o mais bisonho soldado; as quatro Famas representam os quatro corpos combatentes; os adornos que completam a ornamentação referem-se todos aos militares.

« Ha muita severidade tambem, pelo que fica exposto, na apreciação deste ponto. »

Só no que representa o modelo, perdôe-me o distincto Sr. Caminhoá, baseia-se a minha apreciação.

Si o diadema bragantino corôa o symbolo do Brasil, não como data do feito, como já deixei anteriormente provado, porque a data mais rigorosa está nos quatro medalhões que *historiam os factos mais importantes e ao mesmo tempo as quatro phases principaes da*

guerra; não posso conceber que alli fosse posto pelos autores do projecto excusadamente, mas para darem ao Monarcha a posição culminante no Monumento.

Ainda mais: dentre os ornatos que sobrecarregam a parte inferior do fuste da columna, avultam quatro escudos com as armas imperiaes que quadruplamente dispensam o diadema que sobrecondecora a espartana, ao passo que lembram quatro vezes que todos os quatro corpos combatentes representados pelas Famas, sem o divido symbolo, não teriam cabida na commemoração; de tal arte que não se historia phase alguma da guerra, que não esteja logo ahi a explicação da victoria. *In hoc signo vinces.*

Não ha occultar que Sua Magestade seja a idéa capital da obra, pois além de estar cinco vezes representado no Monumento uma dessas representações põe o feche á composição.

O Sr. Caminhoá dá outra explicação ás cousas; mas, desculpe-me S. S., em uma obra de arte as interpretações authenticas não podem ser preferidas áquillo que a obra por si põe claro.

Os autores e o humilde critico ao cabo de mais anno menos anno têm de perecer; as paginas ephemeras desta folha desapparecerão tambem; e o Monumento ahi perdurará.

Quem o interrogar daqui a um ou dous seculos, verá que tudo nelle é accessorio, apenas destinado a realçar *o chefe durante a guerra*, que mais feliz que os lendarios chefes diante de Thebas, que afinal sempre eram sete, sendo apenas um, esmagou o inimigo em Riachuelo, em Tuyuty, em Lomas, em Peribebuy, e,

não contente com tão altas façanhas, ainda pôde esmagar o proprio symbolo do Brasil.

Ora, já o disse, a guerra foi a principio mais do Sr. D. Pedro II que do povo brasileiro; mas só o povo brasileiro concorreu com umas cem mil vidas e uns quinhentos mil contos para saciar a voracidade do novo minotauro; conseguintemente a obra commemorativa do feito devia dar ao povo brasileiro mais assignalado quinhão.

Por outra parte, si deixei tambem provado que o symbolo do inimigo exterminado era pouco generoso, creio que *só no que representa o modelo baseia-se* o meu voto de que fosse o Monumento mais do povo que do Imperador; digno da heroicidade, mas tambem digno da generosidade do Brasil.

E si o meu illustrado contendor quer saber todo o meu pensamento sobre a concepção de sua obra, eu lh'o digo.

Sei que as artes estão no seu papel commemorando na tela, no marmore e no bronze os fastos militares de um povo.

Mas vejo tambem que outras glorias melhores, menos emphaticas, porém mais humanitarias, menos ruidosas, porém mais duradouras, — as victorias civilisadoras da paz, as conquistas do progresso da liberdade, — deveram merecer a preferencia dos artistas de largos intuitos e elevada mira.

Não tenho predilecção pelos triumphos da força da espada, da destruição; antepondo-lhes os da razão, do trabalho, do engenho creador.

Applaudira, de preferencia ao Monumento que se

vai levantar, outro que commemorasse a abertura do Amazonas ou a emancipação dos escravos no Brasil, quer os que decoram-se com o nome de cidadãos, mas são o elemento servil da grande feitoria, quer os que servem aos servidores e foram primeiro contemplados.

Acho que o mundo ganha mais com um Fulton que com um cento de Napoleões.

Cada vez que o Sr. D. Pedro II passar pelo campo d'Acclamação, olhando para o seu Vendôme, cogitará nos meios de duplicar, quadruplicar, que sei eu! o symbolo dos povos exterminados, e não ha de ser com taes cogitações que havemos de entrar no caminho da liberdade e do progresso, elevando o nivel moral da nação, já de sobejo attenta aos clarins bellicosos dos imperiaes arautos.

Ponho aqui termo á primeira parte das minhas observações.

Entrarei amanhã na parte technica. — *Savador de Mendonça.*— Rio, 4 de Julho de 1872.

— A *Republica* de 18 de Julho de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação.— Entro hoje na segunda parte deste estudo, e ainda uma vez, peço venia ao meu contendor por intrometter-me em seára alheia, occupando-me de questões technicas, que mais são para profissionaes que para simples amadores.

Nas primeiras observações feitas por esta folha votei

pela sobriedade da architectura e achei heterogeneos o pedestal do Monumento e a sua columna.

Respondendo a esse ponto, diz o Sr. Caminhoá:

« Quanto á sobriedade da ornamentação, foram de muito acerto as apreciações do cavalheiro, que me honrou com suas palavras: ha realmente em certos lugares necessidade de pequenas modificações, que eu já pretendia fazer por occasião de completar os estudos finaes, para a execução definitiva, segundo communiquei a muitos de meus dignos collegas, que me honraram com suas opiniões aqui e na Europa. »

Estas palavras do illustrado profissional animam-me a desenvolver a apreciação que fiz da sua composição.

Ensinam os mestres, e sabe-o melhor que eu o meu contendor, que não ha monumento perfeito sem que possua a um tempo *belleza*, *commodidade* e *solidez*:

Dando de mão ás duas ultimas condições, tratarei apenas da primeira, com que peculiarmente entendem as questões que discutimos.

Para que um monumento tenha a primeira condição, dizem ainda os mestres, é necessario que a composição architectonica respeite as leis da *ornamentação*, da *symetria*, da *harmonia* e da *conveniencia*.

Vejamos si o projecto dos Srs. Caminhoá e Bénard respeitou todas essas leis.

A *ornamentação*, que consiste em dar aos materiaes empregados as fórmas mais agradaveis, e cujos principaes elementos estão subjeitos a regras theoricamente estabelecidas pelos monumentos da antiguidade, deixou evidentemente de ser respeitada pelos autores do projecto, pois confessam haver modificado as prescripções

classicas pelo gosto moderno, isto é, pela moderna escola de architectura franceza, enfeitada e confeitada.

A *symetria*, que nasce da exacta proporção das partes entre si e das partes com o todo, reclamará por seu turno contra as proporções do capitel e do fuste da columna, pois aquelle parece-nos ter demasiada altura em relação á altura deste. Si os ornatos que acham-se entre a base da columna e o fuste cannellado pertencem ainda á base, como o seu diametro parece demonstrar, o fuste fica desproporcional e anão: e si ao contrario fazem parte do proprio fuste, como as proporções architectonicas o exigem, é indispensavel reduzir-lhes o diametro, afim de que passem a formar com elle um todo acceitavel. Estas observações faço-as mui timidamente, subjeitando-as ao juizo dos competentes. Por isso sem alongar-me ácerca deste ponto, deixo de parte as outras proporções do Monumento que é de crer estejam exactas.

A *harmonia*, que resulta do accordo das partes correspondentes, requer *unidade* e *variedade*, contra as quaes pecca tambem o projecto, como passo a demonstrar.

A *unidade* mais perfeita deve reinar em toda a composição, isto é, em um monumento todas as partes devem estar de harmonia com o todo.

A *variedade* que lhe é correlativa e destina-se a evitar a monotonia, não deve degenerar em confusão, defeito de que não é extreme o projecto que analyso.

Já um abalisado mestre em materia de arte escreveu : « Alguns ornatos combinados com gosto bastam para variar até o infinito a composição architectonica, da mesma arte que na musica são bastantes sete notas

para que o engenho humano possa produzir innumeras obras primas. »

Ora, tratando-se de um monumento que tem de commemorar o heroismo de um povo, assumpto que só os moldes epicos comportam, a escolha, quer dos ornatos quer da propria columna, affigura-se-nos impropria.

Os attributos, embora guerreiros, sobrecarregam a parte inferior do fuste, de modo incompativel com a severidade que o todo do Monumento devêra ter.

Ainda mais: a propria columna escolhida pelos autores é inacceitavel.

Pondo de parte as columnas de ordens gregas, a dorica, a jonica e a corinthia, cada uma das quaes representa a grandeza na simplicidade, na graça e na magnificencia, preferiram os autores do projecto uma columna cujo fuste póde pertencer á ordem corinthia ou á composta, mas cujo capitel é de mera phantasia.

Que o fizessem. Mas escolher uma columna cannellada para tal Monumento é o que julgo inadmissivel.

Refere Vitruvio que a columna cannellada foi pela primeira vez empregada na Grecia em um templo de Diana; na construcção desse templo procuraram os architectos dar ás columnas alguma cousa da graça feminil, assim como a columna dorica possuia já a força e a belleza do corpo do homem. As cannelluras abertas ao longo do fuste tiveram o intuito de imitar as dobras das vestes da mulher.

Supponho que, mais do que a graça feminil, devêra o Monumento que estou estudando, traduzir a força

e a magestade do assumpto que teve em mira representar.

A columna é a parte mais characteristica do monumento, e, no entanto, o seu estylo effeminado prejudica a grandeza e elevação do todo.

Quanto á *conveniencia*, que consiste em dar ao Monumento a ornamentação e as proporções mais adequadas ao seu destino, será por mim estudada posteriormente, quando, entrando na questão de esthetica — *a arte e o util*, tiver de mostrar mais detidamente a incompatibilidade do pedestal com a parte superior do Monumento, isto é, do chafariz com a columna triumphal.

Por hoje pararei aqui, pedindo no entanto permissão ao meu illustrado contendor para terminar com as seguintes reflexões:

Os gregos com o seu sentimento das leis da harmonia, gosto innato pelo bello e costumes simples e severos, realisaram todas as maravilhas architectonicas que foram o assombro da antiguidade e são ainda hoje o desespero da arte moderna.

No tempo de Pericles, só com as ordens dorica e jonica, ergueram-se os primores de architectura, entre os quaes avulta no primeiro plano o Parthenon.

Quando a ordem corinthia, a ordem faustosa, chegou ao desenvolvimento completo, a arte começou de perder a sua nobilissima simplicidade e a tender para a decoração: desde então os Phidias não mais surgiram.

O gosto demasiado pelos ornatos, que presidi á construcção da mór parte dos edificios levantados no tempo de Alexandre, tornou-se por tal fórma excessivo que a arte grega entrou no periodo da decadencia.

Outra não foi a historia da architectura entre os romanos desde o tempo de Augusto até a epocha bysantina.

Outro não será em qualquer tempo o destino da arte que affastar-se da simplicidade, primeira condição do bello. — *Salvador de Mendonça.* — Rio, 18 de Julho de 1872.

Resposta á *Republica*.—Rio 5 de Agosto de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação.

I.

De proposito e para muito meditar sobre os pontos apreciados pelo meu illustrado contendor, nos differentes artigos sob a epigraphe « *Questão de Arte* », que *com tanta arte*, foi transformada em questão politica, guardei-me para depois que S. S. terminasse aquelles escriptos, cuja linguagem, comquanto muito brilhante, a ponto de fascinar-me, não foi sempre desapaixonada em relação ás apreciações da historia contemporanea patria e americana.

Confesso que, se não fosse a convicção firme em que estou de que a razão acha-se de meu lado, me renderia, sem constrangimento algum, ante uma penna tão adestrada, principalmente em polemicas jornalisticas, forenses e politicas.

Obscuro artista, minha vida é muito outra, que não a de um politico militante: as armas com que nos batemos são tão desiguaes, que receio muito fra-

quear; e, se prosigo, é porque uma voz intima me diz: « Avante! a opinião publica está comtigo, e o proprio teu competidor está argumentando convencido, e (quem sabe?) penalisado por ter sido tão esvero e apaixonado! Aprecia bem seus argumentos, que em todos verás que elle soube aproveitar-se da opportunidade, para seus fins politicos. »

Não posso á vista disso acompanhar S. S. naquelle terreno. Dos limitados conhecimentos, que possuo relativamente ás bellas artes sómente me soccorrerei; pois que é só do lado artistico que me compete fallar em defeza do modelo que expuz.

Acompanharei as apreciações por partes, como fez S. S. e na mesma ordem.

II.

Da corôa que cinge a estatua.—Começando pelo anachronismo, que aponta S. S., confesso que fiquei a principio envergonhado de ter commettido o grave erro de pôr a corôa de uma casa reinante no XIX seculo sobre a fronte de um individuo que viveu muitos seculos antes de Christo! Eis o que se deduz dos argumentos de S. S. Fôra aquillo, por certo, grosseiramente anachronico; mas ninguem, de espirito calmo, e em boa fé, me poderia fazer tão grande censura; porque realmente não ha semelhante cousa!

Devendo ser o Brasil representado, como protogonista, um typo grandioso e bello devia de ser escolhido para symbolisal-o. Entre os mais grandiosos guerreiros, o que ao mesmo tempo fazem lembrar as virtudes civicas e militares até a abnegação dos nossos Volun-

tarios da Patria e dos outros brasileiros que fizeram a campanha que rememora o Monumento, achámos muito proprio o de uma espartana,

Tomámos, pois, para representar o Brazil, uma guerreira da grande patria dos heroes e dos genios, e para symbolisar a fórma do governo uma corôa.

Já se vê que a justa liberdade concedida aos artistas foi tomada, sem que fossem offendidas as regras impostas pelos grandes mestres.

S. S. entende quo « o barrete phrygio, ou da liberdade, é o que cingir devêra a estatua. » Não posso concordar, por ser extraordinariamente anachronico ; e porque a historia a isso se oppõe, ensinando-nos que Esparta não era Republica propriamente ; embora as leis de Lycurgo e outros a fizessem mais liberal e republicana de facto do que a maior parte das modernas republicas ; embora muitos a denominassem tal, ella teve sempre reis ; além disso desde que a estatua representa o Brasil, que era, repetimos, imperio, fôra uma licença intolerada pelas bellas artes em um monumento historico, mudar-lhe os attributos.

Porém depois, dessas reflexões, deparamos com um periodo da espirituosa critica de S. S. que dispensar nos poderia da defeza. Seu autor, sincero e recto, como temos o prazer de o considerar, e ao mesmo tempo não desejando poupar as idéas politicas antagonistas das suas, diz : « peço sincera desculpa da pouca sisudez deste artigo; a culpa não foi delle (contendor) , nem do autor : foi do assumpto. Desde o começo pareceu-me difficil tomar ao sério a questão da corôa. »

Fica, pois, demonstrado que S. S. bate a idêa nossa, não porque a considere anachronica, porém porque anthipatisa com o symbolo. Cada um tem o livre direito de pensar como entende; porém deve ser imparcial, quando, como S. S., está collocado no papel de juiz. Sinto bastante que meu trabalho o tivesse apenas encontrado como promotor, e este de tanta eloquencia e dons oratorios que podem fazer escurecer a verdade, em favor de suas idéas. Felizmente os outros distintos orgãos da imprensa fluminense, tenho o desvanecimento de crêr, estão de meu lado: seu silencio, me é grato attribuir a uma adhesão.

S. S. aponta as corôas, que puderamos ter escolhido, para preferirmos á imperial; e tambem sinceramente se encarrega de dar a razão por que não as poderiamos acceitar, tanto as romanas, como as gregas. Já que a isso me vejo forçado, vou narrar francamente o que succedeu, quando eu fazia os estudos para a execução do modelo.

Como S. S. sabe, as bellas artes, baseando-se nos estudos da historia antiga, dividem as corôas gregas e romanas em 5 grupos: 1.° corôas dos *festins*, 2.° dos *jogos publicos*, 3.° *militares*, 4.° dos *sacrificios*, e 5.° dos *Soberanos*.

Procurei estudar as do 3.° grupo, que eram as que mais proprias me pareceram para o fim a que me propunha.

Entre as nove especies que o compoem, busquei escolher uma que fosse ainda a mais adequada.

A *castral* ou *vallar*, além de ser romana, como as que se seguem, e bem disse S. S., não servia; porque era

destinada sómente aos soldados, que, á viva força, penetravam o campo inimigo, vencendo vallas e outros grandes obstaculos materiaes e nós queriamos mais do que isso.

A *civica*, destinada a recompensar um soldado ou official, que salvára qualquer outro de perigo imminente, matando o inimigo, não era adequada ao nosso typo.

A *graminea*, que servia para recompensar um soldado, que nos mesmos casos livrava seu chefe, não era propria para adornar a fronte do Brasil.

A *mural*, que era conferida pelo general ao primeiro que escalava as fortificações inimigas, era deficiente.

A *obsidional*, que se dava em recompensa aos officiaes superiores, que por exemplo, livravam uma cidade sitiada, e era offerecida pelo seus habitantes, não era appropriada ao assumpto, que eu tinha em vista.

A *rostral* ou *naval*, que servia de premio para o primeiro, que n'uma abordagem saltava no navio inimigo, não nos era conveniente, pois que não tivemos de abordar navios inimigos.

A *oleaginea*, ou de ramos de oliveira, servia para triumphos de ordem secundaria.

A *oval*, de murtha quasi sempre, era destinada ás ceremonias de ovação; não tinha tão grande importancia como a seguinte.

A corôa *triumphal*, que era de louros, podia convir; porque era destinada pelos soldados, pelas cidades, provincias, etc., aos triumphadores; não a quiz, porém, por ser tambem romana, e o typo da estatua grego.

Decidi collocar, como é mais natural e artistico,

o capacete grego na cabeça da estatua; e as corôas imperiaes sobre escudos de honra harmonisados com os trophéos e ornamentos.

Alguns de meus sabios mestres em architectura e historia das bellas artes, porém, foram de opinião que devia ser escolhido o diadema imperial, por ser o Brasil imperio. Acceitámos esta opinião, porque nos pareceu boa.

Quanto ás hypotheses figuradas por S. S. sobre a absorpção dos outros paizes sul-americanos, etc., que são meramente gratuitas, respondemos que, ainda quando succedesse tudo quanto S. S. figura, o visitante, a não ser analphabeto, leria nos escudos as iniciaes do chefe da nação e as armas do Imperio do Brasil, e abaixo de cada medalhão, que representa uma victoria, sua data. E, quando mesmo isso não houvesse, a historia universal, que não morre, nem se submette ás opiniões individuaes, commemorará aquelles feitos da guerra do Paraguay: o Brasil nella terá tambem seu Monumento grandioso.

III.

Allegoria do monstro da anarchia.— Meu illustrado contendor, se não teve razão em outros pontos, ainda menos tem no que ora serve de assumpto.

Acho muito nobre seu modo de pensar em relação aos despotas vivos e tyrannos mortos.

Realmente uma alma bem formada, e educada nos severos principios da magnanimidade e independencia, assim deve proceder; isso porém não se oppõe á que uma geração inteira e a historia amaldiçoem a memo-

ria de um chefe de nação que attingio o zenith nas atrocidades, e sacrificou seu paiz, que entregou-lhe cegamente seu destino; de um *fratricida*, e, mais ainda, de um *matricida*; (por que a sentença de morte para sua mãe chegou a ser lavrada, segundo se sabe geralmente); de um ente, emfim, que não poderá encontrar perdão se quer perante a religião; pois que nunca se mostrou arrependido por ter derramado tanto sangue, quanto mais perante a historia!

Acho excessiva a misericordia de S. S. para aquelle que cuspio affrontas sobre nosso pavilhão, que invadio nossa patria, que açoutou nossas irmãs em Matto Grosso, que assassinou, depois de barbaramente suppliciar, nossos patricios tomados prisioneiros, qne mandou fuzilar seus melhores amigos, seus mais devotados servidores, inclusive seu infame instrumento do mal — o bispo Palacios!

Aquelles atrozes crimes não podem ser descriptos em linguagem commum!!

A idade e ambição de glorias não attenuam, quanto a mim, os feitos do perverso inimigo do Brasil; porque elle era bem educado, regularmente instruido, esteve sempre em contacto com inglezes e outros europeus, tanto em seu paiz como na Europa, onde esteve até como diplomata.

Qualquer brasileiro, argentino ou oriental, que tenha feito a campanha do Paraguay, ou qualquer outro que lá tivesse tambem de perto acompanhado os factos, ao ler as palavras de S. S. em abono de Lopez, diria comsigo: « ou aquelle bello talento se deixou completamente dominar pela idéa de a todo transe defender uma causa pessima, para não deixar

um reconhecido assassino ser accusado sem defeza; e então os recursos oratorios de que dispõe S. S. podem, callando uma falsa convicção, salvar seu cliente, mas sacrificar a causa da justiça (principalmente sendo a luta com tão fraco antagonista), ou não está bem informado ácerca do que foi Lopez e seu governo. »

Creio que a unica defeza de que se póde tirar algum partido em favor de tão ingrata causa, é appellar para a hypothese de padecimentos mentaes sobrevindos por occasião da derrota do Riachuelo e da rendição de Uruguayana: e seus poucos amigos agarram-se a esta fraca taboa de salvação, para diminuir as maldições dos povos sul-americanos; porque muitos dos seus desaffectos asseguram que todos aquelles crimes foram provenientes da contrariedade que elle experimentou, não realisando a fundação de seu imperio platino, ou quiçá, sul-americano, e baseiam-se no que referiram as noticias officiaes de Buenos-Ayres, que diziam terem sido apprehendidos na alfandega os modelos da corôa e sceptro, que lhe tinham sido enviados da Europa.

Nosso fim, porém, não é provar o que foi Lopez; a historia se encarregará disso: ella dirá se foi na fuga precipitada, desamparando os seus, ou se com a espada em punho e á frente de um grupo de bravos, que elle expirou, e então será, ou coroada sua fronte com as palmas do martyrio, como querem seus raros apologistas, ou, como entende a maxima parte, condemnado ao papel de *Satan*.

No Monumento do campo d'Acclamação, já o disse, e á fé de cavalheiro repito, alli se acha figurado o

monstro da anarchia; e, ainda quando eu houvesse figurado Lopez, não seria desvantajosa aquella concepção artistica aos olhos do publico, e principalmente daquelles que tivessem sido victimas: repito porém ainda uma vez, que desejo ouvir todas as criticas; pretendo abraçar todas as opiniões sensatas, e, acima de tudo, desejo ser o fiel interprete da opinião publica no Brasil, desde em que ella não vá de encontro ás regras da arte, ou não fôr muito parcial.

A opinião do muito distincto redactor da *Republica* é lida com o maior interesse e é archivada com muito respeito; entretanto S. S. desta vez não esteve tão altamente collocado, como sôe succeder em varias outras; mas a culpa não é sua: é da causa que S. S. defendeu, e que é sobremodo antipathica ao Brasil, ás republicas Argentina e Oriental, ao proprio Paraguay e á humanidade emfim.

Como assumpto grandioso e digno de enthusiasmo, a lei da abolição da escravidão no Brasil, verdadeira revolução pacifica, é superior á guerra, ante a civilisação moderna, embora por um fim nobre, porque não derramou sangue.

Por outro lado porém, quanto maior o sacrificio, quanto mais estupendas as provas de valor em prol da patria, mais demonstrações de enthusiasmo e respeito deve o povo offerecer aos vencedores: S. S. assim pensa tambem. E nem podera ser de outro modo.

Os sacrificios de sangue só merecem os entes mais caros de noss'alma: Deus, liberdade, patria e familia: pois bem, a patria foi violada, a liberdade ameaçada, a familia quasi deshonrada e morta; e os brasileiros

com o seu sangue em rios, lavaram a affronta, salvaram a liberdade, a patria e a familia !

O que manda a gratidão ? Que a patria e a familia, no goso da paz e liberdade, não esqueçam seus intrepidos deffensores, quer os que ainda e sempre estão dispostos a viver e a morrer por ellas, quer os que tombaram para sempre nos fossos e abatizes que cercavam os baluartes inimigos, nas abordagens e nas outras peripecias da guerra ! . . .

A patria, a familia e o governo em breve tempo terão pago aos soldados voluntarios e marinheiros seu tributo de gratidão e isto se conseguirá facilmente com um modesto obulo de cada cidadão !

Que a imprensa do Brasil comprehenda seu papel na presente occasião, que o commercio, por cuja segurança o paiz manda seus filhos aos combates, que as classes laboriosas, e até os militares, em lembrança de seus companheiros de armas e de soffrimentos, de seus irmãos, de seus filhos emfim, promovam, animando, a subscripção nacional ; em pouco mais de dous annos estará paga a divida do Brazil a seus intrepidos filhos,

Fallaremos da parte technica.—*Francisco Caminhoá.*

Resposta á *Republica.* — Rio 6 de Agosto de 1873.

MONUMENTO DO CAMPO D'ACCLAMAÇÃO.

IV.

Partes relativas aos assumptos technicos.

Até aqui hei respondido, sinão cabalmente, porque me falta a bem amestrada penna de meu juiz e critico,

ao menos muito sinceramente, exprimindo o que tenho por verdades.

Agora, porém, que S. S. me honrou com o seu convite para o campo da technologia e dos estudos de architectura comparada, procurarei esforçar-me para corresponder a tão nobre empenho, oppondo argumentos, que abalar possam os de S. S., fundados, como são neste ponto, em bases menos orthodoxas em materia de artes liberaes. Proseguindo na ordem começada, fallarei primeiro da *ornamentação*.

Depois de tratar das condições architectonicas de um monumento em geral: *belleza, commodidade e solidez*, (note bem o meu honrado antagonista), occupa-se da *belleza*; diz o que a este respeito pensam os mestres; e em referencia ao modelo, sobre que versa o nosso debate, assim se exprime: « A ornamentação, que consiste em dar aos materiaes empregados as fórmas mais agradaveis, e cujos principaes elementos estão sujeitos a regras theoricamente estabelecidas pelos monumentos da antiguidade; *deixou evidentemente de ser respeitada pelos autores do projecto, pois confessam haver modificado as prescripções classicas pelo gosto moderno* ». . . etc.

S. S., provavelmente pela obscuridade de meu estylo, comprehendeu mal o meu pensamento; pois que attribuio-me a confissão ingenua de *haver modificado as prescripções classicas* pelo *gosto moderno*. O que eu disse, ou pelo menos o que me parece deverse deduzir de minhas palavras, foi: que nós não seguimos exactamente os dados da architectura grega *nos detalhes; nesta parte* guiamo-nos pelas inspirações da

arte moderna.» E, pois, *seguimos as prescripções classicas da arte*, abraçando *nos detalhes* as regras e o gosto do 2.° renascimento das artes, como é licito a qualquer architecto, *sem commetter falta*.

« A— *symetria* — que nasce da exacta proporção das partes entre si, e das partes com o todo, reclamará por seu turno contra as proporções do capitel e do fuste» escreveu S. S.

Não quero apurar o emprêgo technico de todas as palavras, porque S. S., não sendo profissional, não tem obrigação de conhecel-as; observarei, porém, que o que S. S. alli chamou symetria nós *chamamos proporções*, e guardamos a denominação symetria (em architectura) para « a exacta correllação das partes similares, que se repetem de um lado, como do outro de um edificio, ou de um local, seja para a dimensão, seja para a composição, seja para a distribuição dos detalhes, »

Entretanto, aquelte engano commettem até os architectos menos versados em sua arte.

Em relação ás proporções do capitel, que S. S. suppõe desproporcional, direi, que se equivoca ácerca do modo de comprehender no modello aquella parte; porque, embora geralmente se diga que «capitel é toda a porção que fica superior ao fuste de uma columna », é preciso lembrar-se que quando esta fôr isolada, e triumphal, tendo uma estatua ou qualquer symbolo representado materialmente, e sobre ella collocado, ha sempre uma porção acima do capitel, que tem por fim fazer mais deslocar aquella estatua, ou objecto. Si tudo isso formasse o capitel, as columnas de Juillet e Vendôme, em Pariz, as de Nelson e o Monumento de Londres

em Inglaterra, e muitas outras seriam verdadeiras monstruosidades artisticas, porque têm sobre o capitel, e continuando-se com elle, uma porção consideravel do Monumento, rodeada em quasi todos por uma grade.

O mesmo diremos em defeza do nosso pobre trabalho. Asseguro á S. S. que em architectura é cousa elementar o conhecimento das proporções das differentes partes de uma columna.

A desproporção que existe, por engano de quem executou o modelo, é do fuste para a base. A duas causas foi isso devido : uma foi a necessidade que tivemos de fazer preparar o modelo por dez differentes esculptores em tempo muito diminuto, por devermos partir para a America immediatamente ; e a outra é a maior grossura da parte inferior do fuste, e que está fóra da escala estudada ; defeito este, que muito acertadamente S. S. denunciou, e que desapparecerá, tornando-se então muito mais elegante o todo ; o effeito de optica determinado pelo maior diametro da parte inferior do fuste prejudica o todo.

Ha grande excesso de modestia de S. S., quando formúla sua critica ácerca desta parte : approuvera a Deus que eu pudesse, em materia alheia á minha profissão principalmente, demonstrar tanta perspicacia e talento.

Harmonia.— S. S. nota, que a variedade, que é uma das condições de harmonia, no modelo em questão degenera em confusão. Citando uma opinião de mestre, diz : « que alguns ornatos combinados com gosto bastam para variar ao infinito a composição architectonica ; da mesma arte que na musica são

bastantes as sete notas, para que o engenho humano possa produzir innumeras obras primas ! »

E eu direi que para um genio em architectura basta uma vertical, um angulo recto, uma elypse e um compasso para produzir prodigios em numero sem fim; do mesmo modo que Paganini fazia pasmar a quem o ouvia tocar, tendo apenas uma corda na rabeca, e um arco de cordas bambas !

Mas quererá, por ventura, isso dizer que o architecto seja sujeito a um circulo de restricções tão numerosas, que se limite a copiar o que Phydias e outros grandes mestres da antiguidade fizeram ?

Pórque com as sete côres-typos, ou melhor, com as tres primitivas, se pódem representar todos os objectos, segue-se que não deva o pintor utilisar-se de algumas das outras 38,409 côres que póde obter ? Certo que não.

Porque Hippocrates estabeleceu com inimitavel simplicidade e verdade as bases da medicina, devem os medicos ficar atados aos aphorismos fundamentaes da arte de curar ? Jamais.

Porque Lycurgo legislou de um modo admiravel e ensinou o que ha de mais sublime neste ramo, a ponto de suas leis ainda hoje serem typos para as liberdades e direitos do homem (segundo creio), sendo mesmo um oraculo dos tempos heroicos devem os legisladores dos modernos povos limitar-se a copiál-o ? Não; porque cada povo precisa de leis especiaes, conforme sua indole, necessidades locaes e costumes, etc.

Phydias foi o genio da antiguidade; foi o cerebro de artista mais privilegiado que tem visto o mundo; pois bem: elle cultivou as artes em sua pureza de concep-

ção, em sua inimitavel simplicidade, e estabeleceu as bases 400 e tantos annos antes de Christo: deverão, porém, por isso, no seculo XIX os architectos vêr passar em vôo rapido todos os obreiros do progresso, emquanto elles permanecem contemplando e copiando exactamente os bellos e grandiosos modelos da 70.ª Olympiada ? Mil vezes não. As sciencias e as artes rompem a marcha no progresso da humanidade, cada uma encarregada de sua missão sublime.

Eis porque a Italia proseguio e prosegue nos trabalhos dos gregos, creando depois sua escola que hoje tem soffrido as indispensaveis modificações. de accôrdo com o gosto moderno; eis porque a França e os outros paizes da Europa e da America procuram tambem accommodar a arte sublime dos antigos ás exigencias do seculo, e á differença de costumes e de indoles de cada nação,

Impropriedade.— S. S. escreveu a este respeito o seguinte: « Pondo de parte as columnas de ordens gregas, a dorica, a jonica e a corinthia, cada uma das quaes representa a grandeza na simplicidade, na graça e na magnificencia, preferiram os autores do projecto uma columna, cujo fuste pertence á ordem corinthia, ou a composta mas cujo capitel é de mera phantasia.

« Que o fizessem. Mas escolher uma columna cannellada para tal Monumento é o que eu julgo inadmissivel. »

Logo depois, e para basear sua opinião, cita Vitruvio, que diz « que a columna cannellada foi pela primeira vez empregada na Grecia em um templo de Diana, e com o fim de darem-lhe os architectos alguma cousa

da graça feminil; assim como a columna dorica possuia a força e a beleza do corpo do homem. As *cannelluras* abertas ao longo do fuste tiveram o intento de imitar as dobras das vestes da mulher. »

Por isso entende S. S. mal escolhido o genero de fuste que adoptamos, pois que, longe de symbolisar a força, lembra a graça feminil.

Parece realmente irrespondivel essa objecção baseada em Vitruvio, oraculo até ha poucos annos para as bellas artes.

Quando, porém, lembrarmos á S. S. em primeiro lugar, que a ordem *composita* é formada pela fuzão, ou pela reunião de duas ou mais ordens, e que faculta ao architecto empregar algumas modificações que lhe parecerem mais apropriadas e bellas, e assegurarmos á S. S. que o capitel do modelo em questão é de purissima *composita*, esperamos ter provado que o fuste e o capitel correspondem-se perfeitamente um ao outro.

E quando assim não fosse, não é de rigorosa obrigação que ambos sejam da mesma ordem, como crê S. S., salvo quando se tratar de columnatas. Scamozzi e Vignolles, dous genios, e legisladores em architectura, citam exemplos de columnas typos doricas de capiteis jonicos e vice-versa: e na ordem *composita* isto é muito permittido.

Agora, para destruir a principal accusação de S. S., que se baseia na opinião de Vitruvio, ouçamos o juizo dos mestres ácerca deste historiador e autor.

O muito conhecido Sr. Ramnée, em sua Historia da Architectura, diz que aquelle nada vio de quanto falla e descreve em suas obras; — « ácerca delle carece-se de

reserva. . . » « Quando se quer absolutamente explicar o nascimento de tal, ou tal ordem grega, cahe-se no ridiculo, como Vitruvio, quando narra a invenção da ordem corinthia. . . » « Na verdade é necessario ser bem ignorante em historia, e ter muito pouco criterio, para crêr em todos os absurdos que nos debita Vitruvio *quasi em cada pagina de seu livro.* »

Pierre de Larusse, depois de citar o nome de Vitruvio, falla das dobras do vestido de uma mulher comparadas ás cannelluras, e diz que Quatremére de Quincy demonstrou ser paradoxal aquella opinião; elle entende, baseando-se na historia das artes que as strias, ou cannelluras, lembram as rugosidades dos troncos das grandes arvores, e portanto a força.

Canina, celebre escriptor italiano, em sua obra: *Architetura antica descritta e dimostrata coi monumenti*, cita, entre outros muitos, um erro de Vitruvio relativamente ao templo de Juno que elle assegura ser dorico, entretanto que reconheceu-se, por uma columna e diversos fragmentos que ainda existem, ser jonico.

Longo seria ennumerarmos as opiniões; e longe dos nossos livros especiaes, pouco poderemos esclarecer a questão, que, entretanto, nos parece decidida em relação a este ponto.

E, pois, Vitruvio, sobre cuja opinião se baseou S. S. para condemnar o genero de columna que adoptamos, não póde ser acceito.

Como prova do alto apreço que nos merece S. S., continuamos ainda mais a justificar a escolha que fizemos do fuste striado, ou cannellado.

Elle indica força e grandeza; e como prova ci-

taremos as columnas do *Arco de Tito*, as do de *Septimo Severo*, as do grande *templo de Pœstum*, as do *templo de Hercules*, em Cora, o Monumento de Londres o Monumento de Nelson e muitos outros.

Não entramos no estudo das causas da decadencia da architectura, porque este artigo já vai muito longo, mas asseguramos a S. S. que não foi aquella á que S. S. attribue.

Cumprimentamos nosso illustre contendor, e agradecemos-lhe a bondade com que espontaneamente publica nossa resposta com tanto desinteresse.— *Francisco Caminhoá.*

— *A Republica* de 31 de Julho de 1872:

O Monumento do campo d'Acclamação. — Trato hoje da impropriedade da polychromia que os distinctos autores do projecto do Monumento pretendem empregar na execução do seu trabalho.

Disse nas minhas primeiras observações ácerca deste ponto:

« O systema polychromo affigura-se-nos pouco applicavel a todo genero architectonico que não seja o decorativo; nem deve justificar o seu emprego, no Monumento de que se trata, o abuso delle feito pela nova escola franceza.

« A architectura é essencialmente uma arte sobria e severa: deve confiar tudo da fórma, sem pedir auxilio á côr, elemento de outra arte distincta.

« E si em algum genero póde o estylo polychromo

Bibliotheca Capital Federal

ser empregado, não será por certo no genero destinado a representar um assumpto epico. »

Depois de achar de muito acêrto as minhas apreciações, quanto á sobriedade da ornamentação, contesta-me o Sr. Caminhoá nos seguintes termos:

« Outro tanto não posso dizer ácerca da opinião relativa ao systema polychromo ou polychromico adoptado; porque ha varios monumentos na Grecia, templos principalmente, nos quaes os grandes mestres o empregaram; e, si quizesse ir além, poderia lembrar que na architectura egypcia aquelle genero é tambem observado até em tumulos, que exigem, como sabem todos, a maior severidade.

« Peço licença ainda para lembrar que a pura esthetica nos aconselha que os monumentos, além de outros predicados, devem achar-se em harmonia com a natureza do paiz e o gosto dos povos que os erigiram.

« Parece-me que em nosso paiz, onde a natureza é tão risonha, onde as flôres, aves e insectos apresentam côres tão vivas e bellas, onde o sol dardeja tão quentes e brilhantes os seus raios, onde o caracter geral dos homens é tão prazenteiro, o Monumento em honra de nossos bravos, e para gloria do Brasil, deve ser antes representado com bellos e apropriados matízes, do que com a severidade que exige o nosso critico.

« Não concordo, por ser muito injusta, com a censura feita á nova escola de architectura franceza: ella não abusa, usa perfeitamente das côres variadas, baseada, como sabe S. S., em modelos purissimos da escola grega e romana.

« O segundo renascimento das artes é justamente o que ella representa, isto é, a restauração das artes accommodada ao gosto moderno. Mal de nós si as artes e as sciencias não progredissem e limitassem-se a copiar sómente o que já fosse conhecido e feito pelos primeiros mestres! Aquelles estabeleceram as bases, nós devemos sobre ellas crear novos typos.

« A architectura é essencialmente uma arte sobria e severa; *deve confiar tudo da fórma*, sem pedir auxilio á côr, elemento de ontra arte distincta, » disse S. S.

« Si ella póde raras vezes viver isolada da esculptura, e muitas vezes da pintura, em varios outros casos se harmonisa com estas, para dar maior belleza á execução de uma concepção artistica.

« A proposição emittida ácerca da impropriedade das applicações da polychromia aos assumptos épicos não podemos acceitar, apezar do bello torneio da linguagem, e da segurança que indica o talento de seu autor, porque elle não póde encontrar para isso razões. Póde alguma opinião isolada ter-se manifestado nesse sentido, mas isso não constitue lei.

« As bellas artes, como as bellas lettras, são subordinadas a regras, por assim dizer, basicas: porém concedem plena liberdade na representação e na execução da idéa; as roupagens de que se revestem suas creações podem ser muito diversas.

« A variedade nas côres, desde que estas forem apropriadas, em nada influe para diminuir a grandeza épica.

« Comparemos para exemplificar, dous bellos quadros, representando o mesmo assumpto grandioso, um

colorido com perfeição e outro de igual modo feito, porém de fumo; perguntamos: seria este mais severo do que aquelle? Cremos que não.

« E porque fazermos uma excepção para a architectura, que se inspira, *mutatis mutandis*, nos mesmos principios de esthetica? »

A questão da polychromia, ou da côr applicada aos monumentos, não está tão liquida como faz crer o meu illustre contendor. É uma questão dos nossos dias, levantada apenas ha quarenta e oito annos, e ainda traz divididos os pesquizadores de taes assumptos.

No primeiro quarto do nosso seculo a archéologia gabava-se de conhecer sufficientemente os monumentos da antiguidade. Nem se cogitava siquer da questão que só em 1824 foi levantada por Hittorf ao voltar do Oriente.

No mez de Abril de 1830 o erudito viajante publicou uma memoria, desenvolvida mais tarde na obra intitulada *Restituição do templo de Empedocles a Selinonte, ou a architectura polychroma entre os gregos.*

Desde então surgio a discussão que não tocou ainda ao seu termo.

Tres systemas apresentaram-se na liça: um que negou absolutamente a côr á architectura, outro que a admittio sem restricção alguma, e terceiro que a admittio em alguns casos.

Si o primeiro systema cede terreno á lucta entre os outros dous, nem por isso póde um delles cantar victoria tão completa como pretende o Sr. Caminhoá.

Que a parte interna dos templos fosse pintada, que o fossem os tumulos egypcios e em geral os monumen-

tos, interna ou externamente, nos periodos de decadencia da arte, como attestam-no ainda hoje Herculanum e Pompéa, é incontestavel; mas que o marmore Pentelico, o marmore de Paros, fosse transportado com immenso dispendio para Delphos e para Siphnos para esconder sob uma camada de tinta sua formosa côr branca, cousa é que custa crer e que diz bem pouco com as noções que possuimos da arte grega.

Tomemos um monumento de primeira ordem, o Parthenon, esse portentoso exemplo de triplice unidade de concepção, de composição e de estylo, a obra immortal de Phidias em toda a sua magestosa simplicidade.

Porque o fez elle todo de marmore branco?

Não seria porque o branco é a ausencia de toda a côr?

Não seria porque, como diz o profundo Gœthe no seu *Tratado das côres*, uma só côr isolada desperta no orgão visual a tendencia para a idéa de totalidade e harmonia?

Não quereria assim o divino artista, sob a luz daquelle grande seculo da arte, o seculo de Pericles, adiantar vinte e tres seculos a maxima em nossos dias escripta por Gustavo Planche, o notavel critico moderno: — A fórma sem a côr é a summa perfeição na arte?

Diga-o meu contendor, mais conhecedor destas materias que o signatario destas linhas.

Apenas atrevo-me a deixar sob a fórma interrogativa estas proposições.

No entanto os argumentos abundam a meu favor.

Entre os numerosos fragmentos das esculpturas ex-

teriores do Parthenon, vendidas ao parlamento inglez por Lord Elgin, hoje existentes no Museu Britannico, as Canephoras da procissão das Panathenéas, os Lapithas das metopes e o Theseu do frontão oriental do templo pareceram a varios juizes, consultados pela camara dos communs, de merecimento inferior a outras obras do grande mestre.

As razões em que fundaram a sua opinião os commissionados parecem-me trazer muita luz á questão da polychromia.

Disseram esses juizes que taes fragmentos não eram todos acabados com a mesma perfeição, nem executados com precisão uniforme; que alguns nem pareciam do cinzel do grande esculptor, pois denunciavam incorrecções.

Defendendo a obra de Phidias, assim atacada, diz Gustavo Planche:

« Collocadas em distancias diversas e diversamente allumiadas, essas figuras não podiam, senão absurdamente, ter o mesmo gráo de execução, Si levarmos em conta a distancia que separava essas figuras do espectador, a distribuição da luz sobre os frontões, o friso e as metopes do Parthenon, não será preciso recorrer a conjecturas para explicar a execução desigual das Canephoras, dos Lapithas e do Theseu. Um artista consummado, familiar como o provou de sobejo, com todas as argucias, todos os recursos da esculptura, devia naturalmente modificar a execução de cada uma das partes de sua obra, segundo o effeito que desejava produzir; ora as metopes estavam mais perto do observador que o friso; o friso tinha luz diversa da dos frontões. »

Agora pergunto eu ainda:

E para que procederia dest'arte o esculptor se tinha á sua disposição a pintura?

Porque procurar taes effeitos por meio da esculptura?

Se os seus baixos-relevos tinham de receber o auxilio da côr, bem escusado se tornava procurar o claro-esturo, attentas as leis da optica, com o cinzel e o escopro.

Uma cousa exclue a outra.

Si os fragmentos do Museu Britannico attestam ainda nas pretendidas imperfeições da obra de Phidias o empenho de realisar o fim da arte só pelo estudo da fórma, é que a polychromia não era tão geralmente empregada como o pretendem seus partidarios.

Que a Asia ostentosa pintasse os seus monumentos, que os pintasse a Grecia decadente, depois das conquistas de Alexandre, que a severa simplicidade do tempo de Pericles se prostituisse em Roma e em Bysancio, acho natural; mas que a moderna escola franceza, que pretende para si os foros do segundo renascimento das artes, não deparando o que innovar onde tudo estava feito, onde a arte antiga proferira a sua ultima palavra, tente resuscitar a polychromia como characteristico desse renascimento, é o que parece-me antes uma prova de decadencia que de virilidade.

Senão, olhe o meu illustre contendor para a nação em que a arte está estacionaria, como que fulminada no meio da sua secular impotencia — a China. Lá a fórma desappareceu sob a côr.

Será esse ideal chinez o que a escola franceza procura?

Affastando-se dos masculos modelos da Grecia do florescimento de Athenas, a arte moderna produz em França essas figurinhas effeminadas e chloroticas com as quaes o esplendor da verdade pouco tem que ver.

O meu contendor não está exempto do contagio: a sua guerreira espartana do alto da columna parece antes uma grizette pariziense do que a mulher da republica de Lycurgo, como nol-a dá a conhecer a historia.

Este artigo vai longo, proseguiremos amanhã no assumpto. — *Salvador de Mendonça.* — Rio, 31 de Julho de 1872.

Esc.ª N.ª de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

— A *Republica* de 1 de Agosto de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação. — Demos que os dous elementos, fórma e côr, caibam, além da pintura, tambem á architectura,

Ainda assim a fórma será sempre o elemento predominante da architectura, como a côr sel-o-ha da pintura.

Não nego a applicação da polychromia ao genero architectonico decorativo: acho que esse é o caso em que, na phrase do meu illustrado contendor, as duas artes harmonisam-se para dar maior belleza á execução de uma concepção artistica.

Estivesse a columna cannellada do Monumento no interior de um templo e vestissem-na os autores do projecto com ornamentação equivalente á que agora lhe

pretendem dar, e seria eu o primeiro a admirar-lhe a propriedade e conveniencia.

Mas, celebrar as glorias militares de um povo; dar uma fórma material a um assumpto no qual os louros estão entretecidos de goivos e o explendor das heroicas pelejas vem sempre coado atravez do crepe funerario de milhares de cidadãos; commemorar taes feitos por meio de um Monumento em que, em vez da magestade solemne da epopéa, o variegado das côres, o granito, o marmore, o bronze, as corôas e escudos dourados, as espheras azues, collocados sobre amplas bacias em que a agua ferve e espadana em repuchos e cascatas, mais parecem levantar um hymno de jubilo com todas as notas da expansão frivola e ruidosa de que entoar a marcha triumphal dos heróes que finaram-se pela patria, afigura-se a mim, despretencioso cultor das leis da esthetica universalmente acceitas, que é ferir um alvo bem diverso daquelle que se deve ter em mira.

Os autores do Monumento commemorativo da campanha do Paraguay não têm a incumbencia de embellezar o campo d'Acclamação, e estender em torno de sua obra architectonica, como um prolongamento della, um jardim inglez com os seus pannos de relva e moutas de arvoredos, onde as flores, aves e insectos apresentam côres vivas e bellas aos raios quentes e brilhantes do sol.

O seu mister é mais nobre, mais elevados os seus intuitos.

No centro da grande cidade, no meio da maior de suas praças, de onde descortinam-se em todas as

direções esses penhascos immensos, hirtos, descalvados, que perfilam-se em torno da nossa bahia, fechando o fundo da paisagem, quão melhor não fôra sobre um pedestal sobrio, apenas revestido de alguns baixos relêvos, erguer uma columna severamente lançada, imponente em sua grandeza, a um tempo magestosa e simples, apenas sobrecondecorada por uma Victoria, ou pela mesma figura espartana symbolisando o Brasil!

Comprehendo que é mais difficil crear o bello em toda a sua severa simplicidade; mas julgo tambem que isso fôra mais digno do conhecido talento dos autores do projecto que discuto.

Pelos menos, isso estaria mais de hormonia com a natureza do assumpto, e é quanto basta.

Da regra invocada pelo meu proprio contedor, que os monumentos, além de outros predicados, devem achar-se em harmonia com a natureza do paiz, deduzo ainda a inconveniencia, de applicar á obra projectada o systema polychromo.

E sinão pergunto:

Acredita o Sr. Caminhoá que as côres applicadas ao Monumento, o azul da esphera superior por exemplo, sejam duradouras?

Acredita que o dourado dos ornatos resista tambem por muito tempo?

E o marmore branco de que pretende fazer os grupos dos rios, quantos annos suppõe que perdurará?

Ser-lhe-hia bastante entrar em alguns dos nossos cemiterios e vêr como a côr é atacada, os dourados ennegrecem e o marmore torna-se efflorescente.

A simples acção do ar atmospherico da cidade do

Rio de Janeiro, ora carregado de vapor, ora quasi secco, em consequencia da variação de temperatura, muito contribue para este resultado.

Melhor do que eu o meu illustrado contendor terá estudado a acção corrosiva do chloro, bromo e iodo sobre os metaes; e si alguns, como o bronze, resistem ou parece resistirem á sua acção, é que a superficie do bronze, uma vez atacada pelo oxigenio, constitue um oxido que tem a propriedade de formar uma camada impermeavel que o põe a coberto da influencia dos corpos corrosivos de que, junto de nossa bahia, se acha saturada a atmosphera.

Ter-lhe-hão escapado as emanações de iodo, principalmente, que se desprendem do mar sobre a nossa cidade, e que o vulgo denomina maresia?

Estas sós razões aconselhariam, na escolha dos materiaes que tem de ser empregados, a preferencia exclusiva do bronze.

Assim, quer a esthetica, quer a propria chimica, oppõem-se á realisação do projecto do meu illustrado contendor com o emprego da polychromia.

Deixo de parte o argumento que o Sr. Caminhoá quiz tirar de comparação dos dous quadros, um colorido, outro a fumo; pois si os principios geraes da esthetica são os mesmos para as artes, o *mutatis mutandis*, a que S. S. allude já lhe está dizendo que tal comparação devia ser feita, por exemplo, entre a estatua de Pedro I, toda de bronze como está, e outra com a mesma fórma e do mesmo bronze, mas com o cavallo pintado de branco, os arreios côr de ouro, as faces do Imperador côr de carne, a farda verde, os alamares e

cordões amarellos, o arminho do chapéu armado côr de neve,

Essa seria a comparação a fazer, para que colhesse.

E poderá o meu contendor dizer-me o que ficaria sendo a obra de Rochet, assim sarapintada!

As regras fundamentaes da arte concedem, é verdade, plena liberdade á representação e execução da idéa. Mas essa liberdade acaba onde começa o absurdo.— *Salvador de Mendonça.*— Rio, 1.° de Agosto de 1872.

Resposta á *Republica.*— Rio 7 de Agosto 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação.

IV.

Conveniencia da polychromia.

Um dos pontos sobre que meu distincto adversario em opinião tratou, sem ter de seu lado a razão, foi o tocante á impropriedade da polychromia em bellas artes, principalmente em architectura, e ainda mais nos monumentos exteriores.

Depois de recapitular o que antes escrevêra, e o que eu tive a honra de contestar, S. S. diz, que *aquella questão não está tão liquida, como eu faço crer*; que ha apenas 48 annos que ella levanta-se; cita os trabalhos de Hittorf ácerca da architectura polychromica entre os gregos.

Faz ver que os homens especialistas na materia dividem-se em tres grupos; 1.° dos que negam absolu-

tamente a côr á architectura, outro dos que admittem sem restricção alguma, e o 3.° que admittem em alguns casos.

Quero acceitar a questão nesse terreno somente, fazendo observar a S. S. que todos os povos antigos conheciam este ramo de pintura, e que o applicavam á architectura ; assim os ethiopes, os assyrios, persas e phenicios foram deste numero. Na Grecia não ha duvida. «La polychromie fut en honneur chez les grecs, et plus encore chez les romains. » (Dicc., de sci., lett. e artes).

Minha defeza consiste apenas em concordar com S. S. em tudo isso.

Está provado por S. S. que os *homens da arte* se tem dividido em tres grupos ; e pois, sem commetter peccado, posso acompanhar um delles ; porque não está dita a ultima palavra nas bellas artes ; e ainda mais avisado vou, quando escolho o termo médio.

Entendo que a polychromia póde ser applicada convenientemente em muitos casos (não em todos).

Pelo que fica exposto eu *não pretendo, que algum daquelles grupos tenha cantado victoria* ; disse apenas que para o caso do Monumento em discussão, e pelas razões dadas *« me parece applicavel aquelle systema. »*

Bem se vê que não admitto em absoluto, nem para todos os casos, como se deduz das palavras de S. S. Cumpre-me agora responder ao topico seguinte :

« Que a parte interna dos templos fosse pintada, que o fossem os tumulos egypcios, e *em geral* os monumentos, interna ou externamente, *nos periodos de de-*

cadencia da arte, como attestam-no ainda hoje Herculanum e Pompeia, é incontestavel, mas que o *marmore Pentelico*, o marmore de Paros fosse transportado com immenso dispendio para Delphos e para Syphnos, para esconder *sob uma camada de tinta a sua côr branca*, cousa é que custa a crer e que diz bem pouco com as noções que possuimos da arte grega. »

« Sem querer, e sem saber, tinha S. S. falsas noções sobre este ponto de bellas artes, embora muito versado me pareça em quasi todos os outros; releia S. S. a biographia de Phydias, o semi-deus em esculptura e architectura, e verá que « sua Minerva guerreira era de madeira dourada com os pés e mãos de marmore panthelico; a Minerva denominada de Pelleno, (na Achaia), era de marfim e ouro, e a Minerva do Parthenon igualmente. » E jamais esteve tão elevada a architectura, como fez ver S. S., do que no tempo de Phydias.

S. S. labora em um engano, que o obrigou, segundo eu comprehendo agora, a condemnar a polychromia; e vem a ser o suppôr que neste systema é sempre pelo emprego da tinta e pincel, que se consegue e conseguia os resultados desejados.

Sobre a madeira, sobre a cal, o gesso, etc., assim é; porém sobre o marmore e o bronze, etc., isso é rarissimo; embora tambem se conheça alguns exemplos. Se emprega e se empregava tambem o embutido de marmore de diversas côres em mosaicos, e de metaes e mineraes outros.

A polychromia fazia-se tambem ou por *encaustica*, especie de verniz á que se addicionava depois as côres,

e que durava muito tempo, ou a *frêsco*: e um, como o outro genero, é conhecido desde a grande antiguidade.

Á pergunta que faz S. S. ácerca de Phidias ter feito de preferencia o Parthenon todo de marmore branco, por ser o *branco a ausencia de toda a côr*, eu respondo, que as experiencias em physica provam á evidencia o contrario; isto é, que o *branco é a reunião das 7 côres do iris*, e não sua ausencia.

Quanto ás opiniões de Gœthe e de Gustavo Planche, respeitabilissimos sob muitos pontos de vista, não são autorisadas em materia de architectura, principalmente em technologia.

Em relação ao ter Phidias escolhido o marmore branco para construir o Parthenon, S. S. faz ainda uma pergunta: « Não quereria assim o divino artista, sob a luz daquelle grande seculo da arte, o seculo de Pericles, *adiantar 23 seculos a maxima em nossos dias escripta por Gustavo Planche*, o notavel critico moderno: — *a fórma sem a côr* é a summa perfeição da arte? »

Não posso responder affirmativamente; tanto porque o talento de Phidias era immenso, porém sómente para as artes; como porque é mais provavel que Gustavo Planche fosse o que tirou o corollario significativo de um profundo pensador, em vista do que estudou nos mestres antigos e modernos, do que Phidias previsse. Muitos conhecimentos mostra S. S. de litteratura de bellas artes, como poucos artistas poderão ter; além de outros pontos que S. S. traz a lume, o que relata ácerca da commissão ingleza, consultada pelo parlamento em relação ás suppostas imperfeições de certos grupos do Parthenon, é um delles: e como faz ver Gustavo Planche, citado

Escola Nac. de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

por S. S., aquella opinião dos peritos foi explicada pelas differentes distancias e condições de incidencia e reflexão de luz, etc.; mas aquellas observações, me parece, nada explicam em opposição á polychromia; ellas são exclusivamente explicativas das condições de luz e de distancia, influindo para o effeito visual em esculptura.

Pelo modo por que meu respeitavel juiz apresenta a questão neste periodo, deixa comprehender que eu não admitto effeitos artisticos, sem o emprego do pincel e das tintas, sobre o marmore, sobre o bronze, sobre os relevos, etc.; entretanto, estou autorisado, pelo modo distincto com que S. S. me tem favorecido, a crer antes isso devido a um lapso na redacção; de outro modo seria vergonhoso para mim, que faltaria á verdade. Eu não disse, e nem penso que a *polychromia é geralmente empregada.*

S. S. está muito mal informado, quando diz o seguinte: « a moderna escola franceza, que pretende para si os fóros do 2.° renascimento das artes, não deparando o que innovar onde *tudo estava feito*, onde a arte antiga proferira sua ultima palavra, *tente resuscitar a polychromia como caracteristico desse renascimento*, é o que parece-me antes uma prova de decadencia, que de virilidade. »

Longe vai S. S. da realidade em seu modo de apreciar a escola franceza. Eu comparo este juizo ao de um homem muito illustrado na litteratura grega e latina, que, ouvindo fallar com enthusiasmo ácerca dos poemas de Tasso, de Lord Byron, ou de Gœthe, os considerasse insupportaveis e inadmissiveis, porque, depois de Homero, de Virgilio e dos outros grandes poetas

da antignidade, não é dado mais encontrar novas bellezas, novas imagens, novas inspirações.

A escola de architectura franceza tem por bases a romana, do mesmo modo que esta se baseia na grega; ella apenas se affasta *nos detalhes*, baseando-se perfeitamente nas suas regras fundamentaes. Estuda e admitte modificações, de accôrdo com o gosto, indole e clima de cada paiz.

O exemplo da China invocado por S. S. seria bem cabido, se as cousas se passassem como S. S. suppunha, em relação ao emprego das tintas, e de que já me occupei.

« Os chinezes, diz Diderot, são *coloristas*, mas não *pintores*, ou, melhor, são habeis tinctureiros. »

Apezar de já ter dito que Gœthe não constituia autoridade em architectura, cital-o-hei para mostrar a S. S. que é elle proprio quem diz que as côres mais ou menos vivas e alegres são preferidas por differentes nações como predilectas; não admira, pois, que eu, obscuro artista, baseado em opiniões de grandes mestres e de grandes talentos, me agrade antes das côres vivas e bellas, bem combinadas, do que da monotonia de um verde bronze, dominando uma vasta superficie, por mais elegantes que sejam as fórmas do todo; si a arte permitte, e o gosto prefere, não ha motivo para a censura tão desapiedada de meu antagonista, a quem presto muita defferencia, mais que neste ponto não posso deixar de reclamar contra.

Quanto á comparação que faz da figura espartana, que, si fôr executada pelo systema polychromo, tornar-se-ha *uma grizette parisiense* (!) absolutamente não

posso acceitar; e não é isso apenas pelo amor de pae que tributo áquella composição nascida de meus momentos de arroubo pelos feitos grandiosos dos brasileiros no Paraguay; mas porque isso significaria que um heróe, si trajar vestes de côr, embora apropriadas, perderá seus attributos, para adquirir novos; significaria, que as fórmas, a attitude, a idéa que representa, tudo, tudo desapparece apenas pelo peccado do emprego da polychromia!

S. S., embora advogando uma causa, nunca deve contra a causa adversa confundir o sublime com o execrando, o grande com o mesquinho, o sagrado com o profano.

Um talento e um espirito como os de S. S. só dormitando poderiam produzir semelhante proposição!

Terminaremos offerecendo a S. S. o seguinte de Theophilo Gautier, visto ter trazido Gustavo Planche para a discussão: « Longe de absorver as fórmas, a côr as faz resplandecer. »

« A côr é um luxo, mas um luxo admiravel a que quasi todos os mestres se entregam » disse-o Diderot.

Creio ter cumprido o desejo de meu illustre critico, explicando-lhe os motivos porque defendo a polychromia. — *Francisco Caminhoá.*

— Resposta á *Republica.* Rio 8 de Agosto de 1872.

Monumento do campo d'Acclamação. — O Sr. Dr. Salvador de Mendonça em seu artigo relativo ao

ponto em questão, diz que « não *nega a applicação da polychromia* ao genero decorativo, e que se estivesse a columna cannellada do Monumento no interior de um templo, e vestissem-n'a os autores do projecto com ornamentação equivalente á que agora lhe pretendem dar, seria elle o primeiro a *admirar-lhe a propriedade e a conveniencia.* » D'onde se conclue que a razão unica da impropriedade para S. S. é ser a columna destinada para o exterior e não para o interior : e para reforçar seu dizer, lembra, que os antigos não empregaram este systema.

A razão é muito outra, principalmente para o bronze. Não estando a chimica e a metalurgia bastante adiantadas, elles utilisavam-se das tintas; entretanto conhece-se algumas pequenas estatuas de bronze da antiguidade pelo systema polychromico, empregando-se placas de differentes mineraes como consta de descripções de viajantes e de arttstas.

Fallaremos depois mais particularmente sobre isso, quando chegarmos ao periodo em que S. S. tambem fere melhor a questão.

Em seguida escreveu : « Mas celebrar as glorias de um povo, dar uma fórma material a um assumpto, no qual os louros estão entretecidos de goivos e o esplendor das heroicas pelejas vem sempre coado atravez do crepe funerario de milhares de cidadãos, commemorar taes feitos por meio de um Monumento em que em vez da magestade solemne da epopéa, o variegado das côres, o granito, o marmore, o bronze, as corôas e escudos dourados e *as espheras azues collocadas sobre amplas bacias*, em que a agua ferve e espadana em repuchos e cas-

catas, mais parecem levantar um hymno de jubilo com todas as notas da expansão frivola e ruidosa, do que entoar a marcha triumphal dos heróes que finaram-se pela patria... é ferir um alvo bem diverso daquelle que se devia ter em mira. »

Ao analysar este periodo, o leitor que não tiver visto o modelo em discussão, ou que estiver, como eu, acostumado a enthusiasmar-se pelo estylo elegante e correcto de S. S. esquecendo-se de que a imaginação ardente raras vezes se soffrêa, para reproduzir naturalmente as cousas, diria comsigo: os architectos que *propondo-se a erigir um tumulo de heróes o cercam de amplas bacias e collocam sobre ellas uma porção de espheras azues*, e empregam confusamente o *bronze*, o dourado o *granito*, o *marmore*, *repuchos*, *cascatas*, são antes uns mentecaptos a praticarem a êsmo originalidades, do que artistas!

Compare-se agora calmo aquelle periodo com o seguinte: « Um Monumento deve ser levantado no Brasil *em honra de nossos bravos e das victorias por elles conseguidas.*

(Aqui tudo lembra a gala e a magnificencia).

« Como, porém estas *glorias* foram alcançadas não só pelos que ainda hoje vivem como tambem pelos que morreram nos combates, ou em consequencia delles, seria feia ingratidão não remuneral-os; e pois o Monumento *será tambem o Pantheon* que guarde seus nomes e suas memorias. »

O tumulo dos bravos militares (idéa que não é capital aqui) não deve ser coberto de crepe: são as côres da bandeira nacional que cobrem seu ataúde, assim o verde e o amarello são admiraveis alli.

Lembraremos, de passagem apenas, que na França, depois da guerra da Criméa, e nos Estados-Unidos (segundo sou informado) depois da grande guerra, os differentes batalhões erigiram tumulos a seus bravos; mas ahi, longe de qualquer symbolo de morte ou lucto, ha grupos de soldados em bellissimas e imponentes attitudes bellicas. Dever-se-ha, por isso, fazer uma censura aos esculptores e ao autor da idéa? Ao contrario.

A proposito do campo d'Acclamação diz S. S.:

« Os autores do Monumento commemorativo da campanha do Paraguay não têm a incumbencia de embellezar o campo d'Acclamação e estender em torno de sua obra architectonica, como um prolongamento della, um jardim inglez com os seus pannos de relva e moitas de arvoredos, onde as flôres, aves e insectos, apresentem côres vivas e bellas aos raios quentes e brilhantes do sol. »

Parece-me que não tive a fortuna de ser comprehendido por S. S., pois que apenas procurei applicar ao Brasil, onde tudo é brilhante, e a natureza apresenta suas creações de vivas côres, os principios da esthetica, justificando-me da escolha que fiz do systemo polychromico; direi, em resposta, porém, que o Monumento é o assumpto principal alli, e que o ajardinamento e aformoseamento do parque são accessorios; pois que o Monumento é um tributo da patria a seus heróes, e o ajardinamento um beneficio e logradouro publico, que a Municipalidade ou o Governo offerece aos municipes.

S. S. tem tanta razão como eu no modo de entender o que seria melhor *em materia de gosto*; assim entende

que entre os penhascos immensos, hirtos, escalvados, deveria ser erigida uma columna de bronze, (escura portanto), severamente lançada, grande, magestosa, simples, sobrecondecorada por uma victoria, ou pela figura espartana, symbolisando o Brasil.

Eu entendi que seria isso muito lugubre: que mais bello e grandioso será o Monumento, contrastando com os escuros e sombrios penedos escarpados, com elegancia revestido de côres festivaes, animado, por assim dizer, de movimento pelas aguas que espadanam e cahem das urnas e monstros marinhos, e que se despenham em cascatas: me parece que este conjuncto harmonicamente disposto representa bem o caracter do brasileiro, que se enleva de prazer e de enthusiasmo ante as idéas de gloria! Pensarei mal; porém é assim que me parece melhor.

Ferindo um ponto justamente dos capitaes relativo á execução do Monumento, em uma pergunta que fez, S. S. demonstra a maior de todas as difficuldades com que, me parece, poderei luctar.

« Acredita o Sr. Caminhoá que as côres applicadas ao Monumento, o azul da esphera superior, por exemplo sejam duradouras? »

Quando comecei os meus estudos, conversando com um dos mais distinctos e sabios chimicos membro do Instituto, pedi-lhe seu parecer ácerca, da possibilidade de obter côres ou tons no bronze, de modo a conseguir um resultado real para meu projecto.

Elle assegurou-me que poderia proseguir em experiencias sobre differentes ligas, que não diminuindo sensivelmente a tenacidade e as outras condições do metal, dessem bellos resultados.

Com effeito, elle poude preparar o bronze de differentes côres; porém essas côres não são vivas, como crê S. S. São *tons* de purissimo effeito optico, e que não *chocam* a vista. Recebi ultimamente noticias de que as experiencias proseguiam; receio, porém, muito, que aquellas differentes ligas soffram modificações, aqui, não pelas razões dadas por S. S., porém porque a excessiva humidade da atmosphera do Rio de Janeiro, e, além disso as aguas que sahem da base, e pulverisam-se, conservando-se na atmosphera que circumda o Monumento, favorecida pela elevada temperatura, dê lugar á formação de um hydro-carbonato metallico. Quanto á acção do *iodo* e do *bromo* do que se receia S. S., não temo; porque além de problematica a presença destes corpos livres na atmosphera, elles teriam atacado já a estatua da Praça da Constituição formando uma camada de iodureto, ou bromureto de cobre, por exemplo.

O mesmo diremos dos corpos corrosivos de que falla S. S.

Ha um outro processo, que póde ser empregado; mas que, apesar dos seus bons resultados durante muitos annos, não me offerece talvez garantias solidas durante seculos; quero fallar do esmalte.

Hoje, do mesmo modo que se esmalta o ouro, tambem se consegue esmaltar os metaes não preciosos; a duração e a belleza destas camadas do esmalte estão na razão directa de sua espessura.

Si eu não puder conseguir, como disse, resultados muito decisivos, terei que lamentar o não poder empregar como desejo, e que seria deslumbrante, a *polychromia* nos monumentos exteriores.

Eis quanto a mim, a unica razão, provavelmente, pela qual os antigos não empregaram este systema, nem mesmo os modernos; quando, porém a chimica chegar a descobrir um meio capaz de garantir as côres, elle será universalmente empregado.

Quanto aos dourados, acredito que se consiga resultados favoraveis, pois que bastará de 8 em 8 annos, mais ou menos, retocál-os. (*)

Quanto ás manchas escuras que atacam o marmore, dependem do cuidado e asseio do zelador; porque si for lavado com um pouco de potassa, sufficientemente diluida, de 3 em 3 mezes, e com uma escova e agua uma vez por semana, como se procede nos paizes mais adiantados, os pequenos cryptogamos que occasionam aquellas manchas, quando não se extingam, desapparecerão em grande parte.

S. S. para oppôr um argumento ao que offereço em appello do não demerito de uma obra artistica de assumpto épico, por ser polychromica, apresenta o exemplo « de uma estatua equestre toda de bronze, comparada a outra tambem de bronze, mas com o cavallo *pintado de branco, os arreios côr de couro, as faces côr de carne, a farda verde, os alamares e cordões amarellos, o arminho do chapéo armado côr de neve.* »

Sinto não poder acceitar este exemplo, porque é muito differente do outro.

Eu figurei 2 quadros magnificos, pintados por mão de mestre, sendo um colorido, e outro de fumo; em

(*) A columna Juillet, o zimborio dos Invalidos em Paris, o monumento do Principe consorte em Londres, e differentes cupulas em Vienna, os tem, e conservam-se perfeitamente, estando sempre bons

esculptura S. S. deveria representar 2 estatuas iguaes, em uma o bronze tendo tons differentes e apropriados, e na outra uma só côr.

O que S. S. figurou seria tão irrisorio, como o que succede entre nós, que se manda pintar columnas de marmore de um alpendre, por exemplo a oleo e pintar-se as portas de vinhatico, para depois *fingir madeira*.

Quando porém é um artista, embora muito obscuro, mas conhecedor de sua arte, o que se vae encarregar de um trabalho, não é justo que se deva suppor excentricidades tão extraordinarias.

Creio ter expendido minha maneira de pensar e ter dado a S. S. e ao publico as razões e explicações necessarias sobre os differentes pontos da critica exarada no 7.° artigo da bella penna de S. S. — *Francisco Caminhoá*, architecto.— Rio, 7 de Agosto de 1872.

— A *Republica* de 4 de Agosto de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação. — Nas primeiras observações feitas achei heterogeneos o pedestal e a columna do Monumento. Disse que o pedestal não passava de uma fonte, e que difficilmente podia combinar-se com a columna que representava assumpto de tal magnitude.

E accrescentei:

« Uma fonte de uma grande praça póde e deve ser uma obra architectonica; mas não póde ser a base de um poema que symbolise a heroicidade nacional.

« O povo que com o seu profundo bom senso enxerga o lado inconveniente de todas as cousas, é muito capaz de fazer aqui o que já fez no Chile.

« Tinha-se de levantar um monumento: deram-lhe por base um chafariz: o povo chamou a respeitavel figura que o sobrecondecorava — *o juiz das aguas*.

« Cremos que as unicas aguas que podem entrar na composição do Monumento são as de Riachuelo, e essas mesmas no baixo relevo em que figurar-se o maior e o mais glorioso combate naval da America do Sul. »

Respondendo a estas observações, disse o meu illustrado contendor:

« Agora vou ferir uma questão que, por sua novidade, pela primeira vez serve de thema (que me conste), em bellas artes: e vem a ser a *conveniencia* ou inconveniencia das aguas na base do Monumento commemorativo de uma guerra, ou de outro equivalente.

« Não ha regras estabelecidas para o ponto; entretanto, nenhuma das grandes summidades em architectura na Europa, onde se achou e acha na exposição das bellas artes de Pariz do corrente anno um modelo identico ao que S. S. teve a bondade de criticar, fez reflexão alguma sobre isso no sentido desfavoravel. O venerando e muito conhecido professor de architetura, Mr. Ramnée; o Sr. Garnier, distincto architecto da nova Opera em Pariz; o Sr. Louvet e varios outros e distinctos mestres na arte, acharam feliz a idéa, attento principalmente o clima do Brasil, e a utilidade unida ao bello; assim me permittirá S. S. que por ora abrace de preferencia aquellas opiniões.

« Não é uma razão bastante poderosa para refu-

tar-se uma idéa o não ter-se visto em outro lugar cousa igual: eu penso que é dever do artista crear, quando é possivel, tambem, e não copiar sómente, contanto que as regras basicas da arte sejam respeitadas, como já dissemos.

« Si, porventura, as aguas alli fossem destinadas ao uso dos habitantes, sendo assim o Monumento reduzido ao papel de chafariz, então bem; mas ellas passam ahi para seguirem além.

« Não duvido que o Monumento do Chile se tornasse ridiculo no entender de alguns, por causa do nome — *Juez de l'agua* — que lhe deu o vulgo; porém alli, segundo sou informado, se dá o seguinte: ha uma pequena estatua, em torno da qual ha chafarizes, onde os *aguaderos* vão encher seus barris. No caso nosso não se dá isso.

« Demais, será, por ventura, motivo artistico para rejeitar-se uma idéa, o vulgo dar nomes engraçados?

« No Arco do Triumpho, em Pariz, alguns dos soberbos relevos foram criticados a principio, e até ridicularisados por quem não era artista; mas hoje elles fazem honra a seus autores.

« Eduquemos o povo nas idéas puras e sãs do bello e do verdadeiro, em vez de acceitarmos os nomes que elle der ao que lhe parecer exquisito. »

É lei fundamental de esthetica que o bello não póde existir sem a harmonia e a unidade.

É requisito essencial de toda a obra architectonica a *conveniencia*, já por mim invocada no correr desta discussão.

Ora, no projecto dos Srs. Caminhoá e Bénard nem

se respeita aquella lei fundamental, nem se satisfaz a este requisito essencial.

Com effeito, por mais que eu respeite tão distinctos profissionaes, não posso descobrir a homogeneidade entre o pedestal do Monumento e sua columna.

O que têm em vista os autores do projecto? Commemorar feitos heroicos, escrever a historia em bronze e marmore dos bravos da campanha do Paraguay, segundo as proprias expressões do Sr. Caminhoá.

Logo, como harmonisar com a representação de taes feitos as aguas da base do Monumento?

A columna, seus attributos marciaes; a figura superior que symbolisa o Brasil pertencem ao genero épico. A fonte que lhes serve de pedestal não vae além do pastoril. A heterogeneidade das duas partes do Monumento é, pois, incontestavel, e vem destruir leis a que não é permettido dar de mão em uma obra de arte.

Ainda mais; respeitando a lei da *conveniencia*, todo Monumento deve para logo despertar no espirito do observador idéas analogas ao seu destino; e as idéas despertadas pelas aguas da base do Monumento do campo d'Acclamação ninguem dirá que possam ser analogas á commemoração que se tem em vista.

« Não, a questão é nova, diz o Sr. Caminhoá, não ha regras estabelecidas para o ponto; mas a idéa é feliz attento principalmente o clima do Brasil e a utilidade unida ao bello. »

Desculpe-me S. S., mas só o que é novo é o erro commettido; pois si não se vio em outro lugar cousa igual, é porque desde remota antiguidade ninguem

lembrou-se de contrariar tão expressamente as leis da esthetica.

Que ha leis estabelecidas para o ponto em questão é indubitavel, pois ahi ficaram citadas.

Eu, porém, vou adiante, e n'aquillo mesmo em que se reputa estar a felicidade da idéa, apezar das autoridades invocadas, creio que está a sua condemnação.

Achar feliz a idéa das aguas na base do Monumento heroico porque une o util ao bello, é desprezar principios de esthetica inabalavelmente assentados.

O bello nada tem que ver com o util.

E já que o Sr. Caminhoá cita a opinião dos Srs. Ramnée, Garniér e Louvet, não tenho remedio sinão contrapor-lhe outros nomes, ao que parece-me, de não menor competencia.

Platão, o primeiro que lançou as bases da theoria do bello, no seu dialogo o *Grande Hippias*, applicando á analyse e á determinação do bello o metho do experimental e critico, pergunta si o bello consistirá na utilidade e responde negativamente. «Para não confundir o bello com o util, basta ponderar que, para julgar da utilidade de um objecto, é preciso conhecer-lhe a natureza e propriedades; ao passo que para perceber a belleza, basta ter sensibilidade; o util determina-se pela sua noção e o bello pelo prazer que causa á alma. O util, considerado em si mesmo, e o que dá tal ou qual poder de agir. Este poder, por si só não pode constituir a belleza; porque é muita vez empregado para produzir o mal, e o mal é absolutate despido de belleza, quer no mundo moral, quer no mundo physico. »

Aristoteles, seguindo a doutrina do mestre diz na na sua *Poetica* :

« Entre os actos humanos, uns referem-se ao necessario, ao util; outros referem-se unicamente ao bello. O bello lhe é superior. »

A distincção do bello e do util leva ainda Aristoteles a dividir as artes do bello e a das artes do util. Para elle o fim da arte é apenas desenvolver e elevar o sentimento humano.

Plotino pensa como Platão e Aristoteles sobre este ponto, em que está tambem de accôrdo Santo Agostinho. Nenhum outro philosopho da antiguidade submetteu a exame philosophico a questão do bello.

Posta de parte durante a idade média, a questão do bello reapparece apenas no começo do seculo XVIII com Hutcheson e reapparece para affirmar de novo a acertada doutrina dos philosophos antigos.

Eis como se exprime o philosopho inglez na sua obra *Investigações ácerca da origem das nossas idéas de belleza e virtude* :

« O que characterisa a idéa do bello é ser profundamente distincta da idéa do util, e nada ter de commum o prazer que ella nos dá com a satisfação que sentimos á vista de um proveito. »

E insiste extensamente sobre o caracter desinteressado do bello, e só pelos estreitos limites deste artigo deixo de traduzir para aqui as suas profundas observações.

Reid, como Hutcheson, fundador da philosophia escosseza, reage nos seus *Ensaios* contra a união do bello e do util como um resultado do sensualismo.

Schelling segue a doutrtna esthetica de Plotino com ligeira modificação, e assignalando o fim da arte, dil-a independente, sem nenhum intuito estranho a si mesma.

Burke nas suas *Investigações philosophicas* repelle tambem o consorcio do bello e do util.

Winckelmann, sem o qual a esthetica não houvera até hoje se constituido como sciencia, tem sobre este ponto opinião identica.

Pudera fechar aqui esta lista já extensa de autoridades que contraponho ás que citou o Sr. Caminhoá; mas para demonstrar-lhe que não estou mal com a arte franceza e que tambem em França tem sectarios a doutrina verdadeira, apresento apenas o nome do autor da obra *A arte moderna*, o Sr. Theophilo Gautier, que no capitulo *Do bello na arte*, defendendo a theoria da *arte pela arte*, atacada rudemente por Topffer, consagra algumas paginas á questão vertente.

Este notavel critico resume assim o seu pensamento:

« A arte pela arte quer dizer, não a fórma pela fórma, mas a fórma pelo bello, abstrahindo-se de toda idéa estranha, de todo desvio em proveito de qualquer doutrina, de toda utilidade directa. »

A. Herculano pensa tambem que, unica d'entre as cousas humanas, a arte tem em si propria o seu fim.

Diante de taes autoridades permittir-me-ha o meu illustrado contendor que eu por ora abrace de preferencia as opiniões que invoquei.

A escola utilitaria, essa anda tão arredada dos bons principios e dos reaes intuitos da arte, que um

dos seus doutores chegou a achar sublime o *Hiawatha* de Longfellow, porque entendeu que a victoria do heróe do poema sobre os monstros dos grandes pantanos celebrava o enseccamento dos paúes e terrenos alagadiços dos Estados-Unidos, e o seu aproveitamento para a cultura do trigo e do arroz.

Ah manes gregos! severos cultores da arte! se hoje resurgisseis, dirieis ainda pela boca do vosso Aristoteles :—A preoccupação exclusiva com as idéas de utilidade não a comportam nem almas nobres nem homens livres.

A arte tem apenas por fim a realisação do bello.

E se assim é, a utilidade do chafariz que pareceu feliz aos Srs. Rammée, Garnier e Louvet, é mais uma prova da incompatibitidade do pedestal com a columna do Monumento.

Demais, tão convencido está o Sr. Caminhoá de haver despresado os sãos principios da esthetica, que falta-lhe a firmeza na asserção ao ponto de contradizer-se.

Primeiro diz S. S. que a justificação do emprego das aguas é a utilidade unida ao bello; depois diz que as aguas passam ahi para seguirem adiante, não sendo destinada ao uso dos habitantes.

Uma de duas: ou estão para fim util, e devem ser destinadas ao uso dos habitantes, posto que neste caso amesquinhem o Monumento e despertem o remoque do vulgo; ou não estão para fim util, e então cessa a felicidade da idéa na opinião das autoridades por S. S. citadas.

A verdade é uma só: a fonte da belleza não é

essa que os autores do projecto põe na base do Monumento: é outra bem diversa — a simplicidade e a unidade.

E no intuito de educar o povo nas idéas puras e sãs do bello e do verdadeiro, como diz o Sr. Caminhoá, encetei esta rapida discussão de que fica-me um pezar — a inferioridade de forças de que dispuz para tão louvavel intuito qual o recommendado pelo meu illustrado contendor; mas de que fica-me tambem uma satisfação — a de poder apertar cordialmente a mão do adversario que ha de honrar a arte nacional. — *Salvador de Mendonça*. — Rio, 3 de Agosto de 1872.

Resposta á *Republica*. — Rio 13 de Agosto de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação. — O *bello* e o *util* constituem o assumpto de um magnifico artigo do illustrado Sr. Dr. Salvador de Mendonça; a linguagem e o desenvolvimento do ponto o recommendam muito.

Confesso que sinto ser obrigado a discutir sobre aquelle thema, embora para defender-me, pela consciencia que tenho de minha pouca pericia principalmente em ausumptos philosophicos.

Si prosigo, é porque acredito que nas questões, em que de boa fé se procura descobrir a verdade, principalmente em sciencias e artes, não ha vencedores, nem vencidos, mas apenas operarios, que, por modos diversos e com forças differentes, concorrem para um mesmo fim.

O artigo pode ser dividido rigorosamente em duas

partes principaes: uma artistica e outra philosophica.

A primeira se refere ás aguas do Monumento. Sobre ella, depois de resumir o que dissera no seu primeiro artigo e os principaes topicos da minha defeza, S. S. faz vêr a falta da *harmonia, unidade e conveniencia,* que ha no modelo, critica a falta de *homogeneidade* entre o pedestal do Monumento o a columna: diz que as *aguas* da base *não se harmonisam* com a representação dos feitos heroicos, dos bravos do Paraguay.

Comprehendo que o verbo *harmonisar* ahi não é empregado na sua accepção artistica, porque em musica elle serve para explicar « a combinação agradavel de muitos sons »; em pintura explica « a combinação de varias côres, produzindo agradavel effeito á vista », e em esculptura e *architectura* « a combinação de differentes partes principaes ou accessorias proporcionaes, e dispostas de modo que produzam agradavel effeito. »

Da critica em relação ao Monumento, vê-se que nada ha que seja applicavel; porque, além do agradavel murmurio das aguas que formam grandes cascatas em combinações artisticas bem estudadas, ellas destroem a monotonia, e parecem até emprestar ao todo uma certa animação. Graças áquellas aguas que se pulverisam e conservam-se na atmosphera ambiente, formam-se lindos *arco-ires,* de bellissimo effeito optico.

Ellas tornam *original* o Monumento que *é o primeiro, que neste genero se apresenta: e foi por isso que,* depois de ter sido encerrado o prazo para inscripções na exposição de bellas artes em Pariz e de ter sido negada a permissão até ao nosso Ministro o Sr. de Itajubá; porque a lei era expressa, o jury daquella ex-

posição composto de conspicuos professores ; autores de importantes trabalhos e obras, vendo o desenho do modelo (identico ao que trouxemos para o Rio de Janeiro) concedeu que se fizesse uma excepção (30 *dias* pouco mais ou menos *depois do prazo*) para nós ; pois que o dito modelo, além de ser *muito distincto* apresentava *originalidade* e *gosto*, e *era uma composição artistica digna de estudar-se*. Eu sou o expositor n. 1873. Isso que ahi transcrevo não tem outro fim além de provar que, longe do modelo merecer censura pelo emprego das aguas, conseguio que os *peritos na França* o considerassem *digno de estudo e original*.

S. S., porém, me parece, não quiz referir-se á *harmonia* artistica, e emprega *harmonisar* no sentido de corresponder, ou ser analoga ao assumpto, comparado com o objecto que o representa materialmente.

Neste caso peço licença para tambem apresentar algumas objecções.

Em que se baseia S. S. para considerar as aguas objecto somenos, ou indigno de representar um pensamento grandioso?!

Em que, e porque rebaixam ellas o assumpto?

Bem sabe o meu illustrado antagonista que a *agua* foi considerada na antiguidade, e até na era christã, um symbolo da *purificação*, pelo que empregou-se e emprega-se para o Sacramento do Baptismo.

Entre os romanos ella servia (depois do contacto com um lenho encandescente) para a *lustração* ou *purificação* dos homens: pelo que, pouco depois de nascidas, as crianças eram *aspergidas*.

As aguas da Castalia na Phocida eram tidas como

capazes de inspirar o estro, e de fazer poetas aos que o não eram.

A agua é um elemento de civilisação:

É indispensavel á vida de todos os seres creados.

Nada mais grandioso do que o oceano.

Nada mais sublime e magestoso do que um rio, que, depois de serpejar entre montanhas, se precipita impetuoso em cascatas de alva espuma: e não menos é, quando em sua fóz luta contra as aguas do oceano que pretendem invadir seus dominios!

Nos grandes phenomenos da natureza a agua representa importantes papeis em muitissimos delles,

E qual é o seu lado mesquinho, ou ridiculo, que offerecer possa obstaculos á comprehensão do bello?

Muito irrisorias seriam neste caso as *bucranias*, ou caveiras de boi empregadas na decoração dos frizos e cornijas nas ordens jonica e corinthia; e entretanto ninguem duvidará que ellas constituem um adorno de duas ordens gregas importantissimas.

S. S. não encontrará (que me conste) em obra alguma didactica e classica de architectura a classificação de — *pastoril* — como diz S. S., para o jogo artisticamente combinado das grandes aguas, que é o que se dá em nosso projecto.

Ha chafarizes de ordens architectonicas definidas, citadas nas obras especiaes, quanto mais jogos d'agua na base de um monumento.

E, pois, a conclusão de S. S. não póde ser acceita porque resta provar a exactidão das premissas.

O que S. S. chama *heterogeneidade* no Monumento, eu chamo *variedade*, em relação ao pedestal comparado

com a columna; e é sabido que aquelle predicado é opposto á monotonia; e portanto não reprehensivel.

Fallando da *conveniencia*, diz S. S. que *as idéas despertadas pelas aguas* na base do Monumento do campo d'Acclamação, *ninguem dirá que possam ser analogas á commemoração que se tem em vista.* »

Quasi que me podia dispensar de voltar a este ponto, á vista do que já foi dito; entretanto parece-me, que havendo uma columna gigantesca de mais de 60 metros de altura, com uma estatua de guerreira superiormente, famas e outros attributos collocados acima da base; ninguem poderá perguntar si aquellas aguas, que sabemos serem accessorias da base, representam factos heroicos; porque então quem lhe devesse responder diria que sim; e que, *como accessorios* dellas, havia a guerreira na parte culminante e o monumento inteiro.

Diz o meu distincto contendor em outro periodo: « Desculpe-me S. S., mas *só o que é novo é o erro commettido, pois que si não se vio em outro lugar cousa igual*, é porque desde remota antiguidade, ninguem lembrou-se de *contrariar tão expressamente as leis da esthetica.* »

É possivel, muito possivel que eu tivesse commettido aquelle erro tão palpavel; mas creia S. S. que não foi *por querer « expressamente » contrariar as leis da esthetica*; fôra isso, além de uma imbecilidade indesculpavel um *suicidio artistico*.

Si aquelle modelo fosse inçado de erros tão palpaveis que qualquer os encontrasse facilmente, e que S. S. chegou a poder assegurar até que foram expressamente para contrariar as leis da esthetica, o jury da

exposição de bellas artes em Pariz, composto de C. Duc, Baltard, Labrouste, que são *membros do Instituto de França*, além de outros nomes muito venerandos por seu saber theorica e praticamente, não teria commettido o escandalo de admittir o trabalho apezar de estar fóra da lei!

Ponhamos, porém, de parte aquella prova, embora muito convincente, e, aproveitando-nos da franqueza autorisada por S. S., digamos que S. S., sem que nisto haja o minimo desar, foi quem errou; mas na crença de que seu bello talento e alguns poucos estudos geraes sobre architectura materia complexa, como S. S. foi o primeiro a dizer, permittem proferir uma sentença condemnatoria, menos meditada; porém eu tenho direito de appellação para differentes tribunaes: 1.°, para a lealdade e sinceridade de S. S., depois de ouvir minha defeza; 2.° para a opinião profissional dos architectos do Rio de Janeiro, para o juizo dos quaes brevemente vou appellar; principalmente para os professores da Academia de Bellas-Artes, cuja posição official impõe o rigoroso dever de collocar-se na vanguarda, e de, como versados nas materias de suas cadeiras, aconselharem-me a fim de que o *Monumento nacional* seja expurgado de faltas e erros, e para que o paiz veja que elles sabem occupar seu posto, quando as questões da arte o chamam, como arbitros; 3.°, para o juizo dos architectos da Europa, cujas opiniões publicarei tambem.

Fica, pois, demonstrado, que, si errei, o que é muito facil, porque *errare humanum est*, não foi expressamente e foi autorisado por alguns mestres: ac-

ceito e agradeço qualquer censura, preferindo que seja severa, comtanto que seu autor seja como S. S., franco, leal e cavalheiro.

No artigo seguinte fallarei do bello e do util. — *Francisco Caminhoá.*

— Resposta á *Republica.* — Rio, 14 de Agosto de 1872.

O Monumento do campo d'Acclamação. — Do bello e do util em abstracto pouco me occuparei, para poder tratar de suas applicações á architectura, na qual a esthetica, embora seja ramo philosophico, deve ser considerada sob o ponto de vista real, ou physico, e não sob o abstracto, ideal, ou methaphysico.

Começo negando o *antagonismo entre o bello e o util*, como sustenta S. S. em seu ultimo artigo: « Achar *feliz* a idéa das aguas na base do Monumento heroico, porque *une o util ao bello, é despresar principios de esthetica inabalavelmente assentados.* » Vejamos se assim é.

Sua esmerada instrucção me prohibe demonstrar (e fôra isso ocioso) o não accôrdo entre os autores na accepção absoluta da palavra *bello*. Assim, por exempto Aristoteles, o predilecto de meu contendor, disse: « *O que é o bello? Questão de cego.* »

« É a identidade da idéa e da fórma, disse Hegel. » « É o verdadeiro manifestado em uma fórma sensivel. » « Ao *bello* corresponde sempre uma idéa e um sentimento », escreveu Lammenais. Todos os modernos classicos não estão dispostos a admittir o idéal puro. (Vide Keraty — *O bello nas artes e no desenho.*)

Escola Nac. de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

« O bello abstracto *é a chimera dos artistas preguiçosos, que desprezam o bello visivel* », disse com muita razão Emeric David.

Franc comprehende tres fórmas principaes em philosophia das artes: o *bello absoluto*, o *real*, e o *ideal*; sendo o segundo o que tem verdadeira applicação ás bellas artes.

Do que acabamos de expôr conclue-se: 1.° que não é orthodoxo, em artes liberaes, exigir, ou impôr leis positivas, para *graduar o bello*, porque todos não o comprehendem do mesmo modo; 2.° que o bello abstracto ou platonico é risivel do nosso seculo; 3.° que não ha o *bello real* applicavel á architectura, e ás outras artes liberaes. Quanta vez succede, que um artista se impressiona profundamente por uma obra de arte, que lhe pareceu commum, ou mesmo infeliz em outra occasião, conforme a disposição de espirito, as condições de luz, e varias outras circumstancias?

Ha, porém, certos casos em que, sejam quaes forem as condições, sómente o olhar do artista conhecedor de sua profissão póde comprehender as bellezas que passam desapercebidas para os demais. Postas as bases sobre que fundo minha refutação aos argumentos de S. S., lembro-lhe o aphorismo de Diderot: « *O gosto do bello não conhece a intolerancia.* »

Lembro tambem ao meu nobre antagonista que, segundo as mais abalisadas opiniões em esthetica, « *é bella toda producção artistica em que as fórmas, proporções e côres agradam aos sentidos, fazendo despertar idéas de admiração e enthusiasmo.* »

Em todo o rigor da acepção, eu não tenho a ve-

leidade de pretender que meu trabalho esteja bello; mas tambem não merece a severidade levada tão longe, como tem sido por S. S. Na execução daquelle trabalho artistico o meu guia foi o Sr. José Droz, autor do *Bello nas artes*. Segundo elle, « o primeiro attributo do bello é a *grandeza*, principalmente em architectura ». O Monumento sobre que discutimos será o maior que se conheça em seu genero; o seu assumpto é o mais possivel grandioso.

« O segundo attributo é a *verdade*; não a particular, difficil de conciliar-se com o bello, mas a geral, que todos sabem e gosam. » Procurei tambem representar a verdade historica, e o sentimento geral dos brasileiros: e apezar da temporaria divergencia em que estamos, a maioria está comigo.

« O terceiro é a *simplicidade*, que é ainda mais exigida na pintura. » Procurei realizar esta condição, e reconheço que o modelo precisa, neste ponto, de correcções, como já disse, e que hão de ser feitas.

O quarto é a *variedade*. « Tirai a *variedade*, e a *simplicidade* degenera em *monotonia* » escreveu elle — eu segui esse dictame; e se pequei não foi por monotonia no modelo; parece-me ter seguido a regra.

O quinto é a *originalidade*, « qualidade que os genios imprimem nas suas obras. »

Esta eu jamais terei a presumpção de conseguir; porque jamais passarei de obscuro operario, apesar de meus constantes esforços para aperfeiçoar e engrandecer meu espirito.

Começando a responder em particular aos princi-

paes pontos da accusação, já o disse, *nego o antagonismo entre o bello e o util.*

Elle não se baseia em dado algum positivo.

Não ha principio algum estabelecido: e, quando houvesse, este ainda seria em meu favor; como provo apontando, não columnas ou monumentos com agua na base, porém, chafarizes de ordens architecturaes, dedicados a *heróes, sabios, etc.*

Lembrarei de Paris somente os que na occasião me occorrem:

O da praça Dauphine em honra do bravo Desaix;

O de Santo Sulpicio, dedicado a Fénélon, Massillon, Bossuet e Flechier;

O de Cuvier, grande naturalista, em frente ao jardim das Plantas, consagrado á sua memoria;

O da rua Grenelle, em honra de Luiz XV;

O de Molière, em sua memoria;

O da *Victoria*, em commemoração de uma victoria, que agora me não lembra qual, etc. (*)

Demonstrado cabalmente, como ficou, não ser justo aquelle motivo de censura, passo a outro ponto.

« *O bello nada tem que ver com o util* », disse S. S. Não me defendo desta censura, porque jámais emitti proposição alguma em contrario, o que, porém, eu disse foi que « *o bello mais o util são preferiveis ao bello sómente.* »

Para oppôr aos nomes venerandos de architectos eminentes, S. S. apresenta em seu apoio Platão, Aristoteles, Santo Agostinho e outros philosophos, quando se

(*) Foi erigido em commemoração da campanha do Egypto no tempo de Napoleão I.

trata de discutir bellas artes. Não posso, apesar da veneração que tributo áquelles nomes imponentes, acceital-os, para combater o Sr. Ramnée, por exemplo, autor de innumeros trabalhos classicos, dedicado ha mais de 50 annos exclusivamente aos estudos especiaes theoricos e praticos de architectura, porque nem tudo quanto sahio da penna de Platão é acceitavel. S. S. sabe que elle, entre muitas outras originalidades, *admittio duas almas mortaes*, das quaes uma, a *séde das paixões energicas, reside no coração*; e a outra, *a séde das sensações dos apettites sensuaes e da imaginação reside no figado!!* Elle acreditava na *transmigração das almas do corpo de um homem para o de um outro!!* (Vide biographia de Platão por Desaubry e Brachelet).

Quanto a Aristoteles e aos outros philosophos, que seguiam as idéas de Platão ácerca de não identidade do bello e do util (o que tambem não admitto) nada accrescentarei aos argumentos que já produzi combatendo as idéas do mestre (Platão).

Em relaçao á *arte pela arte*, verdadeira variante do precedente assumpto, direi que em nada combate minha maneira de pensar, porque eu tambem exerço a *arte pela arte*, porém, sempre que fôr possivel, procurarei unir o *util* ao *bello* sem que sacrifique este por aquelle.

Não admittir a excellencia desta theoria é sustentar que um magnifico theatro, por exemplo, modelo de architectura, obra de um grande mestre, perde seus attributos de belleza artistica, desde que em seu interior se representarem dramas, que ao mesmo tempo sirvam de distrahir e de instruir o povo!

Um magestoso templo de purissima e esplendida architectura modelo deixa de ser bello, porque em seu interior se celebram cerimonias religiosas!

Fôra o mesmo que dizer que um lago crystallino e poeticamente situado perde sua belleza, porque os baixeis sulcam suas aguas; que as brizas, porque refrescam a atmosphera, e impellem as embarcações que velejam; que muitas flôres bellas e de aroma agradavel, porque são medicinaes; finalmente, que o sol, porque allumia a terra e vivifica os seres organisados, perdem *ipso facto* sua belleza! Aquelles exemplos não podem ser taxados de improprios; porque o *bello* artistico deve ser uma copia do bello da natureza, visto como a arte é della o arremedo.

O exemplo que S. S. aponta em contrario da escola utilitaria (que eu não sigo), relativo ao ter um de seus sectarios achado sublime o Hiawatha de Longfellow, porque entendeu que a victoria do heróe do poema sobre o monstro dos pantanos, celebrava o ensecamento dos paúes e terrenos alagadiços dos Estados-Unidos, e o proveito para a cultura do trigo e do arroz, não é applicavel em rigor á these que S. S. combate — *o util unido ao bello não é preferivel ao bello* — ou o destróe!

Aquelle exemplo serve sómente para mostrar que ha homens, cujo talento é todo original, que preferem crêar entes phantasticos, para sobre elles dissertar, do que occupar-se de assumptos reaes e positivos.

O dilemma apresentado por S. S. fôra muito bem proposto, si a utilidade das aguas do Monumento se referisse ao abastecimento do publico. Diz S. S.: « Uma

de duas: ou estão (as aguas), para fim util e devem ser destinadas ao uso dos habitantes, posto que, neste caso amesquinhem o Monumento e despertem o remoque do vulgo; ou não estão para fim util, e então cessa a felicidade da idéa na opinião das autoridades por S. S. citadas. »

A utilidade a que nos referimos é a diminuição do calor, principalmente pelo verão; que é quando mais frequentados são os parques, jardins e praças.

É inegavel aquelle resultado benefico devido á differença de temperatura determinada pela pulverisação de uma porção daquella agua que esguicha: dahi resulta em virtude do desiquilibrio de temperatura o abaixamento das camadas atmospphericas mais proximas do Monumento, saturadas de vesiculas de agua pura, havendo, portanto, a formação de uma corrente aerea moderada e utilissima. E como a causa é constante, a brisa será tambem constante, nos dias quentes e seccos principalmente.

Cumpre notar que póde este phenomeno ser graduado á vontade, graças ás torneiras que põem o encanamento das aguas em communicação com as aberturas da base do Monumento.

Peço licença para transcrever algumas linhas de Burke, invocado por S. S. em prol da accusação, e que parece-me ser antes advogado da causa da defeza do modelo do Monumento patriotico do campo d'Acclamação: « Nem a *proporção* nem a *conveniencia*, (para as quaes appellou S. S.) *constituem belleza?* . . . Se as partes fossem sempre bellas, quando felizmente dispostas, segundo os fins a que são destinadas, *e se a belleza*

desapparecesse com a utilidade, o que — é contrario a toda a experiencia,—poderiamos concluir que a belleza consiste na proporção, ou na utilidade. »

E, pois, o que elle combate não é o util unido ao bello, e sim o antagonismo, ou supposto antagonismo, entre os dous predicados.

Me felicito por ter fornecido ao meu contendor mais uma occasião de instruir o povo em artes liberaes, fazendo-lhe vêr que, longe de deverem ellas ser pospostas á mesquinhas questões da pequena politica, merecem um lugar distinctissimo, qual aquelle em que, graças á gentileza de S. S., collocamol-as, e fazendo vêr que ellas, e principalmente a architectura, servem para demonstrar ao mundo civilisado os progressos intellectuaes e sociaes de um povo, sua indole, seus costumes e o seu genero de civilisação, emfim!

Depois de termos, como cavalheiros, que nos presamos, discutido na conveniente altura as questões d'arte relativas ao monumento do campo d'Acclamação, de que me acho encarregado, que é tambem um assumpto nacional, ou melhor, cosmopolita, porque as artes são do mundo inteiro civilisado, só me resta a honra de apertar a dextra ao meu adversario, que, si combater sempre na imprensa com a lealdade e conveniencia praticadas nesta questão, póde orgulhar-se qualquer que merecer seu desafio.

Agora pódem os juizes imparciaes, sem escrupulos, e com o conhecimento de causa julgar de que lado está a razão; si do brilhante e profundo tatento de um amador, ou si do rude artista que basea-se nas regras da architectura, com a convicção que vae certo, mas

que é baldo de talentos, e desacostumado ás lides magestosas da imprensa. Qualquer que seja a decisão será de vantagem para mim; porque receberei grato mais uma lição.

Appello ainda uma vez para os Srs. Architectos e peritos, que me quizerem honrar com sua opinião. (*)

Termino aqui a resposta, certo de que os bons brasileiros não esfriarão o nobre enthusiasmo em favor de seus bravos soldados no Paraguay, apezar de já se acharem no gozo da paz, alcançada pelos feitos de bravura, e pelo sangue vertido pelo Brasil. — *Francisco Caminhoá.*

Aos professores da Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro. — Illms. Srs. Membros do Jury de architectura da Academia de Bellas-Artes. — Habituado a respeitar as opiniões individuaes, quando baseadas na razão, e ainda mais a opinião publica, sou obrigado a cumprir a ardua tarefa de, perante esta combater o parecer de um tribunal de professores de bellas artes contra o modelo do Monumento nacional de que estou encarregado com o meu socio, o distincto Sr. P. Bénard.

Tendo eu pela imprensa convidado por duas vezes SS. SS. a fazerem sua critica, e vendo-me pouco airosamente collocado perante o publico, a quem assiste plenissimo direito de informar-se da verdade, e de fiscalisrr

(*) Apesar de meus bons desejos e do convite de honra que fiz, não pude saber a opinião de um só!!

o que lhe pertence, como é o Monumento a que me refiro, tomei a deliberação de pedir por certidão o parecer de SS. SS., que transcrevo abaixo, e firmado com os nomes dos professores Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, Antonio Padua de Castro e Ernesto Gomes Moreira Maia.

A principio attribui o silencio de SS. SS. á pouca importancia que lhes eu merecia; hoje, porém, reconheço que me enganei; pois que todos são bastante cavalheiros, para não se retrahirem á discussão com outro collega que em nada merece menosprezo: seu silencio era filho da impossibilidade de sustentarem o parecer que escreveram sem meditar bastante, e condemnado, como em geral sóe succeder entre nós, ao silencio e obscuridade de um archivo sem uso.

Isso eu deduzo da redacção e da ausencia de razões justificativas baseadas nas regras da arte.

Eis o parecer:

« Secção da Congregação de Bellas-Artes, em 24 de Julho de 1872.

« A commissão nomeada para interpôr parecer ácerca do modelo do Monumento, que os Srs. architectos Francisco Caminhoá e Paulo Bénard, projectam erigir no campo d'Acclamação, para commemorar a victoria que alcançamos na guerra do Paraguay, tendo *examinado, como lhe cumpria,* o projecto apresentado, é de parecer:

« 1.° Que o pensamento de erigir n'uma praça publica, um Monumento destinado a perpetuar a memoria dos gloriosos feitos do exercito e armada, na tremenda epopéa, que o brio e a honra nacional escre-

veram em mil paginas de heroismo, é digno de louvor e bem merece todo o auxilio e protecção publica.

« 2.° Que considerando á luz das regras d'arte ha no modêlo apresentado, *motivos de decoração, que a commissão não póde receber:* taes são as figuras da allegoria que corôa a columna, e que *podem ser substituidas pelo anjo da Victoria, ou outro qualquer symbolo equivalente,* e mais a idéa da agua, que em cascata se despeja, enchendo o embasamento, o que de certo *tira ao Monumento,* pela semelhança de chafariz, *a magestade do caracter unico,* que deve ter uma *memoria* desta *ordem,* tanto mais quanto realisado o plano do ajardinamento do campo, *constituir-se-hia* o Monumento, se assim *fôr construido,* um *accessorio do jardim,* e não *sua principal peça absolutamente independente e separada.*—Rio, 19 de Julho de 1872. »

Pergunto eu: o que quer dizer — *ha no modelo motivo de decoração, que a commissão não póde receber?*

Como se deve comprehender: « *a magestade do caracter unico que deve ter uma memoria?* » O que entendem SS. SS. pela palavra *peça* em architectura, ou mesmo em bom portuguez?

SS. SS. usam de uma linguagem completamente alheia á technologia das bellas artes, denominando — *memoria* — por exemplo, em architectura, como em linguagem ordinaria, qualquer objecto, como um annel, etc., que serve para lembrar alguma cousa, ou algum facto, acceito em sentido commum, porém não em bellas artes. Empregam em um parecer sobre architectura a a palavra — *ordem* — no sentido de *qualidade.* Chamam *peça principal* um monumento patriotico e colossal,

como é o que occupa nossa attenção, em relação a um jardim ; quando na arte, e até mesmo no sentido commum, porém rigoroso da palavra significa « *parte destacada, ou que se póde destacar de um corpo solido.* » E si é parte, como póde ser *absolutamente independente?*

Isso que ahi fazemos notar apenas de passagem é para demonstrar que SS. SS. não ligaram a importancia que deviam ao assumpto sobre que opinaram. O meu pobre trabalho até não foi visto por algum, ou alguns dos membros da commissão!

Faço justiça á illustração de SS. SS., que, segundo sou informado, até são doutorados, e, portanto, muito mais instruidos do que eu, para attribuir aquellas faltas sómente ao pouco apreço que deram á materia.

Deixemos, porém, esse terreno, e firamos os pontos essenciaes da questão: entremos na justificação da preferencia da figura do *anjo da victoria* sobre a do Brasil representado por uma guerreira.

SS. SS. são os primeiros a demonstrar que *qualquer symbolo equivalente ao anjo da victoria póde ser acceito* : ora, nenhum melhor do que o Brasil victorioso ; mas SS. SS. dizem que este não serve, e não apresentam motivos!!

Será porque se referem *ao monstro da anarchia e á corôa que cinge o protogonista do Monumento*? Neste caso deveriam dizer francamente e sem receio, como fez o Dr. Salvador de Mendonça, e apresentando razões.

Se assim é, convido-os a lerem a defeza que produzi nas columnas da *Republica* em resposta á critica daquelle illustrado cavalheiro, *o que teve lugar* **32** *dias*

antes de ser lido o parecer de SS. SS. na Congregação: e não posso crer que artistas brasileiros deixem de lêr os debates sobre assumptos de sua profissão, quando é isso rarissimo em nosso paiz; e ainda mais *quando SS. SS. tinham que dar seu juizo imparcial e muito meditado ácerca dos defeitos e bellezas* do trabalho sobre que versava a polemica! Succedeu que um profano em bellas artes *descobrisse os verdadeiros defeitos, embora sanaveis e os artistas professores brasileiros accusassem o que mereceu elogios dos mestres na Europa, « as aguas », não fallando dos outros!*

E como SS. SS. apenas repetem, *mutatis mutandis*, o que disse a *Republica* sobre este ponto, tendo o autor daquelles artigos sobre SS. SS. a vantagem da *precedencia*, e a de apresentar as razões boas ou más, em que se fundava, transcrevemos a defeza, que nos parece cabal.

Dizem SS. SS. que as aguas tiram a magestade do Monumento.

« Em que, e porque rebaixam o assumpto? dissemos nós na *Republica:* — A agua foi considerada na antiguidade, e até na éra christã um *symbolo da purificação*; pelo que empregou-se e emprega-se para o *Sacramento do Baptismo.* —

« Entre os romanos ella servia (depois do contacto com um lenho incandescente) para a *lustração* ou *purificação* dos homens; pelo que pouco depois de nascidas as creanças eram aspergidas.

« As aguas da Castalia, na Phocida, eram tidas como capazes de inspirar o estro, de fazer poetas aos que o não eram.

« A agua é um elemento de civilisação ; é indispensavel á vida de todos os seres creados.

« Nada mais grandioso que o oceano. Nada mais sublime e magestoso do que um rio, que, depois de serpejar entre montanhas, se precipita impetuoso em cascatas de alva espuma ; e não menos é, quando em sua fóz luta contra as aguas do oceano, que pretendem invadir seus dominios.

« Nos grandes phenomenos da natureza a agua representa importantes papeis. »

« E qual é o lado mesquinho ou ridiculo ?! Em outro artigo, e ainda ácerca do mesmo assumpto dissemos que nada ha estabelecido como principio relativamente as aguas na base de um Monumento patriotico ; e quando houvesse este seria em meu favor, como provo, apontando, não Columnas ou Monumentos, porém *simples chafarizes* de ordens *architecturaes*, dedicados a heróes, sabios, e a assumptos épicos, etc.

« Lembrarei de Paris sómente os que na occasião me occorrem :

« O da praça Dauphine, em honra do bravo Desaix.

« O de Santo Sulpicio, dedicado a Fénélon, Massilon, Bossuet e Flechier ;

« O de Cuvier, grande naturalista, em frente ao Jardim das Plantas ;

« O da rua Grenelle, em honra de Luiz XV.

« O de Molliére em honra de sua memoria.

« O da Victoria em commemoração de uma victoria, que me não lembra qual, etc. (*)

(*) Batalha das pyramides por Napoleão o grande. — Vulgarmente este chafariz é chamado do Chatelet.

« As aguas tornam original o Monumento, que é o primeiro que neste genero se apresenta; e foi por isso que, depois de ter sido encerrado o praso para as inscripções na Exposição de Bellas-Artes em Pariz, e de ter sido negada a permissão até ao Sr. de Itajubá, nosso digno Ministro, o jury daquella exposição, composto de conspicuos professores, autores de importantes trabalhos, vendo o desenho do modelo (identico ao que expuz no Rio de Janeiro), concedeu que se fizesse uma excepção, (30 dias pouco mais ou menos depois do praso), para nós; pois que o dito modelo, *além de ser muito distincto, apresentava originalidade e gosto*; e era *uma composição artistica digna de estudar-se*. Eu sou o expositor n. 1873 na Exposição de Bellas-Artes em Pariz. »

Já vêm SS. SS., que, apezar do grande saber, e da imparcialidade reconhecida com que apreciaram meu trabalho, tenho razões para não concordar com o parecer apresentado á Congregação.

Devendo partir para Pariz no dia 6 do corrente a occupar o meu lugar de architecto, não posso continuar na arena da discussão; entretanto, si não fosse a grande demora que houve em ser-me entregue o documento que requeri, poderia ser mais attencioso ainda escrevendo tres ou quatro artigos, em vez desta ligeira defeza.

Cumpre-me, porém confessar que foi-me da maior utilidade a lição aprendida com SS. SS., a qual servirá tambem para meus mestres os illustres Srs. Ramnée, Lessueur, Lefuel, Balthar, Duc, e outros que pensaram de modo diametralmente opposto.

Peço mil desculpas a SS. SS. por lhes ter feito perder seu precioso tempo com tão insignificante assumpto.

Tenho a honra de pôr-me á disposição de SS.SS., em Paris, onde resido.

Sou de SS. SS. discipulo, creado e admirador.— *Francisco Caminhoá*, architecto.

Republica de 5 de Setembro 1872.

A' proposito da precedente publicação o Dr. Salvador de Mendonça escreveu:

PELA ORDEM.

Era intenção minha, apenas m'o permittisse a lida quotidiana da imprensa oppôr á resposta com que honrou-me o Sr. Caminhoá novos argumentos em prol das opintões por mim emittidas na critica feita ao projecto do Monumento do campo d'Acclamação.

Ao terminar, porém, a sua resposta, appellou o meu distincto contendor para o laudo dos professores da nossa Academia das Bellas-Artes.

Pelo artigo acima acabam de vêr os leitores que a opinião dos competentes veio decidir a questão a meu favor.

Nada mais tenho a dizer; sinto-me em extremo lisongeado com a decisão dos professores que compuzeram o jury de architectura da nossa Academia, e, comprimentando ainda uma vez o meu contendor pela cortezia mantida para comigo em toda essa discussão, dou-a por terminada.— *Salvador de Mendonça.*— Rio, 5 de Setembro de 1872.

— *Jornal do Commercio* de 21 de Março de 1873 : Monumento patriotico do campo d'Acclamação. — Depois do juizo critico da Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, convem que se publique o — Extracto da critica da Exposição de Bellas-Artes em Pariz em 1873, sobre o mesmo assumpto.

Foi relator do parecer o Sr. professor Ernesto Bose, architecto, inspector dos trabalhos publicos da cidade de Pariz, redactor do *Monitor dos Architectos*, membro de diversas sociedades scientificas:

« O projecto dos Srs. Caminhoá e Bénard, de que fallaremos depois, prova que estes architectos comprehendem bem a decoração de Monumentos desta ordem.

« Um que se póde aproximar dos de Calláo (Perú) e da praça de Clichy (Pariz) é o projecto do Rio de Janeiro.

« Sem pretendermos sequer estabelecer um parallelo com o de Calláo, achamos que a obra dos Srs. Caminhoá e Bénard é a producção de uma grande imaginação.

« A figura que está collocada superiormente na columna póde ser vista de todos os lados, sem chocar a vista.

« O capitel está muito bem estudado, é novo e original, com suas oito volutas, entretanto não tem a riqueza e a amplidão do capitel ordinario.

« Seria porque nossos olhos estão muito habituados á antiga fórma, a qual é mais mascula, mais nervosa e mais firme?

« O todo ou conjuncto deste Monumento é do melhor gosto, e prova que os autores desta composição têm uma grande imaginação, e respeitando todas as boas tradições

têm tendencias para fugirem ou evitarem os lugares communs e repisados, que sob o pretexto de classismo, a maior parte dos artistas não tenta fazer cousa alguma de novo.

« As figuras que estão encostadas na base do fuste da columna, são perfeitamente estudadas, esbeltas e elegantes. As que estão recostadas das bacias estão bellamente grupadas.

« Um critico severo poderia fallar sobre certos detalhes; por exemplo, sobre os quatro angulos do socco da columna, preferiamos francamente claros. Ou as arestas do socco deviam ser conservadas, ou completamente demolidas.

« Achamos tambem muito junctas as cabeças que estão nas bordas das pias; porém, para sermos justos, é preciso dizermos que vimos um modelo com um decimo da execução, e que em ponto grande a perspectiva modifica as cousas; podemos mesmo affirmar que este Monumento ganhará ou tornar-se-ha muito mais bello, quando estiver do tamanho real.

« Em summa, esta obra é notavel: lastimamos que (na Exposição de Bellas-Artes em Pariz) ella não tivesse sido collocada sobre um dos *massifs* de verdura do jardim; um semelhante meio lhe teria melhor convindo.

« O Monumento dos Srs. Caminhoá e Bénard nos demonstra, pois, de um modo irrecusavel, que se em Paris se chamasse em concurso, quando se tivesse de erigir chafarizes monumentaes, não teriamos a dôr de ver nossas praças e *squares* decorados com essas composições tão desconjuntadas e de um tão pobre effeito. »

No Monitor dos Architectos, jornal que se publica em Paris, lê-se o seguinte artigo do professor de architectura Daniel Ramnée, com referencia ao Monumento que tem de ser erigido no campo d'Acclamação, lê se :

« A guerra do Brasil com a republica do Paraguay, iniciada em 1865, teve seu termo na victoria de Aquidaban em 1870. O resultado desse conflicto terrivel tornou afinal o Brasil senhor dos destinos do seu inimigo.

« Os successos militares de sua patria inspiraram a um architecto brasileiro e a um seu collega francez a idéa de immortalisal-os por um Monumento commemorativo. Estes dous architectos conceberam, pois, um projecto que remetteram para o Brasil e a Camara Municipal do Rio de Janeiro esposou o patriotico pensamento.

« O presidente da mesma Camara, como homem de gosto, vivamente compenetrado da conveniencia e opportunidade deste projecto, propoz uma subscripção nacional nos dous mundos.

« S. M. Imperador, como o primeiro cidadão e personificação viva do poder, assim como a Familia Imperial, auxiliou com sua alta protecção a execução do referido Monumento.

« Por seu lado, a população do Brasil acolheu com fervor e diligencia a realisação material da memoria dos seus sacrificios e de suas victorias.

« O projecto dos nossos dous architectos, os Srs. Caminhoá e Paul Bénard, consiste em uma columna monumental gigantesca, de cerca de sessenta metros de elevação.

« A antiguidade já se havia servido desse genero de Monumentos para perpetuar a recordação de triumphos e victorias, taes como as columnas Trajano e Antonino, em Roma, e a de Pompeu, em Alexandria, no Egypto.

« Esta columna, de uma fórma original e variada, distingue-se das que acabamos de mencionar não só pela riqueza de sua base e elegancia dos seus detalhes, como tambem pela multiplicidade de sua ornamentação. Para darem mais movimento e vida á composição, os architectos levantaram sua columna sobre um envasamento formando chafariz. A concepção deste envasamento é original e digna de nota; offerece grandes vantagens, não só pelo lado artistico, como ainda pelo lado pittoresco: como artistico pela ordem, elegancia e riqueza; como pittoresco pela variedade das fórmas, sempre de conformidade com a conveniencia e a severidade architecturaes. O envasamento respeita bem a fórma pyramidal; é concebido em todo o rigor das leis naturaes, isto é: mostrar ao mesmo tempo um perfeito equilibrio e a unidade exigida em um trabalho de architectura. A columna, estriada, delgada e esbelta, eleva-se com vigor e solidez sobre sua larga base, tendo nos quatro angulos graciosas — famas — sustentando grinaldas e separadas umas das outras por escudos, onde se acham representados os principaes feitos de armas da guerra do Paraguay. O capitel, de ordem composita inspirada do jonico grego, corôa perfeitamente o fuste da columna, cujo remate em um globo estrellado figurando as armas do Brasil e sustentando uma figura allegorica de mulher, que representa o poder, como a energia calma e victoriosa do grande Imperio.

« Em boa hora abre, emfim, o Brasil uma nova éra para a civilisação, erigindo o primeiro monumento moderno da arte; porque a arte, como ensina a historia, é um poderoso meio de cultura intellectual, e que sabe idealisar os assumptos mais vulgares. Quando a arte é bem formulada, impressiona os olhos e o espirito de um povo inteiro e lhe abre caminhos até então desconhecidos para gosos reaes e duradouros, que despertam e ennobrecem o sentimento nacional e o impellem a novas e numerosas conquistas intellectuaes.

« A architectura é um livro escripto com clareza, em que se póde ler o passado e aprender com o presente; ella é mesmo algumas vezes o unico vestigio da civilisação que de todo desappareceu, como o attestam os monumentos do Egypto, da Assyria e da Babylonia. A architectura faz nascer e desenvolver as emoções do coração, e essas emoções, communicando-se de um para outro homem, acabam por cultivar os povos mais primitivos.

« No anno de 1870 a Camara Municipal do Rio de Janeiro teve a feliz idéa de querer collocar o Monumento commemorativo da luta do Paraguay no centro do vasto campo d'Acclamação, convertido e preparado em jardim ricamente adornado.

« Esperamos que a actual Camara realisará esse projecto e embellezará a cidade com um passeio elegantemente enfeitado, e que servindo para recreio dos habitantes, contribuirá tambem para a salubridade publica. »

MONUMENTO COMMEMORATIVO DA GUERRA DO PARAGUAY. (*)

— *Juiso critico do celebre architecto austriaco Wilhelm Stiassny, publicado no — Neue frei Presse— de Vienna, ácerca do Monumento destinado ao campo d'Acclamação, no Rio de Janeiro,*

Perto do portal de Oeste, e no fim da galeria do Norte, destinada aos objectos enviados á Exposição Universal de Vienna pelos paizes da America central e meridional, figura o modelo de um Monumento triumphal, apresentado pelos architectos Caminhoá e Bénard, o qual deve recordar á nação brasileira a bravura e dedicação de seus filhos durante a guerra com o Paraguay.

Os referidos architectos propõem-se a erigir esse Monumento no centro da vasta praça da Acclamação, na cidade do Rio de Janeiro. Sobre uma baze octogona, que será de granito polido; eleva-se o pedestal do Monumento, que apresenta faces quadradas por todos os lados. Em cima de cada uma dessas faces, acham-se duas figuras assentadas e encostadas á uma urna. Estas figuras serão de marmore de Carrara e representarão os oito principaes rios do Brasil.

Os angulos desta parte rectangular são ornados de prôas de navios que recordam as victorias navaes.

O bojo destes navios terminam de um modo engenhoso e bello, em monstros marinhos, cujas fauces abertas derramam, assim como as urnas, jorros d'agua que cahem nas bacias da base.

(*) Este artigo foi tradusido pelo *Jornal do Commercio* de 30 de Novembro 1873 e por varios outros jornaes da Europa.

Quatro bacias semi-circulares de marmore collocadas diagonalmente derramam numerosos jorros d'agua nas bacias inferiores.

A agua, que ordinariamente é de bom effeito nos grandes monumentos, autorisou com razão os autores do projecto a servirem-se della com grande vantagem, á vista do clima abrazador do Rio de Janeiro, onde a agua e as fontes podem ser considerados os symbolos da frescura e da animação.

Do pedestal eleva-se a parte principal; isto é uma columna cannellada com um capitel de ordem composta, a qual será, bem como as prôas dos navios de bronze de varias côres, proveniente dos canhões conquistados ao inimigo.

É incontestavel que foi muito feliz a idéa de empregar a polychromia no bronze; tal methodo não poderá deixar de produzir optimo effeito.

O pedestal da columna é ornado de quatro Victorias representando as diversas especies de armas.

Estas Victorias seguram palmas e grinaldas de flôres.

O capitel supporta um globo, collocado sobre folhas de acantho e semeado de estrellas symbolisando as provincias do Brasil.

O vertice do Monumento é coroado pela figura allegorica e guerreira do Brasil tendo na mão a bandeira nacional e esmagando a anarchia.

Attendendo á extraordinaria altura do Monumento, do qual o modelo é a decima parte da execução, e devendo as partes superiores ser vistas a grande distancia, parece-nos que a figura do Brasil é um tanto pequena.

Quanto á ella, diremos que desejariamos vê-la substituida por uma « *Nike apteros* » ; e neste caso a figura da anarchia, deveria ser supprimida, a não se tornar necessaria para symbolisar o todo, ou as exigencias nacionaes ou locaes.

Segundo a nossa opinião, a figura da anarchia, que está na parte superior do Monumento, destroe um pouco a harmonia das linhas.

Da suppressão acima aconselhada, segue-se que desejariamos que se désse uma proporção mais elegante da sua altura da metade ou dos tres quartos de seu diametro inferior.

Esta modificação faria realçar ainda mais as tão graciosas proporções do Monumento.

As victorias formam uma transição feliz da fórma quadrada da base do Monumento para a apparencia circular da columna.

Quereriamos que os medalhões, collocados entre as Victorias, e representando as mais importantes batalhas ganhas pelo Brasil, fossem de maior diametro, por causa da altura em que se acham.

Outrosim, convinha que a base tivesse mais particularidades e menos altura.

É nossa opinião que os degráos inferiores, assim como as partes das bacias que sustentam os monstros marinhos, deveriam estender-se horisontalmente ; afim de que o desaguar das bacias não fosse verticalmente.

Todas estas particularidades, porém, pouco influem sobre o todo.

O que chamou principalmente a nossa attenção foi o *exito completo* pelo qual as prôas dos navios se

desenvolvem, e bem assim a sua ligação com o corpo principal da base !

A escolha das posições dos grupos de figuras descançando sobre as urnas é a mais feliz possivel, e essas figuras têm muita nobreza; a ornamentação do todo é nova e muito agradavel á vista.

Podemos affirmar que poucos monumentos produzirão uma impressão tão favoravel ao espectador como este !

As fórmas dos conjunctos e as particularidades serão realçadas por meio das linhas formadas pelas aguas, que jorrarem dos diversos lugares indicados no modelo.

Se quizerem contestar ao modelo a calma e severidade que muitos exigem para um Monumento triumphal, não poderão fazel-o em relação ás graciosas linhas de seus contornos, assim como á elegancia progressiva do todo da composição, que prima por sua originalidade.

Não conversamos com os autores, nem os conhecemos ; porém, parece-nos que elles tiveram tambem em vista principalmente erigirem um Monumento que recorde tanto os triumphos das armas do seu paiz como uma paz duradoura, e difficilmente obtida como somos informados, neste caso é ainda mais grandiosa a concepção artistica.

Pelo respeito que nos merece á todos nós brasileiros o nome de Manoel de Araujo Porto Alegre, hoje Barão

de S. Angelo, o artista poeta e illustrado, não podemos deixar de registrar tambem sua opinião sobre o nosso Monumento, para cuja subscripção elle tanto concorreu, como nosso Consul Geral em Lisboa.

Fez-lhe tão agradavel impressão o modelo, que elle entendeu dever disso fazer o assumpto de um relatorio para o Governo Imperial, intitulado:— « Juiso critico e estethico sobre o pensamento e symbolismo do modelo da columna monumental, exposto pelo Sr. F. de A. Caminhoá architecto brasileiro. »

Sua opinião verbal perante os brasileiros e estrangeiros é a mais lisongeira e animadora; e salvos alguns pequenos detalhes das proporções, ou outros de ordem secundaria, entendia ser o todo original, bello, e conforme as regras d'arte.

Depois dos ultimos estudos que fizemos e correcções do modelo, elle nos disse que só tinha grandes elogios á fazer.

O assumpto causou-lhe o maior enthusiasmo. Como brasileiro e como o decano dos artistas nacionaes seu coração não podia deixar de pulsar perante um motivo patriotico, que elle julgou bem comprehendido e executado —; porque entende que:

« *A architectura não é sómente o vestuario pomposo das nações, mas sim o testemunho de sua opulencia, dignidade e gosto; é mais ainda, porque é a revelação de suas tendencias ao bello, ao grandioso, e á perfectibilidade. Da grandeza e applicação dos edificios de uma cidade, se concebe logo o gráo de seu adiantamento intellectual e social.*

« *A architectura civil exprime a vida da nação, assim como a domestica a do cidadão.* »

Proferidas as sentenças conscienciosas e meditadas dos grandes mestres d'architectura na culta Europa, póde o publico de meu paiz reconhecer, e podem os Augustos Representantes da Nação e a imprensa brasileira bem avaliarem da importancia e criterio do parecer assignado pelos professores da Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, os Srs. Bittencourt da Silva, Padua de Castro e Gomes Moreira Maia !

Fica bem patente sua inopia de conhecimentos nas materias que professam, o nenhum criterio de suas opiniões technicas e o antagonismo de suas idéas com as dos verdadeiros architectos ; sem lembrarmos a sua linguagem impropria e inadmissivel até n'um simples neophyto ! ! !

Seja-nos permittida aqui uma simples pergunta : — Qual o monumento ou monumentos feitos por aquelles professores com estylo, regras e proporções ? !

Não admira, por tanto o juizo por elles emittido sobre um assumpto que requer profundos conhecimentos de historia das bellas artes e de esthetica ! !

TERCEIRA PARTE.

ANNEXOS.

Orçamento do projecto do Monumento patriotico para o Brasil, a erigir no campo d'Acclamação — Rio de Janeiro.

Altura 60,m00.	Francos.
Com as escavações dos alicerces, obras de pedreiro e cantaria	950.000,00
Andaimes e barreiras, etc.	100.000,00
Obras de chumbo e soldas	30.000,00
Esculptura estatuaria e marmore. . .	430.000,00
Esculptura de ornamentos e modelo. .	120.000,00
Bronze, cinzelamento e fundição. . .	1.200.000,00
Pintura, douramento e apparelho para o gaz	120.000,00
Gradil e obras de ferreiro	50.000,00
Modelo, encaixotamento, transporte e seguros	150.000,00
Imprevistos	20.000,00
	3.170.000,00
Para os architectos e suas depezas 6 °/₀	190.200,00
Somma total	3.360.200,00

Ou em libras sterlinas 134.408 ao cambio de 27 equivalente em moeda do Brasil Rs. 1,194:752$712.

Liquido, 1,200:000$000. — *F. de A. M. Caminhoá*, engenheiro architecto.

Peças justificativas do orçamento do projecto do Monumento patriotico a erigir no campo da Acclamacão no Rio de Janeiro.

Escola N. de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

Columna de Julho (praça da Bastilha)
Paris.
Começada em 1831.
Acabada em 1840.
Altura 50,m50.

Despezas feitas :

	Francos.
Embasamento e obras de pedreiro . .	592.000,00
Columna, obras de pedreiro e outras .	108.000,00
Andaimes. barreiras, etc.	91.500,00
Obras de marmore	140.500,00
Ditas de bronze.	697.000,00
Estatua de bronze	60.000,00
Esculptura de ornamentos e modelo .	63.000,00
Dourado da estatua e das letras . .	8.000,00
Apparelho de illuminação. . . . ,	23.000,00
Grade para rodear a columna . . .	24.500,00
Para o architecto	87.500,00
Total.	1.895.000,00

Observação.— A differença nos preços tomados pelas tabellas de 1831 e pelas da epocha actual estando na proporção de 3 : 5, resulta que, se aquella columna fosse feita hoje, custaria fr. 3.158.333,33. Cumpre notar que a do campo da Acclamação tem 9,m50 mais de altura do que esta.

Columna Vendôme
Pariz.
Começada em 1806.
Acabada em 1810.
Altura 44m,00.

Despezas feitas: .

	Francos.
Fundição	164.837,00
Verificação dos pesos e ligas, etc. .	450,00
De cinzelar	267.219,00
Esculptura (comprehendendo a estatua).	251.115,00
Honorarios do architecto e desenhos . .	61.400,00
Construcção e obras de pedreiro. . ,	345.367,00
Andaimes, barreiras, etc., etc. . .	105.367,00
Obras de ferreiro.	44.145,00
Ditas de chumbeiro.	4.065,00
Ditas de carpinteiro.	57.784,00
Ditas de marmores.	34.150,00
Trabalhos diversos.	11.101,00
Valor do bronze dos canhões: 251,367 kilos a 2,50 francos o kilo. .	628.417,00
Total.	1.975.417,00

Observação. — A differença do preço de 1806 para hoje, em Pariz, sendo na proporção de 3 : 5, aquella columna custaria hoje a quantia de fr. 3.292.361,66. Note-se que é menos alta do que a do Rio de Janeiro 16 metros.

Contracto para o Monumento patriotico do Brasil, a erigir no campo d'Acclamação.

Escriptura de contracto que fazem a Illma. Camara Municipal da Côrte e o Engenheiro architecto Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, para o fim de encarregar-se de um Monumento commemorativo do triumpho das armas brasileiras na guerra do Paraguay, conforme o plano por elle offerecido e por aquella aprovado em sessão de 16 de Março de 1870.

Art. 1.° O architecto Caminhoá, na qualidade de contractador, e preposto da Illma. Camara, obriga-se a fazer construir na Europa e erigir no centro da praça d'Acclamação, sob sua immediata inspecção e responsabilidade, um Monumento conforme o modelo adoptado pela mesma Camara, com as modificações convenientes ao bom effeito de optica e as conveniencias da arte, com as seguintes condições:

§ 1.° Terá a altura nunca menor de 60 metros, e de largura, circumferencia, ou perimetros as dimenções correlativas á altura, segundo as boas regras da architectura.

§ 2.° Assentará em alicerces construidos sobre *pilotis e betom*, abobadas de granito para o serviço das aguas, e do gaz.

§ 3.° Seu embazamento será de cantaria fina, de Portugal ou equivalente, sendo de bronze os rios, e

bem assim a columna e parte allegorica — *Famas rostres*, e pias semicirculares.

§ 4.° O bronze de todas as peças será composto de uma liga em que entrem: de cobre 81,80; de zinco 11,60; de estanho 3,40; e de chumbo 3,20.

§ 5.° A espessura do bronze variará na columna de 15 a 22 millimetros, sendo a mesma columna reforçada por oito contra-fortes de bronze collocados internamente de alto a baixo, com 12 centimetros de espessura e formando com ella um unico corpo, e mais por placas tambem de bronze que fechem as differentes peças, bem como por uma escada ainda de bronze e da fórma chamada *perroquet*, a qual se prestará tambem ao serviço interno da columna.

§ 6.° O systema será polychromico, se forem bem succedidas as experiencias a que se está procedendo em Paris, devendo ser a Camara previamente avisada no caso de falharem taes experiencias.

Art. 2.° O architecto Caminhoá obriga-se mais a fazer construir e assentar esse Monumento e encanar para elle agua e gaz, que a Illma. Camara porá á sua disposição junto ao Monumento, pelo preço maximo de mil e duzentos contos de réis.

Art. 3.° Essa somma será posta pela Illma. Camara á disposição de um agente seu na Europa, o qual será obrigado a satisfazer as necessarias despezas, desde que as respectivas contas trouxerem o visto do architecto; sendo que este só fará progredir os trabalhos da construcção, á proporção que receber aviso do agente de haver verba para pagal-os.

Art. 4.° Obriga-se ainda o architecto contractante a

dar o Monumento prompto, acabado, e assentado no lugar que lhe está destinado no praso de 3 annos e meio, se toda a quantia estiver depositada em tempo, á contar do aviso do agente da Illma. Camara, comprovado pela resposta immediata do architecto; e no caso contrario só entregará 6 mezes depois de receber a ultima prestação, se fôr esta menor de 1/3 de todo o capital orçado, ou em 1 anno depois, se fôr maior de 1/3.

Art. 5.° Obriga-se finalmente o architecto contractante a dar fiador a contento da Illma. Camara, logo que este seja assignado, o qual juntamente com elle responderá pela fiel execução deste contracto e pela solidez das construcções durante cinco annos, bem como obriga-se a enviar á Illma. Camara logo que estejam terminados os estudos e correcções, um modelo em bronze da mesma liga que aquelle, com um decimo de sua execução.

Art. 6.° Se o architecto contractante faltar ao que dispõem os §§ 1.° 2.° 3.° 4.° e 5.° do Art. 1.° pagará á Illma. Camara uma multa equivalente ao triplo da falta encontrada, apreciada por arbitros nomeados no Rio de Janeiro por ambas as partes contractantes.

Art. 7.° A Illma. Camara por sua parte obriga-se a fornecer ao architecto na Europa e no Brasil todo o capital necessario á construcção, transporte, erecção e mais despezas com o Monumento até a quantia orçada de mil e duzentos contos de réis.

Art. 8.° Obriga-se por seus agentes na Europa a fazer aviso ao architecto de todas as sommas de que dispõe o mesmo agente, bem como a satisfazer pontualmente as contas de despezas que trouxerem o visto

do architecto, e que estiverem dentro das forças do capital que o agente tiver-lhe avisado existir em seu poder.

Art. 9.° Obriga-se mais a pôr á sua disposição em qualquer parte da Europa, que lhe seja indicada, as peças de artilharia tomadas aos paraguayos, se com tudo o Governo Imperial não lh'as recusar; sendo que o valor do bronze de taes canhões deverá ser deduzido á razão de 2 francos por kilogrammo do orçamento feito, o qual não comprehende tambem os direitos do Estado, que se presumem não terem de ser pagos pela importação de um Monumento publico.

Art. 10. Obriga-se, finalmente, a conceder um praso rasoavel aos herdeiros de Caminhoá, no caso de morte deste, para que possam contractar a construcção do Monumento, se quizerem assumir a responsabilidade da execução do presente contracto.

§ 1.° No caso dos herdeiros não poderem realisar, serão indemnisados da parte que estiver feita na mesma razão de 6 %, descontando a porcentagem que já tiver elle recebido.

Art. 11. Se a Camara, por seu agente deixar de cumprir as obrigações do Art. 8.°, pagará em favor do architecto uma multa de 6 % do valor existente em poder do dito agente.

Art. 12. Se abandonar a ideia de erigir o Monumento desde que este contracto se ache assignado, pagará ao architecto 6 % do orçamento nominal (que é a commissão do mesmo architecto para levar a effeito a obra) receberá elle tal commissão por parcellas, isto é, ir-se-lhe-ha contando e pagando á medida que se fo-

rem satisfazendo as despezas do Monumento; de modo que a ultima quota ser-lhe-ha entregue quando se pagarem as ultimas despezas do assentamento do Monumento.

Art. 13. Se, achando-se nesta Côrte todas ou parte das peças do Monumento, a Illma. Camara não puzer á disposição do architecto, logo que este reclamar, o terreno em que deve assentar o dito Monumento, ou se faltar-lhe com agua e gaz necessario, pagará multa igual á da infracção do Art. 8.°.

Art. 14. Fica entendido: 1.° que Caminhoá é sempre o unico contractante superintendente da Camara para fazer construir e erigir o Monumento; recebendo por isso a commissão de 6% sobre os mil e dusentos contos de réis ajustados, e não podendo gastar mais do que até este orçamento, salvo motivo legal e approvado pela Illma. Camara; 2.° que a Camara para occorrer ás despezas com o Monumento recorrerá a uma subscripção nacional.

Art. 15. Fica igualmente entendido: 1.° que todas as obras pagas pelo agente da Camara ficam desde logo propriedade desta, e como taes serão despachadas e remetidas para o Brasil, á sua ordem e disposição; 2.° que se o Monumento não custar a quantia orçada, o excedente reverterá aos cofres municipaes, do mesmo modo como sahirá do emprezario a quantia necessaria, se custar mais do que foi orçado; salvo qualquer causa independente de sua vontade.

Art. 16. Este contracto, por isso que depende de concessão dos poderes geraes, não tem valor algum sem approvação do Governo Imperial.

Escola Nal de Bellas Artes
Bibliotheca
Capital Federal

Art. 17. Qualquer duvida suscitada entre as duas partes contractantes será resolvida por meio de arbitros nomeados por ellas, no paiz, pagando uma multa de 6 % do valor do objecto á cujo respeito versar a duvida aquella das duas partes que não se sujeitar á decisão arbitral.—Dr. *Bezerra*, *Araujo Lima*, Dr. *Thomaz Coelho*.

Carta do Exm. Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna.

Illm. Sr. Engenheiro Caminhoá, — Tive o prazer de lêr o juiso critico dos insignes artistas que examinaram o projecto do Monumento de que é V. S. autor e fôra approvado pela Illma. Camara Municipal da Côrte, não só por que abona o seu reconhecido merito, como confirma o juizo da nossa Municipalidade. Já não ha razão para esmorecer na obra começada sob tão felizes auspicios. Escreverá V. S. em bronze a historia das glorias do nosso exercito e armada, e não é pequena a satisfação que lhe cábe, juntando o seu nome a tão perpetua memoria. Eu lhe dou meus sinceros parabens. A Camara Municipal que tive a honra de presidir, cumpre confessar, concorreu com bôa vontade e patriotismo para o proseguimento da ideia concebida e que por V. S. deverá ser realizada. Infelizmente não dispunha a Municipalidade de recursos para autorisar a despeza necessaria, appellou para o patriotismo da Praça do Commercio da Côrte e mereceu a promessa de sua valiosa cooperação. A publicação de todos os documentos relativos ao Monumento era de conveniencia para esclarecimento dos poderes publicos á quem deverá recorrer a Illma. Camara para pedir auxilios. Nada sei das regras da Arte que V. S. professa no estrangeiro com tanta gloria para nossa terra, entretanto não lhe posso occultar que o seu projecto muito me agradou lógo que me foi apresentado e fiquei contente vendo-o adoptado pela Municipalidade. As correcções feitas sem duvida que o melhorarão, e em verdade anceio por

vel-o levantado em bronze na soberba praça da Acclamação, tesmunhando o talento de artista brasileiro e a gratidão nacional.

Receba os protestos sinceros de minha admiração e particular estima. — *Dr. Antonio Ferreira Vianna.*

Santa Christina, 27 de Julho de 1874

Typographia — PERSEVERANÇA —, rua do Hospicio, n. 85.